

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A
CIÊNCIA E A MATEMÁTICA**

MARCIA DAIANE DA SILVA

**EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:
ESTADO DA ARTE DAS PUBLICAÇÕES DA ÁREA 46 DA CAPES**

**MARINGÁ – PR
2012**

MARCIA DAIANE DA SILVA

**EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:
ESTADO DA ARTE DAS PUBLICAÇÕES DA ÁREA 46 DA CAPES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação para a Ciência e a Matemática.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Orientadora: Dra Luzia Marta Bellini

**MARINGÁ – PR
2012**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

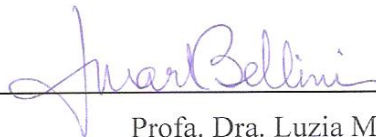
S586e	<p>Silva, Marcia Daiane da Educação, sexualidade e divulgação científica: estado da arte das publicações da área 46 da Capes / Marcia Daiane da Silva. -- Maringá, 2012. 142 f. : il. col., figs., tabs.</p> <p>Orientador: Prof^a. Dr^a. Luzia Marta Bellini. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós- Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática, 2012.</p> <p>1. Sexualidade. 2. Educação sexual. 3. Orientação sexual. 4. Educação para a Ciência. I. Bellini, Luzia Marta, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática III. Título.</p> <p>CDD 21.ed. 507</p>
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

MARCIA DAIANE DA SILVA

**Educação, sexualidade e divulgação científica: estado da arte das
publicações da área 46 da CAPES**

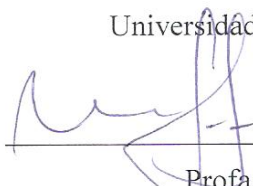
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação para a Ciência e a Matemática.

BANCA EXAMINADORA



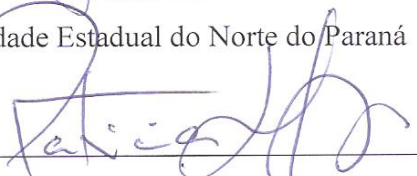
Prof. Dra. Luzia Marta Bellini

Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dra. Maria Cristina Cavaleiro

Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP



Prof. Dra. Patrícia Lessa dos Santos

Universidade Estadual de Maringá – UEM

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os que contribuíram e participaram comigo na sua realização.

AGRADECIMENTOS

Entre os tantos momentos que passei até chegar aqui, muitas pessoas passaram pela minha vida e me marcaram de diferentes formas, mas posso dizer que todas, tendo me provocado alegrias ou tristezas, deixaram sua marca, me propiciaram um aprendizado que levarei pela vida toda. Aos que me apoiaram, fizeram grande diferença na minha vida e agradeço enormemente, aos que não me apoiaram, não tenho considerações, pois destes já esqueci, eu tenho o hábito de só levar comigo quem eu possa contar.

Muitas foram às dificuldades que me atropelaram até a chegar ao fim desta etapa, digo etapa, pois após essa se iniciam várias outras, este é o grande sentido da vida, nunca parar... Mas chegar até aqui não é obra de apenas uma pessoa, optei por não citar nomes, mas em primeiro Deus, só ele sabe das minhas lutas, vitórias e derrotas que tive até chegar ao fim desta etapa, mais sempre estive ali e de alguma forma me ajudou a levantar e me mostrou o caminho.

Agradeço a minha família pelos momentos que me apoiaram. Pelos momentos que não me apoiaram, compreensão, sei que mesmo quando que se fizeram ausentes, sempre desejaram a minha felicidade.

Para agradecer aos meus amigos, gostaria de poder abraçar um a um dos que estiveram ao meu lado, me apoiando, sendo mãe, pai e irmão além de amigos, mas como o tempo passou e muitos se dispersaram quero apenas lembrar aqui da minha enorme amizade, tenho todos guardados no meu coração. Amigas e amigos de Guaraniaçu, minha cidade natal, amigas e amigos da graduação, companheiras de sala de aula e de república, pessoas que ficarão no meu coração eternamente, vocês me ensinaram a ser uma pessoa melhor, não tenho dúvida disso.

Não posso esquecer-me dos grandes professores que tive na graduação e no mestrado, com os quais aprendi a gostar e a discutir as questões do ensino nas ciências. Agradeço também a professora Marta Bellini, pela orientação. Agradeço ainda a banca examinadora que se dispôs a ler e contribuir com minha pesquisa e a CAPES pela bolsa concedida, que propiciou a realização dessa pesquisa e de um sonho meu.

No meio do caminho

[...]

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

Tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade.

SILVA, Marcia Daiane da. **Educação, sexualidade e divulgação científica**: estado da arte das publicações da área 46 da CAPES. Maringá, 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e a Matemática) Universidade Estadual de Maringá.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caráter qualitativo e quantitativo, resultado da intenção de investigar as publicações de revistas qualificadas na área 46 da CAPES, no que diz respeito a sexualidade e educação, considerando o debate divergente que se instituiu em torno dos termos educação sexual e orientação sexual. Tomamos para este debate a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e a retórica argumentativa (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005) dos artigos publicados na área 46, considerando os seguintes objetivos: a) analisar o conteúdo dos artigos e quais os termos que circulam nas pesquisas que envolvem educação e sexualidade; b) conhecer como se estabelece o debate entre os termos educação sexual e orientação sexual nas publicações da área 46. Os resultados encontrados nos permitem considerar a baixa publicação de pesquisas na área de educação e educação para a ciência nos últimos 10 anos, o que mostra que, apesar de todo crescimento em pesquisas na área, especialmente após a inclusão do tema no currículo escolar por meio dos PCN é preciso avançar muito em pesquisas sobre sexualidade nas áreas de educação e educação para ciência. Um fator relevante para a área é o aumento das pesquisas em gênero e diversidade sexual, contribuem muito com o debate e a mudança de paradigma na área. A perspectiva da sexualidade numa abordagem histórica, social e cultural é um evento positivo para as pesquisas em sexualidade humana, porém, ainda estão centradas no caráter biológico da sexualidade humana, podendo ser observado na metodologia das pesquisas, que se apresentam na maioria voltada ao curso de ciências biológicas. Com esta pesquisa confirmamos a importância da divulgação científica das pesquisas e a necessidade de melhor circulação das mesmas.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Sexual. Orientação Sexual. Educação para a Ciência.

SILVA, Marcia Daiane da. **Education, sexuality and divulgation scientific: state of the art of publications of the area 46 of CAPES.** Maringá, 2012. 142 f. Dissertation (Master's Degree in Education for Science and Mathematics). State University of Maringá.

ABSTRACT

This paper presents a study of qualitative and quantitative results of the intention the investigate the publication of magazines in the area 46, qualified CAPES, as regards sexuality and education, considering the divergent debate which was established around the terms sex education an sexual orientation. We take this discussion to a content analysis (BARDIN, 1977) and rhetorical argumentation (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005) of area 46 in the articles published, considering the following objectives: a) analyzing the content of articles and on the terms that circulate in research involving education and sexuality; b) know how to establish the terms of the debate between sex education and sexual orientation in area 46 publications. The results allow us to consider the low publication of research in education and for the past 10 years, this shows that, despite all the growth in research in the area, especially after the inclusion of the subject in the school curriculum through of PCNs is very necessary to advance in research on sexuality in the areas of education and science education. One factor relevant to the area is the increase in research on gender and sexual diversity, contribute much to the debate and the paradigm shift in the area. The prospect of a historical approach sexuality, social and cultural development is a positive event for a research on human sexuality, but, are still focused on the biological nature of human sexuality, can be seen in the methodology of the research, which mostly focused on the present course biological science. This research confirmed the importance of disseminating scientific research and the need for better circulation of the same.

Key Words: Sexuality; Sex education; Sexual orientation; Education for Science

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: Expansão do número de programas de pós-graduação da área de Ensino de Ciências e Matemática no período de 2000 a 2010	21
GRÁFICO 2: Publicações em sexualidade e educação da área 46 no período de 2000-2010.....	79
TABELA 1: Agrupamento das categorias com seus respectivos artigos	81
TABELA 2: Categoria 1 – Prevenção.....	81
TABELA 3: Categoria 2 – Sexualidade	83
TABELA 4: Categoria 3 - Educação sexual <i>versus</i> Orientação sexual	84
TABELA5: Categoria 4 – Gênero	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida
ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DST	Doença Sexualmente Transmissível
IEB	Instituições de Educação Básica
MD	Módulo Didático
LDB/1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/1996
PCM	Programa de Mestrado em Educação para Ciência e a Matemática da
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
UEM	Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO: OS PERCURSOS HISTÓRICOS	16
2. A PESQUISA	20
2.1. Definição do objeto de pesquisa	20
2.2. A seleção das revistas da área 46	22
2.3. O exame de conteúdo das revistas	24
2.4. A argumentação como base teórica para o exame dos sentidos constituídos na área de educação para a ciência	24
3. SEXUALIDADE HUMANA.....	29
3.1. Os aspectos biológicos, culturais e sociais da sexualidade	29
3.2. Educação sexual e orientação sexual: dois conceitos em debate	34
4. ANÁLISE DO CORPUS:.....	38
4.1. Da análise quantitativa dos artigos: o conteúdo	78
4.2. Da análise qualitativa dos artigos: a argumentação	81
4.3. A guisa de divulgação científica: alguns apontamentos sobre questões técnicas	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
6. REFERÊNCIAS	93
7. ANEXOS	96
7.1. Anexo 1: Relatório de Avaliação de Revistas da Área 46 as CAPES – 2008	97

APRESENTAÇÃO

No período em que cursei a minha graduação em Ciências Biológicas, tive a oportunidade de participar como bolsista de um projeto de extensão do programa “Universidade sem Fronteiras”. Neste projeto desenvolvíamos atividades que contemplassem diferentes temáticas como Educação Ambiental; Sexualidade; Higiene e Nutrição; Drogas; Afetividade e Autoestima, as quais foram implementadas em instituições de Educação Básica (IEB). Essas atividades foram estruturadas em formato de Módulo Didático (MD).

Assumi a bolsa de extensão com a responsabilidade de cuidar, em especial, dos aspectos relativos à temática sexualidade. A estruturação do MD sobre sexualidade foi planejada com diferentes atividades lúdicas, dinâmicas e um referencial teórico para nortear os demais bolsistas e professores que, posteriormente, poderiam o aplicar nas IEB.

Esta experiência foi para mim muito valiosa, pois foi meu primeiro contato com a temática sexualidade durante a graduação. Para desenvolver os MD passei a estudar os mais variados conteúdos da área, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aos artigos científicos.

No início desses estudos sobre sexualidade embarcei-me com o seguinte o problema: Porque alguns artigos usam o termo Educação Sexual, outros Orientação Sexual e outros preferem somente o termo Sexualidade?

Em um primeiro momento pensei que fosse apenas uma preferência de cada autor, e não levei em conta tal divergência de nomes para realizar o desenvolvimento do MD de sexualidade, pois ainda era iniciante em pesquisas na área e não tinha conhecimento da discussão que gerou estes dois termos. Por opção da minha orientadora, na época, usamos o termo sexualidade nas pesquisas e publicações do projeto. Porém, com o decorrer do tempo, essa dúvida transformou-se em um incômodo, até porque, ao tratar da orientação da sexualidade do indivíduo, também usamos o termo orientação sexual.

Formei-me e cheguei ao mestrado com esse questionamento apresentado ao PCM por meio do meu projeto de pesquisa. Passei a ter a orientação da professora Marta Bellini, e após muitas discussões, ida e vinda em torno desta pesquisa, definimos o objetivo central para este estudo de dissertação.

Propusemo-nos, então, a investigar e sistematizar por meio da análise de conteúdo e análise retórica argumentativa, quais os sentidos sobre educação e sexualidade se apresentam nos artigos publicados em revistas qualificadas na Área 46¹ da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Com isto pudemos analisar as abordagens e os discursos que explicitam os termos educação sexual e orientação sexual no âmbito da Educação em Ciências.

Releva-se nesta pesquisa, como se apresentam os sentidos dos termos nas pesquisas, para poder lançar um olhar sobre os diferentes termos que circulam na área 46 da CAPES, e assim traçar uma visão panorâmica da área em que até 2010 o programa de mestrado em Educação para Ciência e a Matemática da Universidade Estadual de Maringá (PCM/UEM) estava inserido.

Desse modo, delimitaram-se dois aspectos para análise nesta pesquisa, são eles: a) analisar o conteúdo dos artigos e quais os termos que circulam nas pesquisas que envolvem educação e sexualidade; b) conhecer como se estabelece o debate entre os termos educação sexual e orientação sexual nas publicações da área 46.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos, o capítulo I faz referência a alguns aspectos históricos que refletem a visão da sexualidade da sociedade em determinadas épocas, sua implementação nas escolas de Educação Básica e a separação do significado dos termos, orientação sexual e educação sexual. Consideramos importante entremear pelo caminho histórico até chegar aos dias atuais, pois propiciou observar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo com os conceitos e os objetivos que são delineados para a sexualidade humana, e que obviamente, essas mudanças podem estar presentes nos resultados por nós encontrados.

O capítulo II versa sobre os percursos metodológicos para a construção da pesquisa. Apresenta-se a justificativa pelo uso das metodologias quantitativas e qualitativas, pois ao fazer uso de ambos foi possível desvendar os diferentes discursos e melhor caracterizar a área 46. Por considerar que os debates acerca da sexualidade humana apresentam pluralidade de conceitos, procuramos encontrar qual debate se estabelece na área de educação para a ciência. Para tanto, escolhemos analisar as revistas qualificadas na área 46 da CAPES como delimitamos no subcapítulo 2.1. Os procedimentos para a seleção e análise das revistas e dos artigos estão apresentados nos

¹ A área 46 da CAPES, A área 46 da Capes, que desenvolve pesquisas relacionadas a Educação para a Ciência e a Matemática, foi extinta neste ano de 2011. Porém a abrangência da nossa pesquisa se faz exatamente no período de existência da área 46, como delimitamos nos procedimentos metodológicos.

subcapítulos 2.2 e 2.3. No subcapítulo 2.4 descrevemos o método para análise dos resultados encontrados, o método utilizado é a argumentação retórica.

O capítulo III apresenta os referenciais teóricos que compõem a sexualidade humana, o discurso biológico, social e cultural. Também procuramos abordar o conceito e a diferença entre os termos educação sexual e orientação sexual de acordo com a visão de vários autores consolidados como pesquisadores em sexualidade, especialmente a escolar. Sabe-se que em muitos casos estes termos são tomados como sinônimos, existem diferentes posicionamentos quanto à terminologia e qual justificativa compreende melhor seu significado. Devido a este debate que se instituiu sobre o uso dos termos educação sexual e orientação sexual sempre que se fizer o uso destes termos pelo próprio cunho da autora, se utilizará educação/orientação sexual, para especificar que se conhece a divergência entre os significados, porém, é necessário esclarecer que o posicionamento da autora considera o termo educação sexual mais apto para definir pesquisas em sexualidade no âmbito escolar.

No capítulo IV retratam-se os resultados encontrados. Optou-se por fazer em dois subcapítulos, 4.1 e 4.2, cada um tratou de uma face da análise, quantitativa e qualitativa respectivamente. A análise quantitativa possibilitou conhecer o conteúdo dos principais termos que circulam sobre sexualidade nas pesquisas na área de educação para a ciência, a análise qualitativa possibilitou entender os sentidos e conceitos que circulam sobre os termos. Durante a busca dos resultados, encontramos algumas dificuldades para a análise das revistas e dos artigos, as quais considerou-se que prejudicam a divulgação científica, estas são apresentadas no subcapítulo 4.3.

As considerações finais enfatizam a importância das pesquisas em estado da arte, pois mostram os limites e possibilidades da área 46 e principalmente nos remete a ideia de que pouco se tem publicado sobre educação/orientação sexual no campo da educação e educação para a ciência, bem como a importância dos métodos de divulgação científica, como revistas e periódicos.

1. INTRODUÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO: OS PERCURSOS HISTÓRICOS

Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e falseadora de valores; uma sociedade que viveu a experiência trágica da interdição do corpo com repercussões políticas e ideológicas indiscutíveis; uma sociedade que nasceu negando o corpo. Viver plenamente a sexualidade sem que esses fantasmas, mesmo os mais leves, os mais meigos, interfiram na intimidade do casal que ama e que faz amor, é muito difícil. É preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade. No fundo, sua pergunta é uma advertência para que assumamos, tanto quanto possível, o que estamos sendo. Paulo Freire

Para iniciar o estudo dos sentidos correntes no meio científico e escolar tomamos a discussão de como se estabeleceu a educação sexual na escola até o surgimento do termo orientação sexual contextualizando a história das terminologias.

De acordo com Silva e Neto (2006) a educação sexual dos indivíduos aconteceu, porém, mais pela omissão e punição do que pela informação. Giddens (1993) descreve a longa fase de repressão sexual instituída, na sociedade ocidental que demarcou a sexualidade em função da reprodução e do modelo heteronormativo.

No Brasil, desde 1500 até os dias de hoje, a educação sexual passou por vários momentos, os quais estão definidos em Ribeiro (2004). Ao refletirmos sobre a história da educação sexual nos últimos séculos é possível observar que esta sofreu avanços e recuos e que, ao longo de sua trajetória, foi tratada por diferentes enfoques tais como o médico, higienista, biológico, repressivo e informativo.

A identidade da Educação sexual no Brasil assim como das demais sociedades ocidentais encontraram uma forma de difundir o sexo e a sexualidade por meio de mecanismos de poder baseados na repressão sexual transmitida por discursos com o objetivo de controle dos indivíduos. Este modo de pensar o sexo e a sexualidade constituiu uma *scientia sexualis*, sustentada por um discurso científico instituído pela imensa vontade de “poder-saber” para melhor controlá-lo (FOUCAULT, 2010).

A principal forma de “poder-saber” sobre o sexo foi a confissão, para Foucault (2010). “A confissão difundiu amplamente seus efeitos na: justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas [...]” (FOUCAULT, 2010), e foi o principal procedimento para conhecer a verdade sobre o sexo, ou a *scientia sexualis*. Espontânea ou imposta, a confissão constituiu o cerne da individualização do

poder sobre o indivíduo baseado na relação de prazer em contar e ouvir.

Tomamos a confissão como o primeiro momento de um discurso religioso sobre sexualidade. No Brasil colonial, historicamente, isso ocorreu com a chegada dos portugueses e do discurso da igreja católica representada aqui, pelos Jesuítas. Este discurso segundo Ribeiro (2004), estabelecia normas e condenações ao comportamento sexual dos indivíduos, especialmente reforçando a repressão e a submissão da mulher. Este padrão de comportamento religioso permaneceu inalterado pelos próximos séculos até, quando com o advento da urbanização, passa a ser substituído por um discurso médico que impelia a sexualidade somente para higiene e saúde.

No século XX, nas décadas de 1920 e 1930, a educação sexual passou a ser implementada no contexto escolar, em virtude principalmente da disseminação das doenças ou como são chamadas atualmente, de infecções sexualmente transmissíveis. Nessa época, a escola era concebida como um ambiente de ações preventivas da medicina higiênica, que cuidava da sexualidade de crianças e adolescentes para produzir “comportamentos normais” (ALTMANN, 2001). Desse modo, a introdução do tema encontrou um ambiente propício para a repressão a sexualidade uma vez que impunha medo das doenças sexualmente transmissíveis (SAYÃO, 1997).

Entre as décadas de 1930 e 1950 não temos conhecimento no Brasil de medidas ou iniciativas ligadas à educação sexual. Nos anos de 1960 houve escolas em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro que realizaram experiências importantes na área, inclusive chegando a introduzir a educação sexual no currículo, o que culminou na suspensão e expulsão de professores, alunos e diretoria (SAYÃO, 1997).

Descrevendo as dificuldades da inserção da educação sexual na década de 1960, Rosemberg (1985), salienta que:

A igreja católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60 para que a educação sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro. Em primeiro lugar por sua posição claramente repressiva em matéria de sexo; em segundo lugar pela posição de destaque que ocupou na educação nacional, através da manutenção e da ferrenha defesa na manutenção da sua rede de ensino. Portanto, mesmo antes do final da década de 60, quando ocorreu no país um momento de hipertrofia de um autoritarismo moralista, o sistema de ensino era bastante repressivo, tanto à veiculação de informações quanto à manifestação da sexualidade entre os estudantes [...] Nesse ambiente escolar, o discurso formal sobre sexualidade ou era negado ou era usado como pretexto para desencadear comportamentos punitivos (ROSEMBERG, 1985, p. 12).

Ao final da década de 1960, devido ao aumento de casos de DSTs no país,

políticos e educadores tentaram inserir a educação sexual na escola. Entre essas tentativas está o projeto de lei da deputada Júlia Steinbuch, em 1968, que propunha a inclusão obrigatória de educação sexual nos currículos de 1º e 2º grau (ALTMANN, 2001). Porém, segundo Ribeiro (2004), o projeto foi recusado e engavetado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, porque o regime militar instituído em 1964 reprimiu não só a liberdade individual e das manifestações políticas como também cerceou a discussão sobre a sexualidade dos indivíduos.

Em 1974 um parecer fixou programas de educação e saúde para alunos do 2º grau, incluindo os conteúdos de educação sexual, gestação, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros temas (ROSEMBERG, 1985).

No entanto, em 1978, um documento do Ministério da Educação e Cultura (MEC) manifestou-se contrário à Educação Sexual no espaço escolar. Somente em 1992, diante de preocupações com o aumento dos casos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), o MEC (Ministério da Educação e Cultura) se propôs a implantação, manutenção e/ou ampliação de projeto educativo de prevenção à síndrome nas redes oficiais e privadas de ensino em todos os níveis. No entanto, a preocupação central não foi com a Educação Sexual, mas com a epidemiologia da doença (SILVA; NETO, 2006).

A partir daí, a educação sexual passou a ter importância no ambiente escolar. Vários professores passaram a trabalhar conteúdos relacionados a sexualidade em suas aulas (ALTMANN (2001), SILVA; NETO (2006) e RIBEIRO (2004). Essa mudança foi propiciada com as reformas curriculares e metodológicas nas práticas escolares, especialmente ao propor os temas transversais. Com a oficialização dessa temática no currículo escolar, por meio dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e LDB/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) abriram-se muitas portas para que as escolas passassem a desenvolver trabalhos de orientação/educação sexual, pois estas passavam a ter apoio dos órgãos públicos.

Desde a implantação dos PCN nas escolas, mesmo que não obrigatória, é possível observar o crescimento do número de trabalhos e pesquisas desenvolvidas nesta área como apresenta Figueiró (1995) “Educação Sexual no Brasil: estado da arte de 1980-1993” (Dissertação de Mestrado) e Silva e Neto (2006) “Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: O que mostram as pesquisas” (Tese de Doutorado), que apresentam o retrato do que se tem feito durante os últimos anos para o desenvolvimento e melhorias da educação sexual no Brasil. É

possível observar, através dos resultados destes trabalhos citados, que ainda é preciso melhorar e se desenvolver muito mais pesquisas voltadas a esta temática.

2. OS CAMINHOS DA PESQUISA

Os debates da área de educação para a ciência interagem com os debates acerca da sexualidade humana? Para responder a esta questão, apresentamos nesta seção os percursos metodológicos para a construção da pesquisa, delineando os caminhos que nos levaram a escolha do tema, os procedimentos para a seleção dos resultados e o método para posterior análise dos resultados aqui apresentados.

2.1. Definição do objeto de pesquisa

Os estudos e referências sobre a sexualidade e a educação/orientação sexual assumem múltiplas expressões e sentidos. Os termos e conceitos habitam diferentes espaços, desde programas de pós-graduação até a divulgação de pesquisas e referenciais teóricos em livros e revistas científicas. As publicações dos programas de pós-graduação *Strictu Sensu*, bem como as revistas de divulgação científica são constantemente avaliados pela CAPES².

A avaliação dos Programas de pós-graduação compreende a realização do acompanhamento anual e a avaliação trienal do desempenho de todos os programas e cursos que integram o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Os resultados desse processo são apresentados pela atribuição de uma nota na escala de 1 a 7.

As revistas também sofrem um processo de avaliação são classificadas de acordo com o Qualis, o conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção científica dos programas de pós-graduação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo “Coleta de Dados”. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. Dessa forma, o Qualis avalia a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação.

Para fins de organização, a CAPES classifica os conhecimentos por áreas e classifica os periódicos por meio de um processo anual de atualização. Esses veículos

² A CAPES é um órgão de fomento e avaliação da pós-graduação *Stricto Sensu* (programas de mestrado e doutorado) em nível federal.

são enquadrados numa escala de qualidade onde A1 é o Qualis mais elevado, depois vai se reduzindo a estratificação de A2; B1; B2; B3; B4; B5 e C, o menor Qualis, com peso zero.

O Ensino de Ciências e Matemática pertenceu a grande área Multidisciplinar e a área 46 até o começo de 2011. Porém, a área 46 foi extinta no ano de 2011 e reestruturada, passando a denominar Ensino, como está estabelecido na portaria 83, de 6 de junho de 2011, publicada no Diário Oficial da União:

O Presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 26 do Estatuto da Fundação, aprovado pelo Decreto nº 6.316, de 20 de dezembro de 2007, e em conformidade com a Resolução nº 001 do Conselho Superior, aprovada em sua 54ª reunião, realizada em 26 de maio de 2011, resolve: Art. 1º Criar as seguintes áreas do conhecimento: Biodiversidade; Ciências Ambientais; **Ensino**; Nutrição [...] (BRASIL, 2011, grifo nosso).

A Área de Ensino de Ciências e Matemática (Área 46) foi criada na CAPES em 2000 e consolidou-se com o apoio de pesquisadores oriundos principalmente das áreas de Física, Química, Biologia, Matemática e demais áreas afins.

O crescimento da área 46, com o surgimento de novos cursos, pode ser observado no gráfico 1:

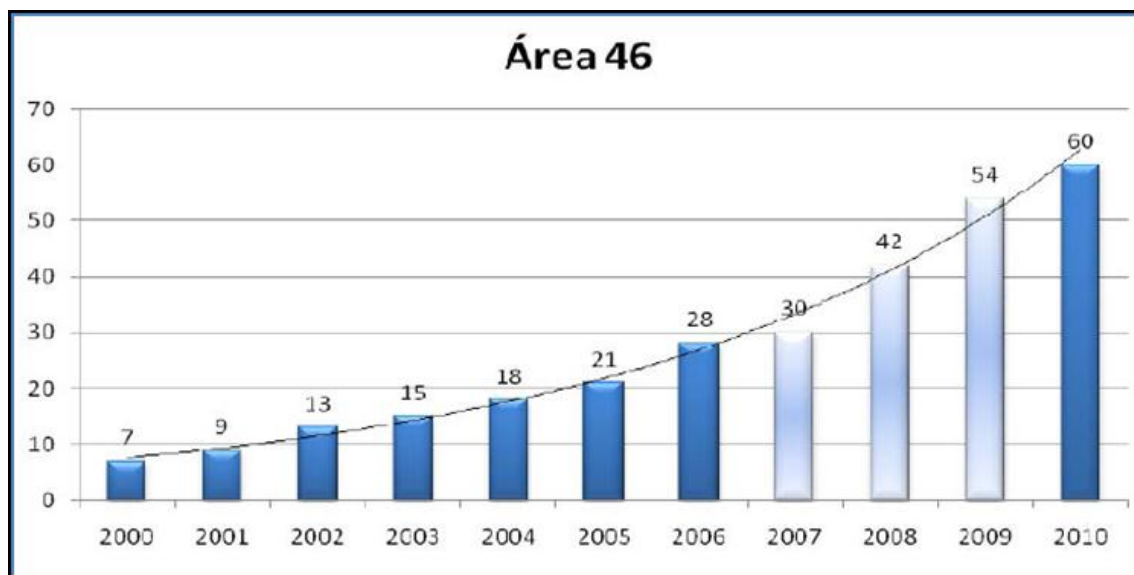


Gráfico 1 – Expansão do número de programas de pós-graduação da área de Ensino de Ciências e Matemática no período de 2000 a 2010.

Fonte: Relatório de Avaliação trienal (2007-2009) da CAPES 2010.

De acordo com esse gráfico, a área de Ensino de Ciências e Matemática, criada em 2000, avançou consideravelmente, apesar disso, em nossa hipótese, o tema sexualidade ainda é pouco explorado na Educação para a Ciência, por tal motivo, para comprovarmos tal hipótese, por considerarmos as revistas científicas um importante meio de divulgação do conhecimento científica, optamos por investigar os sentidos e os termos que se apresentam nas publicações de revistas qualificadas na recém extinta área 46 da CAPES, durante o período de existência desta área, assim, delimitamos para objeto de estudo apenas as revistas de Educação e Educação para a Ciência, sendo apreciados os números e volumes publicados durante o período de existência da área 46, ou seja, de 2000 a 2010.

2.2. A investigação da área 46

Tomou-se como referência para a seleção das revistas da área 46, o relatório ano base 2008 (anexo1). Efetuou-se a seleção exclusivamente por *internet*. Foram encontradas 747 revistas nacionais e internacionais presentes no relatório. Levantamos 426 revistas de circulação nacional.

Das 426 revistas, separou-se as de educação e educação para a ciência, estas somaram 113 revistas. Após, efetuamos de maneira manual a separação, dos números e volumes publicados nestas revistas no período de existência da área 46 (2000 a 2010). Selecionou-se os artigos que se referiam a educação e sexualidade. Esses artigos, e suas respectivas revistas foram arquivados para posterior análise.

O arquivo com os artigos que serão analisados na pesquisa formaram o *corpus* de estudo que, de acordo com Bardin (1977, p. 96), é o “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”.

Para a apreciação das revistas usamos os procedimentos metodológicos propostos pela análise de conteúdo, de Bardin (1977, p. 31), a qual considera a análise de conteúdo “como um conjunto de técnicas de análises das comunicações”.

Na perspectiva de Bardin (1977) a nossa investigação inicia-se pela “pré-análise” das revistas. A pré-análise é fundamentada na frequência com que certos elementos aparecem na mensagem. A seleção destes artigos desenvolveu-se com os seguintes critérios: a) presença dos termos educação sexual e/ou orientação sexual no título; b) presença dos termos educação sexual e/ou orientação sexual nas palavras-

chave; c) presença dos termos sexualidade e educação no título; d) presença dos termos sexualidade e educação nas palavras-chave; e) presença dos termos gênero e/ou educação e/ou sexualidade no título; f) presença dos termos gênero e/ou educação e/ou sexualidade nas palavras-chave; g) artigos nos quais nem o título nem as palavras-chaves apresentam os termos acima citados, porém ao ler o resumo ou o texto completo encontramos relação com os objetivos da pesquisa.

Após a pré-análise, 31 revistas compuseram o *corpus*, são elas:

Acta Scientiae

Alexandria

Cadernos de Pesquisa

Ciência e Educação

Ciência e Saúde Coletiva

Cadernos Pagu

Ciência em Tela

Contrapontos

Educação e Cultura Contemporânea

Educação e Pesquisa

Educação e Realidade

Educação e Sociedade

Educação em Revista

Educação Escolar Indígena

Educação PUC RS

Educar em Revista

Educere

Ensino Saúde e Ambiente

Experiências em Ensino de Ciências

Genética na Escola

Interface

Linhas

Pesquisa em Foco

Pró-Posições

Revista Brasileira de Educação – ANPED

Revista Brasileira de Educação Especial

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos

Revista Educação em Questão
Revista do Centro de Educação
Revista Querubim
Saúde e Educação para Cidadania

2.3. O exame do conteúdo das revistas

Com a análise de conteúdo dessas revistas, encontramos 83 artigos que contemplaram os quesitos de seleção. Após o levantamento dos documentos susceptíveis de fornecer informações sobre o problema levantado, passamos a “exploração do material”. O conteúdo das revistas foi explorado em dois diferentes aspectos, porém para esta pesquisa, complementares: a quantidade e a qualidade.

Bauer, Gaskell e Allum (2002), discorrem sobre as diferenças entre pesquisas quantitativas e qualitativas. Descrevem que a metodologia quantitativa lida com números, está centrada no levantamento de dados explicados por modelos estatísticos e a metodologia qualitativa assume a interpretação dos dados, estabelece a análise referente a qualidade dos dados.

Propusemo-nos, no primeiro momento, fazer a caracterização da quantidade de publicações na área 46, durante o período de sua existência. Para isso, estimamos o número de publicações anual de 2000 até 2010. Posteriormente, os artigos foram analisados de acordo com as palavras presentes no título e nas palavras-chave, assim constituímos categorias de análise, de acordo com a síntese e semelhança entre tais palavras ou jogo de palavras. As categorias constituíram os eixos norteadores para a análise retórica argumentativa, que constituiu o segundo momento da análise dos resultados: a qualidade.

2.4 A argumentação como base teórica para o exame dos sentidos constituídos na área de educação para a ciência

Artigos científicos são peças linguísticas fundamentais para veicular informação sobre as pesquisas científicas. Para isso, seus praticantes lançam mão de um campo de

idéias, enunciados, proferimentos, com objetivo de convencer, explicar, ou simplesmente informar determinado público científico.

Ao fazer uso da palavra como estratégia de veiculação da sua idéia o pesquisador toma o sentido da argumentação e pode fazê-la de maneira intencional ou não. A argumentação é uma ação humana que tem por objetivo convencer, por meio do raciocínio e da palavra em uma situação de comunicação, consiste em levar um indivíduo, um auditório, um determinado público a adotar certo comportamento ou que partilhem de determinada opinião (BRETON, 2003).

Argumentar não é apenas expor conceitos e opiniões a favor de determinada conclusão, argumentar é fazer uso da razão para constituir um ponto de vista a ser defendido, argumentar implica investigar os argumentos pelo qual explicamos e defendemos tal conclusão (WESTON, 1996).

Para Breton (2003) o ser humano faz uso de diferentes maneiras de convencer; a) Meios retóricos: manipulação, propaganda, sedução, argumentação; b) Meios científicos: demonstração.

O discurso retórico não tem a intenção de ser verdadeiro. Ele precisa convencer com base em argumentos e não na manipulação. A retórica é criadora de persuasão, “é arte de persuadir pelo discurso”, como define Reboul (2004), consiste em levar a crer sem necessariamente levar a fazer. A lei fundamental da retórica diz que o orador nunca está sozinho, pois aquele que fala ou escreve sempre está em função de outros discursos; um bom orador deve saber para quem está falando além de compreender e interpretar o discurso dito e não dito pelo outro.

A argumentação como método para persuasão é dominada pelos homens há muitos séculos. Ao longo do tempo, a retórica sofreu uma evolução histórica, passando por três períodos: Retórica Antiga, Retórica Clássica e Nova Retórica.

Reboul (2004, p. 1) sugere que “a retórica é anterior a sua história, e mesmo a qualquer história, pois é inconcebível que os homens nunca tenham utilizado a linguagem para persuadir”. Apesar de acreditar que a retórica fez parte da linguagem de vários povos, como hindus, chineses, hebreus, pode-se dizer que a retórica como ciência, é uma invenção grega.

Nota-se a apreciação Grega pela palavra, mais do que qualquer outro povo antigo, nos discursos das páginas da *Ilíada* e nas palavras de encorajamento dos comandantes militares as suas tropas, antes de entrar em combate. Com o advento da democracia, o povo passou a se reunir para discutir todo tipo de questão, tais como,

declarar guerra ou paz, alterar as leis, condenar a morte, entre outras. Obvio que, aquele que melhor fizesse uso das palavras tinha o maior poder de convencimento sobre os demais, desta forma, o domínio da oratória passou a ser fundamental a qualquer cidadão. Cabe estabelecer, que o conceito de cidadão na sociedade Grega, nesta época, não incluía mulheres, escravos e nem forasteiros (SOUZA, 2001).

Com obviedade, nem todos os cidadãos dominavam o dom da palavra e muito menos em público, logo estes tinham que ser auxiliados pelos que dominavam esta arte, recebendo ensinamentos e técnicas para o melhor uso da palavra, ou então os profissionais representavam seus clientes nos momentos que careciam de defesa. Foi assim que a retórica nasceu como uma técnica, por meados do século V a.C., disseminada por Górgias Leontinos. Para ele, a oratória teria que usar de figuras poéticas e de efeito, levaria em conta a oportunidade e o momento, excitando o auditório à total persuasão. Devido aos seus brilhantes discursos, Leontinos passou a ter vários seguidores (SOUZA, 2001).

Aristóteles leu os tratados deixados por Leontinos e seus seguidores, e os considerou pouco satisfatórios, pois faltava uma apresentação mais abrangente à retórica, sobre tudo para a argumentação. A retórica proposta por Aristóteles objetiva levar o indivíduo a ação por vontade própria, onde a crença na palavra é fundamental. Aristóteles considerava que seria direito de todos, saber usarem a palavra, em defesa de si próprio, assim passou a ser considerada útil não só para os filósofos, mas também para os cidadãos, incidindo como parte da educação e da cultura grega, (SOUZA, 2001).

Aristóteles reabilitou a retórica, integrou-a num sistema próprio, que seus sucessores aperfeiçoaram (REBOUL, 2004). A classificação aristotélica consiste em três dimensões nas quais se estabelecem a argumentação: o orador (*ethos*), argumentos (*logos*) e o auditório (*pathos*).

A persuasão começa pelo *ethos*, o caráter de quem argumenta, o *ethos* inspira confiança no auditório e deve preencher alguns quesitos mínimos de credibilidade, despertando no auditório maior predisposição para ser persuadido. Seus recursos argumentativos variam conforme a idade, o nível social entre outros fatores. O *pathos* é o conjunto de emoções que o orador suscita no auditório, despertar sentimentos de amor ou ódio, alegria ou tristeza podem ser determinantes para a persuasão (REBOUL, 2004).

Se o *ethos* diz respeito ao orador e o *pathos* ao auditório, o *logos* diz respeito à argumentação em si, ao discurso proferido e o raciocínio argumentativo. Souza, (2001), considera o *logos* a parte mais importante da retórica, é distinguido em duas partes: o

entinema e o *exemplo*. O *entinema* é dedutivo, usa de argumentos prováveis e da demonstração de premissas verossímeis, para aceitação do auditório. Já o *exemplo* é indutivo, usa de exemplos particulares afim de convencer que o exemplo pode ser universal.

A Retórica proposta por Aristóteles era tal e qual a amplitude da sua intenção por meio da palavra, pouco se fez uso de figuras, apenas poucas citações sobre comparação e metáfora. Todas as teorias antigas da retórica enfatizam a idéia de adesão a um discurso, seu objeto, a arte de falar em público de modo persuasivo. A meta da argumentação retórica baseava-se na “adesão dos espíritos” a qualquer argumentação que fizesse uso da linguagem falada, diante de uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese apresentada (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 7).

Desde os gregos, a retórica sofreu uma progressiva redução, constituindo a dita Retórica Clássica, esta surge em oposição a retórica antiga proposta na idade média. Pouco a pouco a argumentação restringiu-se a classificação de figuras de linguagem, (RICOEUR, 1975). Gérard Genette, em seu artigo *La rhétorique restreinte*, define a “morte da retórica”, como tal a tradução de seu artigo, “a restrição da retórica” figuras, o gosto por classificar as figuras extrapolou o sentido filosófico que mantinha viva a ligação entre filosofia e retórica, tornando-se uma disciplina fútil (SOUZA, 2003).

As figuras de linguagem são usadas como estudo de modos de expressão que não se enquadram no comum, estas foram incluídas nos estudos retóricos, daí o nome figura de retórica.

Figuras de linguagem são compreendidas por Reboul (2004, p. 113), como “recurso de estilo, que permite expressar-se de modo simultaneamente livre e codificado. *Livre*, no sentido de que não somos obrigados a recorrer a ela para comunicar-nos; [...] Codificado, porque cada figura constitui uma estrutura conhecida, repetível, transmissível”.

As figuras de retórica são usadas em diferentes argumentos, que, por sua vez, constituem as opiniões que circulam no discurso do orador. Classificam-se conforme a sua relação com o discurso, a saber: a) figuras de palavras: que dizem respeito à matéria sonora do discurso, como a rima, se apresenta mais reservada à poesia e ao humor; b) as figuras de sentido: referem-se a significação das palavras, podem ser traduzidas com um sentido que não lhe é habitual; c) as figuras de construção: que referem-se à estrutura da

frase ou do discurso; e d) figuras de pensamento: que se referem ao discurso com seu sujeito (orador) com seu objeto, diz respeito a relação entre as idéias.

Uma figura é interpretada de acordo com o efeito produzido sobre o auditório. As figuras de sentido dizem respeito aos significados, utiliza a estrutura da definição para fornecer o sentido de uma palavra, põe em destaque aspectos que podem passar despercebidos na oratória, além de ser uma maneira de expressar conclusões chamando o ouvinte para a oratória.

A análise argumentativa retórica no pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), tem por objeto da argumentação o estudo das técnicas discursivas que permitem aumentar o grau de adesão dos espíritos as teses, a análise dos artigos selecionados fundamentou-se neste pensamento.

3. SEXUALIDADE HUMANA

Nesta seção buscamos apresentar alguns estudos clássicos sobre o tema sexualidade e suas concepções nos campos das Ciências Humanas, Sociais e Biológicas. Pretendemos abordar qual a concepção que cada ciência apresenta sobre o tema. Apresentamos também o debate sobre os conceitos para os termos educação sexual e orientação sexual que se instituiu no espaço escolar, usando como referência alguns pesquisadores consolidados com pesquisas na área de sexualidade e educação escolar.

3.1. Os discursos para os aspectos biológicos, culturais e sociais da sexualidade

O surgimento dos estudos da sexualidade humana é apontado para o século XIX, não que esta não existia antes, mas trata-se do surgimento da palavra sexualidade, atribuindo a ela sentido e conceito, na sociedade ocidental. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros acontecimentos diversos que correspondem tanto aos mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento. Para alguns autores a “paternidade” do termo é dado a Freud em virtude de seus escritos clássicos “Trois Essais sur la Théorie de la Sexualité” em 1905, porém, há refutações, que estabelecem dois nascimentos para a sexualidade ou ciência do sexo, o primeiro ocorreu na primeira metade do século XIX, e esteve preocupada com a terapia e controle de doenças, e o segundo nascimento ocorre no século XX, especialmente pelos trabalhos elaborados por Kinsey³ (CHAUÍ (1984); BÉJIN (1985); FOUCAULT (2010).

Apesar das controvérsias e restrições, os trabalhos de Freud tiveram uma importante contribuição para a mudança no discurso sobre a sexualidade humana. Freud propôs aos estudos da sexualidade humana o questionamento sobre a centralização da reprodução sexual e a heterossexualidade, a formação da identidade sexual, os aspectos afetivos e conflituais da sexualidade.

Com o nascimento ou a concretização do termo sexualidade, o sexo passa a ter um amplo sentido, pois os estudiosos passam a diferenciar a necessidade e o prazer (físico, biológico, psíquico) do desejo (imaginação, simbolização) (CHAUÍ, 1984).

³ Le comportement sexuel de l’Homme (1948) e Le comportement sexuel de la Femme (1953)

Assim, ao termo sexualidade se estende um debate; é apenas uma questão ligada a reprodução da espécie ou considera os sentimentos e as influências externas (sociais, culturais etc.).

A multiplicidade dos discursos sobre sexualidade tomou um caráter científico muito recentemente no campo da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. O alargamento dos questionamentos sobre estes discursos revela a pluralidade da compreensão sobre esta dimensão da condição humana e também exige certo sincretismo conceitual e verbal (NUNES, 2006).

O comportamento sexual humano é tomado por Foucault (2010), como um “dispositivo histórico”, uma invenção social, constituída nos múltiplos discursos sobre o sexo, estes dispositivos transformam a sexualidade em um invariante, pois sofre os mecanismos de repressão e regulação instaurados historicamente na sociedade.

O conceito de sexualidade, tal como se apresenta hoje, é o resultado de um longo processo evolutivo que moldou os comportamentos dos indivíduos até os dias atuais. O debate sobre o conceito de sexualidade humana não se faz objeto desta pesquisa, porém é imprescindível analisar as diferentes dimensões atribuídas a ela provenientes das várias ciências, Sociais, Humanas e Biológicas.

A definição de sexualidade humana esteve por muito tempo ligada somente aos aspectos biológicos do corpo humano, como relata Foucault (2010). Nos séculos XVIII e principalmente XIX, esteve baseada em uma medicina do sexo, na qual a fisiologia da reprodução aparecia como objetivo, ou seja, apoiava-se somente na biologia dos corpos. Esta posição, de acordo com Werebe (1998), coloca em evidencia a fisiologia e morfologia do corpo, ou seja, o estado físico do indivíduo. A sexualidade, tomada com esta concepção está ligada ao instinto sexual, evidenciando que o sexo faz parte da reprodução e perpetuação da espécie.

Buscando diferenciar sexo de sexualidade quanto ao seu aspecto conceitual, consideramos o sexo ligado aos órgãos genitais, as funções biológicas, fisiológicas, anatômicas do aparelho reprodutor. Para Maia (2003) o termo sexualidade não é sinônimo de "sexo" e não se reduz aos órgãos genitais, mas também compreende uma face biológica, porém esta é indissociável da dimensão psicossocial e histórica que envolve os indivíduos.

A abordagem biológica da sexualidade passou a sofrer inúmeras contestações devido as novas concepções apresentadas pelas ciências humanas e sociais, e os conceitos relacionados a sexo e sexualidade passam a se diferenciar. Na dimensão das

Ciências Humanas, como ressalta Nunes e Silva (1997):

É possível entender *sexo* como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana enquanto animal. Já a *sexualidade* é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo (NUNES; SILVA, 1997, p.66).

A sexualidade não pode ser entendida apenas por seus componentes biológicos, seu entendimento necessita observar os processos inconscientes e as formas culturais, como uma construção sócio-histórica, como uma experiência histórica e pessoal. (GOLDBERG, 1984). A sexualidade apresenta-se como característica humana, se caracteriza pela sua relação com a história pessoal de cada indivíduo, está relacionada a um prazer que ultrapassa a necessidade fisiológica, está relacionada com a simbolização do desejo (CHAUÍ, 1984).

Gagnon (2006) aborda a sexualidade como um objeto definido. Este autor se opõe as dimensões biológicas da sexualidade, pois considera que o comportamento sexual é um processo aprendido por roteiros sociais, que são específicos de determinados contextos individuais, simbólicos culturais e de interação entre os indivíduos.

Estas relações da condição humana são estabelecidas socialmente, cada sociedade organiza e fixa papéis sexuais, estabelece normas ligadas direta ou indiretamente a sexualidade, tais como casamento, planejamento familiar, as posturas e gestos, linguagem verbal e modalidades de relação sexual, são padrões sociais e culturais que se diferenciam em cada sociedade (WEREBE, 1998).

As manifestações sexuais não são universais, pois traduzem diferentes culturas ligadas a um sistema de organização social que se traduzem em “culturas sexuais diferenciadas”. Assim a “construção social da sexualidade” se estabelece pela contextualização social e cultural e não pode ser explicada pela biologia (BOZON, 2004).

As atitudes em relação a sexualidade e especialmente em relação aos cenários culturais na verdade estão inscritos em uma história social longa, que cria um *inconsciente social* da sexualidade de transformação bastante lenta, apresentando, ao mesmo tempo, características nacionais e traços mais universais (BOZON, 2004, p. 153, grifo do autor).

Na perspectiva da sociologia, a sexualidade humana apresenta-se por comportamentos e significados na vida dos indivíduos, estes comportamentos sexuais padrões tem um sentido particular para determinados grupos de pessoas, estes padrões se aplicam a todas as condutas sociais, não somente à sexualidade. Para Bozon (2004) a sexualidade é uma construção social, que e não há determinações psicológicas, sujeição nem biologia. Assim, não há comportamentos sexuais padrões sem se compreenderem os contextos nos quais eles são produzidos. As experiências sexuais, em Gagnon (2006), resultam de aprendizados sociais que são inscritos na consciência dos indivíduos, os quais aprendem a identificar e produzir situações sexuais socialmente construídas.

Sexualidade é um modo de expressão essencialmente humano, vinculado ao erotismo. A palavra erotismo “Designa exatamente aquilo que no homem faz a sexualidade humana, a sua capacidade de inseri-la num contexto simbólico-significativo, de fazer dela uma sinalização e uma mensagem, um chamado e uma conquista (VASCONCELOS, 1979, p.35).” A junção destes “ritos da sexualidade, como denomina a autora, apresentam as variadas faces do erotismo e resultam numa dignificação do corpo.

A sexualidade é considerada por Nunes (1996) como uma possibilidade emancipatória, a qual é entendida como:

Aquela que nos dá condições de compreender a dinamicidade, a complexidade, a riqueza única da sexualidade humana. Nesta direção o conceito emancipatório busca superar um conceito de alienação. [...] A sexualidade numa dimensão emancipatória supõe também normas, limites como marcos de sujeitos plenos e não sanções, pecados e medos. Desde o pioneirismo de FREUD, sabemos que a sexualidade sem a coordenação da sociedade é uma força tanto erótica quanto “tanática”, derivada de *tânatos*, que configura a morte. Não há sociedade sem a normatização da sexualidade. De um lado reconhecemos que a normatização não significa que toda normatização deva ser unilateral, totalitária, vociferante como a história milenar do patriarcalismo nos tem demonstrado. A normatização recusa a anomia e a heteronomia e propõe a autonomia, propõe o equilibrado conceito de compreender as contradições e superá-la dinâmica, arbitrária e dramaticamente no cotidiano, no dia-a-dia, nas condições reais de nosso viver. Ao mesmo tempo, é de fundamental importância destacarmos a necessidade da crítica à sexualidade consumista, esta sim também desumanizadora, reduzindo corpos e pessoas a um conjunto de experiências vorazes, frustrantes e compensatórias de grandes ausências de sentido, sugerindo a existência de problemas, muito mais complexos. A sexualidade não pode ser restritamente compreendida como um conjunto de normas, mas também não se pode compreender socialmente a sexualidade como discurso da ausência de normas e da onipotência da subjetividade idiossincrática, isso seria o descaso da ciência como um ser político e social. A compreensão emancipatória da sexualidade supõe o recurso às Ciências e a superação do senso comum (NUNES, 1996, p.227-228).

A sexualidade, portanto, numa perspectiva emancipatória, também é uma ação política, deve ser concebida para a cidadania, para sensibilizar pessoas sobre o sentido de si como condição humana e dos outros que estão ao seu redor (NUNES, 1996).

Diante de todas estas considerações, abordar a sexualidade humana, em qualquer contexto e ambiente não é tarefa fácil, pois, acreditamos que ela decorre da articulação entre as dimensões que a sexualidade apresenta. A sexualidade envolve sentimentos e sensações, que precisam ser percebidos e respeitados em seu contexto biológico, sociocultural e histórico, todos eles importantes para a formação do ser humano como um ser sexual.

É evidente a diversidade de conceitos assumidos para a sexualidade humana. Algumas teorias concordam com a existência de uma como se constituindo na origem da sexualidade humana. Quando isso ocorre, muitas vezes, remete-se ao determinismo biológico, opera-se com uma noção universal e trans-histórica da sexualidade. Opondo-se a esta visão está a perspectiva da construção social, e determina um leque de compreensões distintas sobre o que vem a ser ou como se dá essa construção social (LOURO, 2006)

Louro (2006) nos faz compreender a que a construção social, se dá no contexto de uma cultura e sofre ou dispõe dos valores que esta cultura adora. Apesar das diferentes formas de entendimento da sexualidade, a autora estabelece um conceito geral de sexualidade:

De qualquer modo, ainda que uma diversidade de entendimentos e conceituações possa ser adotada, aparentemente, a maioria das estudiosas e estudiosos considera que a sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres (LOURO, 2006 p.6).

É preciso compreender a sexualidade na sua dimensão humana, considerando o indivíduo e suas interações simbólico-culturais, aceitando também o caráter social da sexualidade, que está relacionado aos comportamentos e significados produzidos num determinado contexto social. É preciso considerar também que estas dimensões estão associadas a vida e ao bem estar do ser humano. Assim, a dimensão biológica da sexualidade não pode ser negada e sim considerada juntamente com as demais, possibilitando a vivência de uma sexualidade completa.

3.2. Educação sexual e orientação sexual: dois conceitos em debate

Como já enfatizamos na introdução deste trabalho, no âmbito da educação brasileira, a orientação/educação sexual passou por vários momentos, porém só foi efetivamente introduzida no currículo escolar na década de 1960, quando passa a ser denominada orientação sexual “para distingui-la da educação sexual proposta e defendida nas décadas anteriores” (RIBEIRO, 2004, p. 19).

A partir dessa década houve implementação de programas de orientação/educação Sexual nas escolas e começaram surgir divergências entre os conceitos dos termos. Afinal, o que se implementa na escola, educação sexual ou orientação sexual? Para responder a essa questão traremos para ao debate conceitos estabelecidos por alguns autores já consolidados com pesquisas na área.

Suplicy *et al* (1995) consideram que um processo de Educação sexual ocorre de maneira informal, por meio de qualquer experiência, informação recebida com relação a sexo, que nos permita moldar a visão de sexualidade por meio da construção de valores, ideologias, preconceitos e símbolos. “A educação sexual, portanto, é um processo de vida, que permite ao indivíduo se modificar, se reciclar ou não, e só termina com a morte.” (p. 9)

Já a orientação sexual é um processo formal e sistematizado, que pode acontecer em diferentes ambientes, como, centros de saúde, clubes, igrejas, meios de comunicação, escola, entre outros. A orientação sexual tem por função propiciar uma visão mais vasta e diversificada sobre sexualidade, é proposta para abrir discussões sobre valores, preconceitos, tabus e preencher lacunas de informação e uso dos conhecimentos. A orientação sexual é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão sobre temas polêmicos, maior consciência sobre a autonomia pessoal, compreensão de movimentos políticos e culturais que envolvem sexualidade e a liberdade de expressão (SUPLICY *et al*, 1995).

No livro “Educação Sexual para além da informação”, Ribeiro (1990) diferencia a orientação sexual da educação sexual por considerar que esta última faz referência aos processos culturais que direcionam os indivíduos desde o seu nascimento para diferentes atitudes e comportamentos de algum modo ligados a sexualidade. A educação sexual pode ocorrer na escola, na família, com amigos, pelos meios de comunicação e segue os padrões sexuais e a evolução da sociedade de cada época. A orientação sexual caracteriza-se como uma prática educativa intencional, sistematizada, organizada e

planejada que pode ocorrer com a participação de professores e profissionais preparados com a finalidade de proporcionar o conhecimento e a formação da vida sexual do indivíduo (RIBEIRO, 2004).

O conceito de orientação sexual proposto por Sayão (1997) baseia-se num processo de intervenção planejada e ordenada de forma intencional. A orientação sexual na escola deve situar-se num patamar diferente da família, especialmente na transmissão de valores. A educação sexual, para esta autora, é predominante no âmbito familiar, onde o indivíduo recebe desde o nascimento as primeiras noções de valores, recomendações e proibições a respeito da sexualidade humana. A autora também considera que a mídia, livros, filmes, novelas, propagandas influenciam na sexualidade, em especial das crianças.

Esses autores acima mencionados apresentam definição de orientação sexual como uma atividade intencional e organizada e a educação sexual como parte das manifestações da sexualidade do indivíduo, começa desde o nascimento e pode ocorrer na família, na igreja, na televisão, nos livros etc. Porém encontramos na literatura alguns autores que discordam destas definições. Esses pesquisadores consideram a educação sexual como qualquer ação que atue sobre a sexualidade do indivíduo, podendo ser intencional ou não.

Werebe (1998), apresenta sua objeção ao uso do termo orientação sexual para designar práticas educativas intencionais relacionadas a sexualidade humana, justificando que a expressão educação sexual é usada e consagrada em quase todos os países, além de possibilitar a interpretação ambígua a orientação que exprime a sexualidade, homossexual, heterossexual ou bissexual do ser humano. Assim a autora considera a educação sexual em dois aspectos, intencional e informal.

A educação sexual intencional compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual. Estas intervenções podem se destinar a crianças, adolescentes e adultos e se realizam dentro e fora do âmbito escolar. Seus objetivos são vários, e é a partir deles que se define seu conteúdo, sua pedagogia. A educação sexual intencional não se exerce sobre seres “virgens” em matéria de informação e vivência sexuais. Quando o aluno recebe esta informação na escola, já foi marcado pelas influências que recebeu na família e em todas as situações de vida cotidiana dentro da sociedade. Traz consigo idéias corretas, incompletas ou falsas sobre a sexualidade, bem como opiniões e valores

sobre este domínio. E é a partir dos conhecimentos e idéias que as crianças e jovens possuem que as intervenções deliberadas devem se orientar (WEREBE, 1998, P. 149).

É importante discutir estas diferentes dimensões na educação sexual nos conteúdos e as práticas escolares, para permitir que o entendimento sobre sexualidade adentre as questões humanas e sociais que a constituem, a concepção de homem e da sociedade, sem esquecer também o caráter histórico que envolve a construção da sexualidade do indivíduo (NUNES, 1996).

A educação sexual na escola deve ser voltada ao coletivo, deve promover informações e discussões acerca das diferentes temáticas envolvendo a sexualidade, “priorizando o reconhecimento do aspecto saudável da busca pelo prazer, o respeito a si próprio e ao outro, bem como o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos a sexualidade” (p. 114) favorecendo a dignidade e a responsabilidade no que refere a sexualidade dos jovens (SAYÃO, 1997).

A relevância do tema no espaço escolar levou a inserção deste, como tema transversal no currículo, por meio dos PCN pelo MEC. Este documento propõe um trabalho com a temática sexualidade num aspecto transversal, como o próprio nome sugere refere-se aos temas que transpassam as diferentes disciplinas e podem ser desenvolvidos em qualquer disciplina.

A sexualidade, de acordo com os PCN, deveria ser abordada na escola como manifestação com a busca do prazer, acontece desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano. A sexualidade é construída a partir de sua interação do indivíduo com o meio e a cultura, é expressão cultural construída ao longo da vida. Além disso, é marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se pela individualidade de cada sujeito. Cada sociedade desenvolve regras para o comportamento sexual das pessoas, organizados e mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e expressas nas atitudes pessoais, coletivas e políticas da sociedade (BRASIL, 1998).

Neste documento, destaca-se a opção pelo termo orientação sexual, proposto como um trabalho direcionado ao âmbito pedagógico e coletivo. Os PCN reconhecem a existência das diferentes denominações, como “Educação Sexual, Educação em Sexualidade, Educação Afetivo-Sexual, entre outras, no Brasil e no exterior” e estabelece que a Orientação Sexual oferecida pela escola trate de:

Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (BRASIL, 1998, p. 300).

Diante dessas duas posições teóricas percebe-se que tanto os que defendem o termo educação sexual como orientação sexual tem a mesma intenção, auxiliar o desenvolvimento da sexualidade do indivíduo, e para designar esta intencionalidade no âmbito escolar surgem diferentes nomenclaturas, pois a forma como a escola empenhe-se no desenvolvimento da sexualidade de seus alunos é fundamental ao comportamento dos mesmos, conforme Sayão (1997), com a qual se corrobora com a idéia, a escola é um espaço onde permeia a sexualidade.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Selecionamos 747 revistas qualificadas na área 46 de A até C (A1; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C), sendo 426 nacionais e 321 internacionais da área 46. Destas 113 revistas são nacionais indexadas a Educação e Educação para Ciência, sendo que neste conjunto também estão incluídas as revistas de História da Educação e História e Filosofia da Ciência. Os artigos analisados estão descritos a seguir, nas respectivas revistas:

1) ACTA SCIENTIAE: REVISTA DE ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, CANOAS/ULBRA

a) As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e a Aids nos livros didáticos para o ensino fundamental no Brasil: abordagens e implicações educacionais. Vol. 12 - No 1 - Jan/Jun. 2010.

Resumo: Os conteúdos relacionados à saúde humana fazem, tradicionalmente, parte dos livros didáticos de Ciências no Ensino Fundamental (EF) no Brasil, assim como em muitos países. Quanto à situação de saúde dos indivíduos ou populações, existem basicamente duas maneiras de se compreender o processo saúde-doença, que diferem entre si quanto à importância dada pelos fatores que influenciam e determinam esse processo. A primeira enfatiza os aspectos naturais da relação entre o agente etiológico, o hospedeiro e o ambiente, a partir da idéia de tríade epidemiológica ou ecológica, configurando a denominada perspectiva biomédica. A segunda perspectiva aponta que as condições construídas historicamente determinam a situação de saúde dos indivíduos e grupos, compreendendo a saúde como um processo determinado socialmente. Este artigo apresenta os resultados de um estudo que buscou investigar quais dessas perspectivas estão mais presentes nos livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático em 2008 (PNLD 2008) para as séries finais do EF, quando da apresentação dos temas relacionados às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e à infecção pelo HIV/Aids. Os dados apontam que há uma predominância de conteúdos relacionados à descrição da doença e do ciclo do agente, configurando assim o predomínio da perspectiva biomédica. Ao mesmo tempo, apontam que existe a preocupação com o desenvolvimento de atitudes de prevenção e com a discussão de aspectos culturais relacionados a esses agravos.

Palavras-chave: Livro Didático. Educação em Saúde. DST/Aids. Saúde.

2) ALEXANDRIA: UFSC/ FLORIANÓPOLIS/SC

a) A Construção dos Conceitos Científicos em Aulas de Ciências: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento como referencial para análise de um processo de ensino sobre sexualidade humana. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.3, n.1, p.21-49, maio, 2010.

Resumo. O objetivo da investigação foi conhecer como um processo de ensino promove construções conceituais no estudo da Sexualidade Humana em uma situação que envolveu trinta e quatro estudantes da sétima série e sua professora de Ciências. Com o olhar voltado para a ZDP dos estudantes, relacionaram-se três parâmetros para compreender, na dinâmica das aulas, a emergência dos processos de significação: os conteúdos priorizados pela professora, as interações discursivas e os amplificadores culturais utilizados. O pensamento histórico-cultural de Vygotsky foi aporte teórico utilizado para as reflexões, entendendo que os sujeitos modificam de forma ativa as forças ativas que os transformam. A análise microgenética foi a abordagem metodológica definida para se estudar os mecanismos associados à aprendizagem e os movimentos de construção conceitual sob supervisão docente. Os resultados mostram que muitos estudantes conseguiram estabelecer uma unidade entre a linguagem, pensamento e ação, possibilitando a utilização dos conceitos como instrumentos de operações qualitativamente superiores.

Palavras-chave: Construção de conceitos científicos, ensino de ciências, ensino sobre sexualidade humana, análise microgenética, Vygotsky.

3) CADERNOS DE PESQUISA. FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS/SÃO PAULO SP/BRASIL

a) O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004, p. 77-104.

Resumo: Orientado pela teoria das relações de gênero, este artigo examina as principais leis, planos e programas federais que especificam as diretrizes nacionais das políticas públicas de educação no Brasil. Entre os documentos privilegiados para análise destacam-se a Constituição Federal (CF/1988), a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996), o Plano Nacional de Educação (PNE/ 2001) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN/1997). Mostramos que adotar a ótica de gênero para a análise dessas políticas permite avaliar como elas podem facilitar

ou dificultar a aquisição de padrões democráticos, uma vez que a política educacional não tem um papel neutro, dissociado de preconceitos, entre os quais destacamos o de gênero.

Palavras-chave: Políticas Educacionais; Relações De Gênero; Sexualidade; Diferença entre Sexos

b) Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos (RESENHA). Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, set./dez. 2004.

c) Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.136, p. 157-174, jan/abril. 2009.

Resumo: Este artigo apresenta uma experiência piloto de formação a distância de educação nas temáticas de gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais, resultado de uma articulação entre diversos ministérios do governo federal (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação), o British Council e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O curso, ocorrido entre maio e setembro de 2006, teve como público-alvo professores/as do ensino fundamental em seis municípios da rede pública e seu objetivo primordial foi ampliar a compreensão sobre a dinâmica dos processos de discriminação na sociedade brasileira, especificamente o racismo, o sexismo e a homofobia, possibilitando o fortalecimento de ações de combate a essas discriminações.

Palavras-chaves: Formação de professores; sexualidade; gênero; racismo.

d) Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.136, p. 175-200, jan/abril. 2009.

Resumo: Este artigo é baseado em dados de pesquisa etnográfica desenvolvida entre agosto de 2002 e julho de 2003 em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, onde foram feitas observações e entrevistas. A educação sexual era realizada na disciplina de ciências e dentro do núcleo de multiplicadores. Contraditoriamente, ao desenvolver a educação sexual a partir do tema reprodução, esta acabava sendo enfatizada quando é justamente a ocorrência dela entre adolescentes que diversas políticas públicas querem evitar. Além do processo reprodutivo em si e dos modos de

preveni-lo, a escola ensinava sobre a precocidade da gravidez na adolescência, apresentando ideais de maternidade e paternidade. As intervenções escolares buscavam desenvolver nos(as) adolescentes um sentido de “responsabilidade” em torno das relações sexuais, buscando mudar ou adequar os dispositivos que estrutura os comportamentos preventivos. No entanto, as informações sobre métodos anticoncepcionais, não raro, estavam ligadas ao mundo adulto, permanecendo distante dos adolescentes e sugerindo o não reconhecimento da sexualidade adolescente.

Palavras-chaves: Educação sexual, sexualidade, gravidez, escola.

e) **Corpo educado: pedagogias da sexualidade (RESENHA). Cadernos de Pesquisa, nº 109, março/2000.**

4) CIÊNCIA E EDUCAÇÃO. UNESP/BAURU/SP

a) **O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. Ciência & Educação, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.**

Resumo: Neste artigo, relatamos uma investigação sobre o desenvolvimento do “conhecimento pedagógico do conteúdo” de Sexualidade entre professoras que trabalham com essa temática. Através da utilização do método fenomenológico foram realizadas entrevistas individuais com três professoras do Ensino Fundamental, que trabalham na rede municipal de ensino de Uberlândia. A partir da análise dessas entrevistas, foi possível apontar algumas conclusões a respeito do desenvolvimento profissional de professores e sua relação com um ensino efetivo.

Palavras-chave: Educação Sexual, Conhecimento Pedagógico do Conteúdo, Fenomenologia

b) **Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. Ciência e Educação, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006**

Resumo: Este artigo estuda as produções de pós-graduação brasileiras sobre formação de professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual nos vários níveis escolares, com objetivo de conhecer e apontar as principais tendências dessa produção. A metodologia baseou-se na pesquisa do estado da arte, identificando 65 teses e dissertações que são descritas e analisadas, entre outros itens, quanto aos modelos de formação inicial e continuada, características e concepções/representações dos

profissionais, elementos teóricos, históricos e curriculares tratados nas pesquisas. Resultados apontam profissionais despreparado,s tanto na formação inicial quanto na continuada.

Palavras-chave: educação sexual; formação inicial e continuada de professores/educadores; Estado da arte.

c) “Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias”: jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. *Ciência & Educação*, v. 15, n. 3, p. 647-658, 2009

Resumo: A educação sexual na escola é prática defendida e prescrita pelo Ministério da Educação nos Parâmetros Curriculares Nacionais como eixo transversal ao currículo. O tema é complexo e a proposta expressa demandas específicas, como a formação dos professores e materiais educativos adequados. O Museu da Vida, COC/Fiocruz, desenvolveu o multimídia «Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias» e, neste artigo, apresenta a avaliação efetuada por 36 alunos do Ensino Médio de escolas públicas do Rio de Janeiro sobre o produto. A avaliação permitiu identificar o multimídia como recurso educativo capaz de promover o tema sexualidade em situações de aprendizagem. Um recurso do multimídia, denominado Caderno de Perguntas, mostrou-se como espaço de interlocução entre os jovens, permitindo troca anônima de dúvidas e ideias, e alimentando um banco de dados que permite aos professores e pesquisadores conhecerem melhor o pensamento dos adolescentes.

Palavras-chave: Tecnologia da Educação. Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Educação em Saúde. Sexualidade. Adolescência.

d) Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.

Resumo: O objetivo geral do presente estudo foi descrever a experiência de construção e aplicação de uma proposta pedagógica no campo da educação sexual, fundamentada em algumas premissas contidas na concepção de Paulo Freire, visando atender adolescentes de uma comunidade carente do interior paulista. A partir dos questionamentos iniciais levantados pelos jovens foram realizados quatro encontros focando questões sobre sexualidade, anatomia e fisiologia humana, métodos anticoncepcionais e DST/Aids. Com a realização desse trabalho, os jovens tiveram oportunidade de participar de um processo educativo que possibilitou, pelo resgate de

suas próprias experiências e crenças, a reflexão sobre sua autonomia na vivência de uma sexualidade saudável, respeitando a si próprio e ao outro.

Palavras-chave: Proposta pedagógica. Educação em saúde. Educação sexual. Adolescência.

e) Educacion para la salud sexual en la formacion de profesores en argentina. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 2, p. 181-195, 2008.

Resumen: En este trabajo formulamos apreciaciones acerca del estado de situación de la formación docente en educación sexual en Argentina y proponemos algunos interrogantes a fin de pensar cómo se configura este problema de investigación. Al mismo tiempo, presentamos algunos datos preliminares sobre un trabajo de indagación realizado por profesoras de enseñanza media con estudiantes de dos grupos etáricos diferenciados: adolescentes de 14 a 16 años y estudiantes adultos que retoman sus estudios después de varios años de alejamiento de la educación formal. Nuestro objetivo fue relevar algunas concepciones de los estudiantes, de modo que éstas pudieran servir para orientar mejor la planificación de clases sobre Educación para la Salud Sexual.

Palabras clave: Educación sexual. Formación de profesores. Salud reproductiva.

5) CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA/RJ.

a) Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção *Ciência & Saúde Coletiva*, n.14, v.3 p.937-946, 2009.

Resumo: Na adolescência, a vivência da sexualidade torna-se mais evidente. Muitas vezes, manifesta-se através de práticas sexuais inseguras, podendo se tornar um problema devido à falta de informação, tabus ou mesmo pelo medo de assumi-la. O objetivo da pesquisa foi analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, DST e AIDS, antes e após oficinas de prevenção. Participaram 117 adolescentes da 8ª série de uma escola estadual de Londrina, Paraná. Foi utilizado um questionário (pré e pós-teste) para identificar a diferença do conhecimento dos adolescentes. Para a análise dos dados, usaram-se os testes qui-quadrado e exato de Fischer. A faixa etária concentrou-se entre 14 e 16 anos. Os meninos iniciaram mais cedo suas atividades sexuais. Apenas 28,2% dos adolescentes no pré-teste sabiam do período fértil da menina; após as oficinas de prevenção, o conhecimento superou 55,8%. A aids foi a DST mais citada no pré-teste; no pós-teste,

houve referência a outras doenças (41,1%). Os métodos contraceptivos mais conhecidos são o preservativo e a pílula. Não houve relevância estatística entre as respostas sobre atitudes de risco para transmissão de DST/aids. Conclui-se que há necessidade de trabalho sistemático, a médio e longo prazo, sobre sexualidade na escola para os adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência, Sexualidade, Oficinas de prevenção

b) Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil *Ciência & Saúde Coletiva*, v.11(Sup), p. 1323-1332, 2007.

Resumo: O trabalho aborda como homens e mulheres de baixa renda e escolaridade, da cidade de São Paulo, Brasil, pensam suas relações afetivo-familiares e os diferentes contextos de violência que vivenciam. Trata-se de estudo qualitativo, utilizando grupos focais, com vistas a subsidiar estudo mais global acerca de violência contra a mulher e saúde. Foram realizados quatro grupos focais (dois com mulheres e dois com homens, na faixa etária de 25 a 35 anos), abordando as representações, livres e instigadas por ditos populares, de: homem e mulher ideais; as relações afetivo-sexuais e familiares; os concretamente vividos; e a violência doméstica. Usa-se a análise temática. Os resultados apontam para cisões entre atributos físicos e condutas morais na mulher ideal referida pelos

homens, já aquela referida pelas mulheres define uma autonomia controlada. Os homens tiveram dificuldades em definir o homem ideal, já para as mulheres o ideal é o homem-família. Quanto à violência, é em princípio sempre condenável. É tolerável e instintiva para homens; e fatalidade ou destino, pela natureza masculina, para mulheres, tornando-se evento natural e trivial dos cotidianos de ambos. O referencial de gênero permite compreensão da violência como ocorrência comum, mas de sentidos diferentes entre gêneros.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Família, Éthos masculino, Éthos feminino, Gênero

c) Sociologia da sexualidade. Michel Bozon. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004, 172pp. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(4):1079-1085, 2004 (RESENHA).

d) Iniciação sexual de homens adolescentes *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(Sup 2):2247-2256, 2008.

Resumo: Trata-se de pesquisa quantitativa que teve como objetivo investigar a iniciação sexual de adolescentes do sexo masculino em Concórdia, Santa Catarina. Participaram da mesma 340 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos, que freqüentavam o ensino médio em seis instituições de ensino do município de Concórdia, que aceitaram participar e que trouxeram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais ou responsáveis. Destes, 69,7% afirmaram ter relações sexuais, sendo que a média de idade da primeira relação foi de 14,4 anos, menor que a média nacional de 15 anos. A primeira relação sexual ocorreu com uma ficante para 45,1% e 64,2% afirmaram que o principal motivo para a mesma foi vontade/tesão. A maioria (74,2%) qualificou a experiência como boa ou muito boa. O uso da camisinha foi apontado como método utilizado na primeira relação sexual por 73,8% dos adolescentes e como método usado em todas as relações por 72,5%. Alguns adolescentes relataram não conversar sobre sexualidade, mas a maioria aponta os amigos como principal fonte de informações sobre sexo. Frente ao exposto, fica claro que apesar de terem sua primeira relação sexual cada vez mais precocemente, o diálogo sobre prevenção tem surtido efeito, o que é reforçado pelo uso expressivo do preservativo entre os adolescentes.

Palavras-chave: Homem adolescente, Sexualidade, Iniciação sexual

6) REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO – REVISTA EDUCAÇÃO e CADERNOS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL/UFSM/RS.

a) A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações. *Cadernos de Educação Especial*, nº 19, 2002.

Resumo: O presente artigo aborda a questão da sexualidade humana a partir de uma investigação de cunho qualitativo e fenomenológico. A principal finalidade desta investigação foi apreender as concepções acerca da sexualidade humana vigentes entre educadores de escolas públicas estaduais de Santa Maria. A aproximação da realidade focada foi desenvolvida com base na teoria das Representações Sociais. A técnica utilizada para a obtenção dos dados foi a entrevista semi-estruturada. Os dados apreendidos passaram pelo processo de análise de conteúdo. A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, instituídos em 1995 pelo Ministério da Educação, a Orientação Sexual passou a ser um tema transversal idealizado pelo viés da transdisciplinaridade. A

Representação da sexualidade humana pelos educadores foi valorizada neste estudo em virtude de constituir-se em um aspecto de extrema relevância na abordagem do tema dentro da escola. O estudo demonstrou que a Representação que os educadores têm sobre a sexualidade humana é bastante reducionista e atrelada ao sexo orgânico, desprezando-se os seus aspectos sócio-político-culturais. Considerando-se todos os aspectos inferidos deste estudo, espera-se que ele venha a contribuir, juntamente com outras visões, com a construção de uma proposta menos dogmática e mais crítica de Orientação Sexual escolar.

Palavras Chave: sexualidade humana; representação social; educadores.

b) Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto. Revista Educação Santa Maria, v. 33, n. 3, p. 525-542, set./dez. 2008. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/>, acesso em 07 de Julho de 2011.

Resumo: No presente trabalho apresenta-se um estudo quantitativo e qualitativo, do tipo descritivo, que teve como objetivo investigar os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade, como os adquiriram e como fazem uso desses conhecimentos no seu cotidiano e identificar como o professor de biologia do Ensino Médio aborda a orientação sexual nas suas aulas. A preocupação escolar com a orientação sexual dos estudantes deve ser reinscrita na escola, pois se sabe que muitas vezes os jovens não têm informações suficientes acerca da sexualidade, os pais não conseguem conversar com os filhos e a escola nem sempre consegue conscientizar os estudantes da importância dos cuidados com o próprio corpo. Todo estudante tem o direito de ser orientado sobre sua sexualidade, e o professor de Biologia, ao abordar o tema corpo, deve considerar os aspectos biológicos e também abordar as emoções e sentimentos, para que, a partir desse contexto, o estudante possa administrar sua sexualidade com cuidado e com segurança. Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário, respondido por estudantes da terceira série do Ensino Médio, matriculados em cinco escolas públicas de São Luiz Gonzaga/RS, com idade entre 15 e 21 anos, e seus respectivos professores de Biologia. Os resultados indicam que há ainda, entre os estudantes, muitas idéias inadequadas em relação à sexualidade. Os professores reconhecem a importância de desenvolver assuntos relacionados à sexualidade, mas nem sempre se sentem preparados para a tarefa. Entretanto, cabe aos professores e à escola repensar suas práticas, para ajudar os estudantes.

Palavras-chave: Educação sexual. Ensino de Biologia. Orientação sexual.

c) As questões de gênero no ensino de graduação em administração: o caso de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, Brasil. V. 32, n. 1, 2007

RESUMO: Este artigo resulta da pesquisa com os/as docentes do curso de Administração de uma universidade privada brasileira e gaúcha; objetiva identificar perfil e questões ligadas a diversidade de gênero na sala de aula. Através da linguagem não-sexista, apresenta o contexto pós-moderno, revelando o momento das universidades e aspectos inerentes à construção das relações de gênero. Utilizando uma pesquisa quantitativa realizada, apresenta-se o perfil e a percepção dos/as docentes sobre alguns aspectos generificados na relação com alunos/as, como linguagem verbal, escrita, exemplos não-sexistas e características/capacidades de alunos/as. O perfil docente é caracterizado por adultos, com experiência e formação didático/pedagógica. Os resultados da percepção em relação aos/as discentes apontam características como liderança, raciocínio lógico e abstrato ligadas fortemente aos estereótipos masculinos e características como atenção, colaboração, competitividade e trabalho em grupo estão relacionadas diretamente aos estereótipos femininos. Resumindo, pode-se perceber a importância do docente como educador, modelador e construtor da cidadania.

Palavras-chave: Gênero. Docentes. Discentes.

7) CADERNOS PAGU. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – CAMPINAS/SP

a) Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. Cadernos Pagu (21) 2003: pp.281-315.

Resumo: Este artigo trata da orientação sexual em uma escola municipal de ensino fundamental do Rio de Janeiro. As reflexões acerca de como uma escola desenvolve esse trabalho são desencadeadas a partir da emergência de um recorte de gênero. O fato de um maior número de meninas do que de meninos ter se disponibilizado a conceder as entrevistas conduz a uma reflexão sobre quem aborda esses assuntos com os/as adolescentes e sobre como o tema da sexualidade é focado, delimitado e inserido na escola. Pode-se dizer que há dois temas centrais em torno dos quais são organizadas as aulas sobre sexualidade – gravidez e DST's/AIDS –, aos quais estão ligados suas formas de prevenção – camisinha e métodos anticoncepcionais. A seguir, são discutidas questões sobre os diferentes modos de a escola recortar e abordar pedagogicamente os

corpos de mulheres e de homens, o que é relacionado ao processo histórico de medicalização do corpo da mulher. Por fim, são discutidas algumas questões sobre alguns paradoxos enfrentados por adolescentes em relação à anticoncepção.

Palavras-chave: Orientação Sexual, Escola, Sexualidade, Gênero, Adolescente.

8) CIÊNCIA EM TELA - UFRJ

a) Gênero e sexualidade na escola: relato de uma educadora. v. 1, n. 1, 2008.

Resumo: Esse relato trata do tema da gravidez na adolescência e das suas implicações na escola, sobretudo sua relação com a construção da identidade masculina em nossa sociedade; da homofobia, e do difícil diálogo entre alunos/as e professores sobre esses temas. Desenvolvo essas reflexões a partir dos discursos de alunos/as, professores/as, e funcionários/as construídos durante entrevistas, grupos focais, conversas informais e de um longo período de observação realizada nos últimos cinco anos em escolas públicas do município de Niterói. O contato com esse universo e esses sujeitos deu-se através do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas e da minha prática profissional na área de prevenção de DST, entre adolescentes escolares. Privilegio a escola por considerá-la espaço privilegiado para a construção social dos sujeitos, inclusive das identidades sexuais e de gênero.

Palavras-Chave: gravidez na adolescência, homofobia, masculinidades, escola.

9) CONTRAPONTOS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVALI (SC, BRASIL).

a) Um modelo de educação sexual pelos pares em escolas portuguesas. Contrapontos - volume 8 - n.3 - p. 337-351 - Itajaí, set/dez 2008

Resumo: Este artigo apresenta o Programa Nacional de Educação pelos Pares, um modelo de educação sexual que é implementado pela Fundação Portuguesa A Comunidade Contra a Sida em escolas portuguesas. Partindo de dados epidemiológicos e uma revisão sobre o suporte teórico e empírico da educação pelos pares, este texto discute e fundamenta as principais etapas de intervenção e levanta questões actuais e controversas no âmbito da Educação Sexual, que continua a ser um desafio contemporâneo da Educação.

Palavras-chave: Prevenção. Educação sexual. Educação pelos pares.

10) EDUCAÇÃO E PESQUISA - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

a) Qualidade de ensino e gênero nas políticas educacionais contemporâneas na América Latina. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.1, p. 13-25, jan./abr. 2007.

Resumo: Este artigo examina o conceito de qualidade de ensino no contexto das principais políticas globais e regionais propostas por agências financiadoras internacionais como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, por acordos internacionais como, por exemplo, as políticas previstas pelo Educação para todos e os Objetivos de desenvolvimento do milênio – e também pela sociedade civil global como o Fórum Social Mundial e o Fórum Mundial de Educação. A análise do conteúdo dos discursos desses grupos distintos e influentes revela que a qualidade é definida e avaliada exclusivamente em termos cognitivos e reduzida a duas habilidades básicas: matemática e leitura. A qualidade, portanto, está dissociada de processos de transformação social, aos quais a educação deveria prestar uma contribuição essencial. Políticas globais de grande vulto, como o Educação para todos e os Objetivos de desenvolvimento do milênio, não consideram a importância da introdução da conscientização de gênero na concepção de uma educação de qualidade. Seus objetivos contemplam o gênero somente no que se refere ao acesso igualitário de meninas e meninos à escola. A autora argumenta que a não-inclusão do gênero no currículo e a não-formação de professores para reconhecer as questões de gênero nas práticas cotidianas da escola e da sala de aula contribuem para a persistência de valores e práticas que reafirmam distinções arbitrárias e assimétricas entre homens e mulheres. Numa perspectiva feminista, a autora enfatiza que é necessário que a qualidade ultrapasse a questão do acesso e inclua o tratamento igualitário de meninas e meninos na sala de aula, bem como um conteúdo curricular que despolarize o conhecimento das identidades de gênero que afetam o cotidiano das pessoas, tais como educação sexual, violência doméstica e cidadania. Além disso, é necessária a inclusão de práticas escolares que desenvolvam personalidades positivas e seguras, tanto nas meninas como nos meninos.

Palavras-chave: Qualidade; Gênero; Políticas educacionais globais; EPT – ODMs.

11) EDUCAÇÃO E REALIDADE – FACULDADE DE EDUCAÇÃO UFRGS/RS

a) Literatura e Sexualidade: visibilidades e silenciamentos nas apropriações docentes. V. 35, n. 1, jan/abr 2010, p. 233-252.

Resumo: Este artigo, com enfoque preferencial nos pressupostos foucaultianos, volta-se para a análise dos sentidos construídos por um grupo de professores (as) na apropriação de livros literários que abordam a temática da gravidez na adolescência. Com a apreciação dos discursos dos(as) docentes foi possível perceber espaços de visibilidade e silenciamento, na preocupação hegemônica com a sexualidade adolescente e com o propósito primeiro de veicular a informação sobre a temática abordada. Concluímos que a apropriação do livro literário, como artefato cultural, necessita de proposições mais críticas num contexto de mudanças significativas, não apenas no arcabouço de idéias do campo educacional.

Palavras-chaves: Literatura para jovens. Educação. Sexualidade. Gravidez na adolescência.

12) EDUCAÇÃO E SOCIEDADE – Revista De Ciência Da Educação Unicamp

a) Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a Educação sexual. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 110, p. 135-156, jan.-mar. 2010.

Resumo: Os esforços para diminuir os comportamentos sexuais de risco de adolescentes e jovens têm conduzido a resultados que ficam aquém das expectativas. Algumas causas para este fracasso parecem dever-se ao seu desconhecimento sobre os mitos e crenças associados à sexualidade. Tentando ultrapassar algumas das limitações de estudos anteriores, o objectivo deste trabalho foi auscultar directamente jovens adolescentes,¹ procurando entender, de uma forma mais espontânea e profunda, as percepções e crenças associadas às relações amorosas e sexuais. Para isso, recolheram-se os seus discursos ao longo de um programa de educação sexual e usou-se a Análise Foucaudiana do Discurso como método de análise dos resultados. Estes apontam para a presença do duplo padrão sexual, embora pareça desenhar-se uma tendência para um padrão sexual singular e para a pouca importância atribuída aos comportamentos de prevenção. Conclui-se com a referência a algumas pistas para a educação sexual.

Palavras-chave: Sexualidade. Género. Duplo padrão sexual. Padrão sexual singular.

b) Educação, relações de gênero e diversidade sexual. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008

Resumo: A educação deve ser também um espaço de cidadania e de respeito aos direitos humanos, o que tem levado o currículo a discutir o tema da inclusão de grupos minoritários. Entre estes grupos estão os grupos de gênero representados por feministas, gays e lésbicas. No Brasil, há muitos estudos sobre a exclusão de mulheres, porém poucos estudos educacionais acerca do tema da diversidade sexual. Essa ausência na educação, provavelmente, tem como causa a predominância de proposições essencialistas e excludentes nos conceitos utilizados para pensar identidades sexuais e de gênero. Algumas formas de resistência apontadas por este artigo são: incluir os estudos de gênero nos cursos de formação docente, a análise crítica de representações sexuais e de gênero produzidas pela mídia e a experimentação de novas formas de linguagem que possam desconstruir estruturas identitárias binárias e excludentes, como homem-mulher e heterossexual-homossexual, produzidas pelo discurso educacional.

Palavras-chave: Gênero. Diversidade sexual. Exclusão. Educação.

c) Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 659-678, agosto 2003

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da avaliação do “Jogo da Onda”, um jogo sobre a prevenção contra HIV/AIDS e uso de drogas, desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz. Informado por uma abordagem qualitativa (grupo focal, observação direta do uso do jogo e questionário), o estudo analisa a opinião de 62 estudantes e 17 educadores da rede pública de ensino (Rio de Janeiro/Brasil) sobre o uso do jogo e as temáticas tratadas no material. Para os estudantes e educadores o jogo gera informação, estimula a reflexão e o diálogo acerca de situações do cotidiano relacionadas ao uso de drogas. A visão dos jovens acerca dos temas do jogo aponta para a relevância da percepção do usuário na avaliação do alcance das mensagens veiculadas em recursos de educação em saúde. Os resultados do estudo motivaram o desenvolvimento e a avaliação de novos conteúdos, principalmente sobre saúde reprodutiva e relações de gênero, que irão integrar as edições futuras do “Jogo da Onda”. Os novos conteúdos privilegiam as interfaces entre os desafios enfrentados pela juventude na atualidade: epidemia de HIV/AIDS, DST, consumo de drogas lícitas e ilícitas, iniciação sexual, gravidez não-planejada, entre outros.

Palavras-chave: Drogas. HIV/AIDS. Educação. Avaliação. Tecnologia educacional.

13) EDUCAÇÃO EM REVISTA - BELO HORIZONTE

a) Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007

Resumo: É intolerável conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque seu modo de ser homem ou de ser mulher, suas formas de expressar seus desejos e prazeres não correspondem àquelas nomeadas como "normais". Esse é um sentimento comum entre as estudiosas/os que sabem da relevância de se refletir sobre questões de gênero e sexualidade. No entanto, embora sejam inegáveis as afinidades políticas entre os/as intelectuais que se dedicam a tais estudos, são muitas e distintas as formas de conceber o que fazer face a tal horizonte político. A diversidade teórica e metodológica, bem como a pluralidade de práticas pedagógicas ou de intervenção, são discutidas e compreendidas, neste artigo, como indicadoras da vitalidade desses campos disciplinares, simultaneamente teóricos e políticos. Conceitos recorrentes, tais como gênero, sexualidade, corpo e poder são contemplados nesta análise.

Palavras-Chave: Gênero; Sexualidade; Corpo; Poder.

b) Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 219-239. dez. 2007

Resumo: Nas culturas ocidentais em que vivemos, de forma muito mais intensa e explícita do que em outras épocas, o amor e a sexualidade têm sido significados como dimensões indissociáveis da vida humana. A sua realização prazerosa tem sido apresentada não apenas como um direito de todos os seres humanos, mas como um imperativo ao qual todos/as estamos submetidos e a partir do qual somos valorados, classificados e posicionados como mais ou menos bem-sucedidos e saudáveis. Nesse sentido, é importante destacar toda uma discursividade que reitera, todos os dias, que ser feliz envolve, dentre outras coisas, o trabalho, o amor e a vivência plena da sexualidade; e que alguns dos ingredientes importantes para garantir a felicidade e o prazer, nesses domínios, seriam, justamente, "sair da rotina", "inovar", "experimentar sensações novas" - é só dar uma folheada em livros de auto-ajuda, em revistas e nos vários programas de TV direcionados para o tema e voltados, de forma intensa, para os/as jovens. Tomando como referência esse contexto cultural e ancorando-se em vertentes dos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas, o presente artigo sinaliza para os desafios que se colocam para educadores e educadoras que se dispõem a

trabalhar temas vinculados a gênero e sexualidade, na escola, na ótica da vulnerabilidade.

Palavras-chave: Educação em saúde na escola; Gênero e sexualidade; Vulnerabilidade

c) Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença? Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 241-267. dez. 2007

Resumo: Este artigo desdobra-se de uma pesquisa desenvolvida desde a perspectiva dos estudos de gênero e dos estudos culturais, articulados com o pós-estruturalismo de Michel Foucault. Na articulação desses campos, analiso alguns dos modos pelos quais o gênero atravessa (é incorporado e mobilizado) e constitui o discurso pedagógico que, articulado com outros discursos, define e regula o que se entende por desempenho escolar nos anos iniciais de escolarização. Para compor meu corpus de pesquisa, construí uma metodologia de investigação, que intitulei de Grupo de discussão, com professoras de séries iniciais das redes municipal e estadual de ensino da cidade de São Leopoldo/RS. A trama das ferramentas conceituais com os materiais possibilita-me tanto visibilizar quanto discutir, analisar e problematizar as relações de poder que constituem, classificam e posicionam meninos e meninas em lugares diferenciados e hierarquizados no que se refere ao desempenho escolar, atribuindo a este diferentes significados.

Palavras-chave: Educação escolar; Estudos de gênero; Desempenho escolar.

d) Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 269-285. dez. 2007

Resumo: Apresento um exercício de análise cultural, a partir da frase "Que bicho é esse?" - do livro paradidático infantil (Lopes, 2000) para se referir a "sexo" e "sexualidade". Problematizo as potencialidades reflexivas da Educação Sexual tendo como referência a "Pedagogia dos Monstros" (Cohen, 2000) e a "desconstrução" como método analítico, articulando-as com teorizações nos campos dos Estudos Culturais e Feministas, sob a perspectiva pós-estruturalista de análise. Na Escola "os sexos", "as sexualidades" e "os gêneros" podem ser pensados como "monstros curriculares", assim como todo assunto marcado pela polêmica, pela provisoriedade, pela normalização. Como fenômeno metafórico cultural "os monstros" subordinam-se aos padrões hegemônicos da cultura normativa ao mesmo tempo em que resistem a eles. Essa

resistência permite que, na Educação Sexual, os processos constituintes da normalidade e da desigualdade possam ser permanentemente postos em questão.

Palavras-chave: Educação sexual; Educação, Gênero e sexualidade; Currículo e formação de educadoras/res.

e) A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 287-310. dez. 2007

Resumo: A sexualidade na juventude tem sido objeto de atenção em nossa sociedade. Um dos principais focos de preocupação e intervenção é a gravidez na adolescência, que é também recorrentemente chamada de indesejada, precoce, não-planejada. Este artigo reflete sobre a atual explosão discursiva em torno desse tema e sobre o modo como a sexualidade adolescente tem sido focada como um problema social frente ao qual a escola é conclamada a intervir. O artigo analisa como a conduta sexual dos indivíduos e da população tornou-se objeto de análise e de diferentes intervenções médicas, pedagógicas, políticas e governamentais. Diferentes campos, como a medicina, a demografia e a educação, articulam-se com o intuito de gerir a sexualidade adolescente a fim de, entre outros, evitar a gravidez, que, em nossa sociedade, não é tida como uma experiência a ser vivida nesse período da vida.

Palavras-chave: Educação sexual; Adolescência; Gravidez; Sexualidade.

14) EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA - BARRA DO BUGRES/UNEMAT

a) Corpo Humano e Saúde: uma Experiência na Formação de Professores Indígenas. Não tem resumo, nem palavras-chave. v. 5, n. 1, 2007, p. 119-124.

15) EDUCAÇÃO - PUC/RS

a) Juventudes brasileiras e sexualidade na contemporaneidade (RESENHA) n. 1 v.61, p. 191-196, jan./abr. 2007.

16) EDUCAR EM REVISTA – UFPR/CURITIBA

a) Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. Educar, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007. Editora UFPR

Resumo: O tema da sexualidade tornou-se obrigatório nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil, devendo ser tratado como um tema transversal. Assim, a sexualidade não é mais um tema exclusivo das aulas de Biologia, mas deve ser

trabalhada em todas as disciplinas do currículo por uma visão culturalista. Essa mudança de paradigma implica discutir todos os aspectos da sexualidade, inclusive as novas identidades sexuais e de gênero. Isso exige que o tema seja discutido nos cursos de formação docente, preparando o/a educador/a para resistir a discursos normativos sobre corpo, gênero e sexualidade. **Palavras-chave:** sexualidade; gênero; educação sexual; formação docente.

b) Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. Educar, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Editora UFPR

Resumo: A combinação entre sexualidade e educação é um tema que remonta aos primórdios da instituição escolar brasileira. Muitos projetos e iniciativas de educação sexual pontuaram a história da educação no Brasil e o encontro com a perspectiva de gênero sempre foi problemática. Nos anos de 1990, com o aparecimento dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a sexualidade e o gênero passaram a habitar os discursos e as práticas educacionais brasileiros de forma mais bem instalada, mas não menos conflituosa. Este texto analisa os principais caminhos “epistemológicos” que os discursos sobre a sexualidade e o gênero percorreram na instituição escolar ao longo de quase um século. A partir de uma perspectiva ancorada nos conceitos de Michel Foucault, especialmente as noções de dispositivo da sexualidade e biopolítica, analisou-se essa produção discursiva e institucional acerca da sexualidade. Mais contemporaneamente, procurou-se demonstrar as (in)compreensões sobre a diversidade sexual por meio de questionamentos oriundos da teoria *queer*, tomada como referência decisiva para a discussão da fala docente e de documentos oficiais presentes na escola a respeito de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade; gênero; práticas escolares; diversidade sexual; teoria *queer*.

c) Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia. Educar, Curitiba, n. 35, p. 63-80, 2009. Editora UFPR

Resumo: O objetivo desse artigo é refletir sobre o tema da educação sexual à luz dos conceitos de ética, liberdade e autonomia. Na perspectiva aqui adotada, não se trata de definir *a priori* conceitos que nos dariam uma grade de categorias que pudessem estabelecer o que é ético e o que não é ético. Tão somente, não se trata de estabelecer um critério distintivo do que seja moral e, por conseguinte, prescritivo e normativo, do

que é princípio ético, objeto de livre escolha dos indivíduos e, portanto, emblema de sua autonomia. Trata-se de remeter os problemas éticos à dinâmica imanente das práticas sociais. Considerando a ética como uma prática refletida da liberdade, trata-se de exercitar tal prática, encorajando os/as atores/as a debater em torno das decisões e escolhas a serem feitas. Deste modo, esse artigo se volta para as seguintes questões: De que forma poderia a sexualidade ser trabalhada na escola a partir de uma ética como prática da liberdade e não

de uma moral prescritiva? Como poderia um trabalho de educação sexual produzir reflexão e autonomia? Tais questões serão abordadas a partir da análise de uma atividade de educação sexual, sobre o tema da paternidade, desenvolvida em uma escola.

Palavras-chave: educação sexual; ética; escola; sexualidade; gênero.

17) EDUCERE - UNIPAR

a) Sexualidade e Contexto Escolar. Revista da educação da Unipar, p. 191-194, v.2, n. 2, jul./dez. 2002.

Resumo: Este artigo apresenta a experiência de dois projetos interligados com os acadêmicos do curso de pedagogia da Universidade Paranaense Unipar. O primeiro denominado de projeto de Ensino com o título “Sexualidade na Infância e na Adolescência”, e o segundo projeto com a pretensão de empregar os aspectos teóricos e técnicos diretamente na comunidade escolar, com o título; “Palestra para Pais: A importância da Orientação Sexual aos Filhos”. Esta experiência busca sensibilizar a necessidade da intervenção dos pais e professores no caminho da orientação sexual contribuindo com um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: sexualidade; educação sexual; desenvolvimento; intervenção.

18) ENSINO SAÚDE E AMBIENTE - Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente/UNIPLI

a) O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? v.3 n 1 p. 22-41 Abril 2010, p. 22-41.

Resumo: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem a orientação sexual como um dos temas transversais e, por sua complexidade, contempla as mais diversas áreas de conhecimento, mas comumente é associada aos conteúdos dos sistemas reprodutores abordados em Ciências e Biologia nos ensinos fundamental e médio,

respectivamente. Nesse sentido, buscou-se conhecer a atitude de professores de Ciências Biológicas nas aulas de orientação sexual. Foram criadas cinco características dentre algumas daquelas que os PCN apontam como necessárias para o desenvolvimento do tema: “clareza”, “sistematização”, “atitudes de acolhimento às expressões dos estudantes”, “domínio de conteúdo” e “aspectos trans-disciplinares”. Convergências e divergências foram identificadas entre a prática dos professores e os aspectos dos PCN escolhidos para o estudo como categorias de análise. Ficaram identificadas convergências nas categorias “sistematização” e “atitudes de acolhimento”, e divergências em “aspectos transdisciplinares”. No entanto, não foram identificadas divergências nem convergências explícitas nas categorias “clareza” e “domínio de conteúdo”.

Palavras-chave: Temas transversais, Orientação sexual, PCN, Ensino de Ciências.

b) Trabalhando prevenção ao uso indevido de drogas e doenças sexualmente transmitidas (DST's) com oficinas lúdico-pedagógicas na formação de professores. v.1, n.2, p 29-40, dez.2008, p. 29-40.

Resumo: Mesmo com a transversalidade incluída nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na nova Lei de Diretrizes e Bases, ainda são encontradas dificuldades na abordagem de temas como as AIDS e drogas. Desta forma, esta pesquisa teve por objetivo avaliar o desenvolvimento de oficinas lúdico-pedagógicas na formação de professores, visando contribuir para a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e para o uso indevido de drogas. A pesquisa foi desenvolvida com quinze docentes, realizando-se diferentes oficinas, e sendo utilizado como instrumento de avaliação pré e pós-teste. Para o grupo em estudo, houve um aumento significativo de conhecimentos após as oficinas. Com este estudo foi possível verificar a eficiência das oficinas lúdico-pedagógicas e a necessidade de inserção de temas envolvendo educação em saúde na formação de professores.

Palavras-Chave: AIDS - Drogas - Educação em Saúde - Oficinas Lúdico-Pedagógicas.

c) Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências – desvelando os bastidores de uma proposta. v.2 n.2 p 2-20 agosto 2009, p. 2-20.

Resumo: Neste texto, professoras, com longa militância em sala de aula, relatam o processo e os desafios ao assumirem se tornarem autoras de livro didático. Após breves

reflexões sobre as questões referentes ao livro didático e ao currículo, as autoras revelam os

bastidores do processo de produção da proposta: estudos, pesquisas, reuniões e mais os embates internos e as pressões externas. Optam por destacar a abordagem da sexualidade humana e suas interfaces com a ciência e a saúde; os cuidados que se impõem ao falar do corpo e da sexualidade em material didático, cujos textos e imagens não reforcem crenças subjetivas, tabus e preconceitos, e nem disseminem informações errôneas, mas sim, construam conhecimentos que gerem a prática do cuidado com o corpo associado à promoção da saúde e à vivência prazerosa e responsável da sexualidade.

Palavras-chave: livro didático – sexualidade – currículo – professores - ciências

19) EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE CIÊNCIAS - UFMT

a) Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um estudo de caso. Experiências em Ensino de Ciências – V5(2), pp. 163-175, 2010.

Resumo: Os adolescentes são vistos comumente de maneira “assexuada” de modo que o aparecimento das primeiras manifestações sexuais em nossos jovens é permeado por preocupação e receio. Neste contexto, a escola dissemina a visão do sexo e da sexualidade, como perigosos devido aos riscos das doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada. Desta maneira, como intuito de favorecer a reflexão por parte dos adolescentes no que se refere à vivência da sexualidade, desenvolvemos oficinas junto a 15 alunos de uma sétima série do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual do município de Jaboticabal, São Paulo. Os achados desta pesquisa indicam que os adolescentes possuem concepções de sexualidade marcadas por repressões, além da manutenção dos papéis sexuais tradicionalmente estabelecidos. A realização das intervenções na forma de oficinas revelou que o grupo tornou-se um espaço favorecedor da reconstrução e recriação de significados através de questionamentos e do julgamento de valores e atitudes socialmente impostos.

Palavras-chave: sexualidade, adolescência, oficinas, escola.

20) GENÉTICA NA ESCOLA – SOCIEDADE BRASILEIRA DE GENÉTICA

a) Questão de sensibilidade: um filme para conversar sobre a homossexualidade e conceitos básicos de genética. V.3, n. 1, p. 33-35, 2008.

Não tem resumo.

Palavras-chave: orientação sexual, filmes na educação, homossexualidade.

**21) INTERFACE: COMUNICAÇÃO, SAÚDE E EDUCAÇÃO
UNESP/BOTUCATU**

a) Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar. Interface - Comunic, Saúde, Educ, v6, n11, p.71-88, ago 2002

Resumo: A reflexão central deste artigo constitui-se em torno das expectativas projetadas em relação às ações educativas desenvolvidas em escolas no âmbito da prevenção as Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids. Para discutir este tema recorreremos à revisão dos aspectos históricos que marcaram a instituição da educação sexual como conteúdo escolar. Registramos uma intensa associação entre a escola e o objetivo de corrigir os desvios da conduta humana, aí incluídos os de ordem sexual. Observamos, ainda, que as propostas de educação em saúde formuladas no campo da saúde e dirigidas à escola estabelecem princípios, objetivos e recomendações para a educação sexual de adolescentes e crianças sem tematizar a escola como espaço social. Concluímos, assinalando que contribuições altamente construtivas e passíveis de serem desenvolvidas na escola se dão, sobretudo, pela capacidade de abordar as categorias aparentemente fixas que constituem o campo da experiência da sexualidade como construções eminentemente históricas. Acreditamos que a partir desse viés acentua-se a possibilidade de rearranjo de relações sociais que podem gerar impacto sobre as condições que ampliam a vulnerabilidade dos indivíduos em relação às doenças sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: Síndrome de imunodeficiência adquirida; doenças sexualmente transmissíveis; educação sexual; serviços de saúde para estudantes.

22) LINHAS – Revista do programa de pós-graduação em educação UDESC/SC

a) Reflexões de uma educadora sobre educação e sexualidade: relato de um processo em construção. v.3, n. 2, 2002.

Resumo: O presente estudo parte da experiência da autora como professora de Educação Física, que já há uma década vem trabalhando com crianças de quatro a dez anos, e mostra o quanto essa aula é sempre esperada e desejada pelos alunos. Percebe-se também, que muitas vezes os(as) professores(as) de Educação Física conseguem o impossível: transformar aquele momento tão esperado e desejado em algo negativo, utilizando-se apenas da questão da competição em si mesma, contrapondo-se à

exploração da arte do movimento. A partir do aprofundamento dos estudos sobre sexualidade e educação, foi possível, também, perceber que a escola evita falar sobre o tema sentimento, bem como evita demonstrá-lo. O artigo relata caminhos metodológicos correntes no seu espaço de atuação – Escola Desdobrada Retiro da Lagoa – que propõe a um grupo, cujos participantes tinham em comum anseios por mudanças, a construção coletiva do projeto “Redescobrimos nossa Sexualidade”. Descreve a trajetória dessa construção e aponta algumas possibilidades pedagógicas sobre a temática.

Palavras-chaves: Educação; Sexualidade; Pedagogia do movimento; Educação Física; Tema transversal.

b) Refletindo sobre a sexualidade na educação infantil. V.4, n. 1, 2003.

Resumo: É tarefa da educação infantil contemplar as múltiplas dimensões do processo de desenvolvimento da criança. Nesse sentido, a intervenção do profissional que trabalha com crianças de 0 a 6 anos deve auxiliar no seu processo de constituição, pois este produz o caráter histórico do homem. E nesse caráter humano-histórico, certamente, está incluída a dimensão sexualidade. Portanto, necessário se faz libertar o ser das marcas repressoras construídas pela historicidade e registrar a importância da dialética, a fim de compreender a realidade como um processo, com perspectivas de mudanças abertas para novas visões e conceitos, priorizando a construção de um paradigma emancipatório de vida para meninos e meninas. A sexualidade precisa ser desvelada e analisada no interior de todo o contexto educativo, para que todas as pessoas, desde a mais tenra idade, sejam vistas como seres em plenitude no processo permanente de construção de uma cidadania sempre sexuada.

Palavras-chave: Educação infantil; Educação sexual; Sexualidade; Profissionais da educação.

c) Projeto casulo: uma experiência de educação sexual no ensino fundamental. V.4, n. 2, 2002.

Resumo: Relato de uma experiência de educação sexual na 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola privada de Belo Horizonte. Apresentamos as condições de implantação do programa, defendemos uma concepção de educação sexual, discutindo a pertinência da intervenção pedagógica no campo da sexualidade com grupos de

adolescentes e compartilhamos uma experiência de sala de aula avaliando o impacto da ação educativa sobre os agentes envolvidos.

Palavras-chave: Adolescência. Sexualidade. Educação

d) Escola: casa de tolerância ou não? V. 3, n. 1, 2002.

Resumo: O presente artigo trata dos arranjos institucionais pertinentes à educação de gênero. A “Escola” e a “Casa de Tolerância” assumem o papel do lugar onde o sexo só pode ser tratado como algo proibido. Nele questiona-se o que pode ou não ser tolerado. Estas instituições passam a ser o sinal visível daquilo que pretende ser invisível.

Palavras-chave: Escola, Casa de Tolerância, Culpa, Desejo, Educação Sexual.

e) Internet, Educação Sexual e Poder. V. 2, n. 2, 2001.

Resumo - Este artigo focaliza a internet como um espaço virtual de relações de poder em

que podemos realizar uma Educação Sexual libertadora e emancipatória.

Palavras-chave: internet, educação, poder, sexualidade.

f) A sexualidade de estudantes deficientes mentais: experiências de professoras do ensino fundamental em Sergipe. V. 7, n. 1, 2006.

Resumo: O presente artigo trata da atuação de professoras da rede estadual de ensino na cidade de Aracaju, no tocante à Educação Sexual dos alunos portadores de deficiência mental. O trabalho privilegia a análise da forma de intervenção mais citada pelas professoras entrevistadas, as conversas. Para se ter acesso aos discursos, foi aplicado um roteiro de entrevista em 21 (vinte e uma) professoras de classes especiais e de classes regulares em que foram implantados programas de inclusão escolar. Após análises quantitativas e qualitativas dos discursos, concluiu-se que, ao escolherem o diálogo como principal forma de intervenção, as professoras tentam estabelecer uma atitude menos coercitiva diante das manifestações sexuais de seus alunos. Isto, no entanto, não minimiza os aspectos negativos das intervenções que, por serem informais, estão pautadas no senso comum, em conceitos de sexualidade e educação sexual limitados, por vezes repressores e negativos. Verificou-se também que a imposição de limites às manifestações afetivo-sexuais dos alunos foi o principal conteúdo das conversas. Este fato não deve apenas ser interpretado como uma forma de cerceamento da sexualidade, mas como tentativa de dividir com esses alunos códigos sociais aos quais,

possivelmente, não tiveram acesso por conta de suas histórias de segregação familiar e social.

Palavras-Chaves: Sexualidade. Deficientes Mentais. Professoras.

g) Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. v. 7, n. 1, 2006

Resumo: O presente artigo reflete sobre como ensinar no espaço da escola, no que se refere ao ensino formal, planejado e sistematizado, assim como ao informal, partindo das situações espontâneas que acontecem no cotidiano escolar. Aborda variadas estratégias de ensino, explicitando o fundamento metodológico que as sustenta. Analisa o papel do educador e do educando, ressaltando a importância da participação ativa deste último como sujeito que constrói conhecimento e que deve ser agente autônomo e co-responsável por sua formação pessoal. As reflexões são voltadas para o contexto da escola regular *inclusiva*, na qual, segundo a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ser inseridas. Este é um novo desafio que se apresenta aos professores, ao mesmo tempo em que os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que ensinem sobre sexualidade. Pensar a escola inclusiva é oportuno ao se falar sobre Educação Sexual pois, tanto uma quanto a outra devem estar voltadas para o acolhimento da diversidade humana, seja do indivíduo com necessidades educacionais especiais, seja dos discriminados pela forma diferente de viver sua sexualidade.

Palavras-chaves: Educação sexual. Escola inclusiva. Estratégias de ensino.

h) Relações de gênero, sexualidade e AIDS: apontamentos para reflexão. V. 7, n. 1, 2006.

Resumo: Vivemos atualmente uma epidemia de Aids, que vem crescendo ao longo dos anos. Diante dessa problemática, os diversos profissionais que trabalham com prevenção, buscam alternativas de ação visando atingir tanto portadores quanto a população que corre risco de se contaminar pelo HIV. Este estudo tem o objetivo de sistematizar um referencial teórico, com base em pesquisas e conhecimentos já existentes, de maneira a buscar elementos para reflexão sobre a questão da Aids e sua relação com a questão de gênero. O estudo realizado aponta para o fato de que, cada vez mais, a Aids parece se tornar uma questão de educação escolar. Considera, então, que as atividades preventivas, nesse contexto, terão maior eficácia se inseridas em programas de Orientação Sexual que possibilitem aos adolescentes vivenciar um verdadeiro

processo educativo nas questões relacionadas à sexualidade humana, às relações de gênero e à Aids.

Palavras-chave: Aids. Adolescência. Educação escolar. Questões de gênero.

i) AIDS, gênero e conjugalidade: um estudo sobre a percepção de risco para estudantes universitários. V. 7, n. 1, 2006.

Resumo: O presente estudo tem por objetivo investigar a percepção de universitários, homens e mulheres, sobre o risco de infecção pelo HIV. Para tanto, foi realizado um levantamento através com vinte e dois estudantes da Universidade do sul de Santa Catarina (UNISUL) – Campus Pedra Branca. Dos entrevistados, doze fazem parte do curso de enfermagem, dentre eles metade é do sexo feminino, sendo que três possuem um relacionamento sexual de conjugalidade e três se encontravam sem relacionamentos duradouros. O mesmo ocorreu com as pessoas do sexo masculino. Os outros dez estudantes entrevistados pretendem ao curso de direito, entre eles seis são do sexo masculino e três deles possuem relacionamentos de conjugalidade, enquanto os demais estão sem relacionamentos duradouros. Dos quatro entrevistados restantes, três se encontravam em relacionamentos estáveis e um não possui relacionamento estável. Observou-se que as respostas se diferenciaram conforme cada grupo. Para o sexo masculino, a sexualidade estava relacionada ao ato sexual em si; para as mulheres, envolvia intimidade com o parceiro. Os homens mostraram-se atraídos primordialmente pela aparência física. As mulheres responderam que o conhecimento do outro era mais importante que a atração física. Os resultados ainda demonstraram que os entrevistados não consideravam a epidemia um risco para eles. Eles e elas conceberam a Aids como uma doença de outras pessoas, reforçando a idéia de grupos de risco. Tanto entrevistados homens quanto mulheres revelaram não discutirem sobre o risco de infecção pelo HIV com seus parceiros.

Palavras-chave: AIDS. Conjugalidade. Risco. Estudantes. Gênero.

j) Dialética da sexualidade e educação sexual no Brasil. V. 7, n. 1, 2006.

Resumo: Este artigo apresenta pressupostos para uma análise dialética da Sexualidade, a qual se apresenta como exercício crítico para a compreensão da condição humana. A presente análise fundamenta-se em eixos de raízes antropológicas, históricas e filosóficas, conferindo ao tema um estatuto identificado nas ciências humanas, campo legítimo para o destaque da Sexualidade como dimensão essencialmente humana,

construída dialeticamente na dinâmica das relações sociais. A delimitação desta abordagem obedece a determinantes metodológicos do materialismo histórico, para respaldo da pluralidade teórica e epistemológica que busca-se ressaltar. São priorizadas na análise aqui empreendida as categorias: contradição, conflito, ideologia, materialidade, mediação, concepção política e totalidade, sob perspectivas da dialética, ultrapassando os *simplismos* comuns das perspectivas idealista, harmoniosa, distintiva e cartesiana de análise da temática. Tal sistematização enfoca a Sexualidade como um todo, de modo a circunscrevê-la como uma das mais ricas expressões da condição pessoal, social, histórica, econômica e filosófica.

Palavras-chaves: Sexualidade humana. Dialética. História. Filosofia e Sociedade.

k) Educação sexual e formação de professores com o uso das TIC no Brasil e em Portugal: algumas interfaces. V. 11, n. 1, 2010.

Não tem resumo, nem palavras-chave por tratar-se de uma entrevista.

l) Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. V. 11, n. 1, 2010.

Resumo: O presente artigo discute a formação de professores para atuar com questões de sexualidade na escola a partir da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997. Os autores apontam que, ao longo de pouco mais de uma década, não houve incentivo nem iniciativas oficiais regulares e sistemáticas para que aos professores se oferecessem oportunidades de formação em Educação Sexual na cadeira de Pedagogia, nas licenciaturas ou em educação continuada, nem mesmo em formação inicial, com raras exceções. O trabalho com Sexualidade e Educação Sexual geralmente tem como entraves o desconhecimento, o preconceito, o tabu e a discriminação. Se os professores, portanto, receberem preparação para trabalhar neste campo, haverá um ganho significativo em sua atuação e no desenvolvimento psicossocial de seus alunos, além de representar também um processo de formação para a cidadania.

Palavras-Chave: Educação Sexual. Sexualidade. Orientação Sexual na Escola. Formação de Professores. Curso de Pedagogia.

m) Decursos educativos e conhecimentos para uma educação sexual emancipatória intencional. V. 11, n. 1, 2010.

Resumo: A escola, enquanto espaço de partilha de conhecimentos, culturas, valores, mudanças e desenvolvimento de competências, pode e deve ser um lugar para educação sexual emancipatória intencional. Conscientemente ou não, no seu movimento diário, a escola exerce influência sobre a sexualidade, seja através de atos de repressão dos atos considerados inadequados, seja através das mais variadas formas, como a omissão de informações e aplicação de seus princípios, valores, preconceitos, mitos e tabus. O presente artigo faz uma reflexão sobre a importância de uma educação sexual emancipatória intencional na formação dos professores, reconhecendo-a como componente fundamental do direito à educação e da reflexão sobre temas da sexualidade humana em meio educacional. Aliada a essas questões, emerge outra, que se refere à prática pedagógica dos professores em Educação Sexual para trabalhar com seus alunos. Todos esses questionamentos estão presentes no dia-a-dia da sala de aula onde os professores se confrontam com a realidade escolar. Neste contexto, um regime de aplicação na formação dos professores relativamente a uma educação sexual emancipatória intencional nas instituições de ensino superior constituirá mais um passo determinante para os jovens, como o direito à informação, a temática da sexualidade.

Palavras-Chave: Formação de professores. Formação inicial e contínua. Conhecimentos. Sexualidade. Educação sexual emancipatória intencional.

n) Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. V. 11, n. 1, 2010.

Resumo: Este artigo apresenta um estudo descritivo-qualitativo que teve por objetivo investigar a percepção de sete professoras, cinco pais e dezoito mães sobre as manifestações sexuais de crianças até seis anos por meio de um questionário com questões semiabertas e posterior análise de conteúdo. As manifestações sexuais identificadas pelos adultos, na casa ou na escola, referem-se, principalmente, às questões de gênero e à descoberta do corpo: as crianças reproduzem concepções de masculino e feminino, manipulam seu próprio corpo ou o de outros, verbalizam sobre namoro, beijo na boca e sexo. As professoras, mais do que os pais e mães em casa, percebem os comportamentos sexuais das crianças, que na escola são explícitos. Professoras relatam que os comportamentos observados geram ansiedade e desconforto e os pais e mães que costumam dialogar com seus(uas) filhos(as) sobre o tema. Em geral, há relatos de pouco conhecimento sobre como agir diante das manifestações sexuais infantis, tanto das professoras que têm pouca formação acadêmica na área da

sexualidade, quanto dos familiares, que demonstram certa dificuldade pessoal e moral. Conclui-se que os participantes compreendem as crianças como dotadas de sexualidade, pois percebem diferentes expressões da sexualidade infantil que são típicas do desenvolvimento. É preciso investir na formação acadêmica e continuada de professores da educação infantil, bem como no trabalho em conjunto da escola e da família, visando propiciar às crianças a experiência favorável de uma educação sexual emancipatória.

Palavras-Chave: Sexualidade infantil. Infância. Educação sexual. Educação infantil.

o) Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. v. 11, n. 1, 2010.

Resumo: A grande maioria dos estudantes universitários chega à universidade sem ter tido oportunidades de olhar para dentro de si mesma e de repensar seus valores, suas atitudes e sua história de vida. O propósito essencial da pesquisa foi conhecer a história da Educação Sexual e a visão da sexualidade de estudantes universitárias do sexo feminino, com vistas a reavaliar um conjunto de exercícios de autorreflexão que já vem sendo utilizado durante o estágio de Psicologia Escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que usa como método de pesquisa a “história de vida”. A pesquisa, assim como o próprio conjunto de exercícios de autorreflexão, consta de duas etapas: na primeira, as alunas escrevem de forma sigilosa uma redação sobre “Como foi a sua Educação Sexual”; na segunda, respondem a um roteiro de 22 questões, dividido em três fases, que visa a favorecer o aprofundamento da reflexão. Participaram da pesquisa 34 alunas do curso de psicologia da UEL (Universidade Estadual de Londrina). A análise da redação e das questões do roteiro mostrou que, apesar de terem vivido sua adolescência na década de 1980, uma década marcada pela “liberdade sexual”, a visão da sexualidade, construída ao longo da história de vida das estudantes, é, em sua maior parte, marcada pela ausência de uma educação sexual positiva, tanto no lar, quanto na escola. Participar dos exercícios de autorreflexão sobre sexualidade, cumprindo suas várias etapas, tem sido apontado por todas as participantes da pesquisa como uma atividade razoavelmente difícil de cumprir, porém, muito significativa para a formação pessoal. Os resultados encontrados vêm comprovar o que já foi defendido por estudiosos, entre eles, Marcelo Bernardi e Isaura Guimarães, a respeito da necessidade de que as pessoas revejam seus valores, sentimentos e atitudes diante da sexualidade para que possam atuar de forma positiva e humanizadora na área da Educação Sexual. Esta necessidade de reeducar-se sexualmente é, certamente, ainda mais premente

quando se trata de profissionais ligados à área da educação e da saúde, tais como Psicologia, Pedagogia, Enfermagem, Medicina, Serviço, entre outras.

Palavras-Chave: Educação sexual. Sexualidade. Formação de professores. História de vida.

p) Educação sexual em debate: conversando com educadores pelas ondas da rádio UDESC. V. 11, n. 1, 2010.

Resumo: O programa Educação Sexual em Debate: nas ondas da rádio UDESC é uma Ação do Programa de Extensão Formação de Educadores e Educação Sexual e as Novas Tecnologias. Vem sendo desenvolvido desde 2007 pelo Grupo de Pesquisa Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Grupo EDUSEX. Trata-se de um grupo que há 20 anos trabalha na sensibilização e reflexão sobre a temática, numa perspectiva emancipatória. A ênfase que hoje se lhe dá são as possíveis aproximações entre uma proposta de educação sexual intencional e o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), no caso, o rádio. A seu serviço, o desenvolvimento de novas metodologias para ensino, via pesquisa e extensão. Ambiente: uma universidade pública estadual. Modalidades: curso de pedagogia presencial e ensino a distância

Palavras-Chave: Educação sexual. Programa de rádio. Perspectiva emancipatória. Tecnologias da informação e comunicação.

23) Pesquisa em Foco - UFMA

a) Estudo sobre a sexualidade dos adolescentes de uma escola pública de imperatriz – maranhão. Pesquisa em Foco, v. 16, n.1, p. 62-76, 2008.

Resumo: Embora a sexualidade seja vivida desde a Antigüidade, somente há poucas décadas ela tem sido realmente estudada e divulgada para ser aproveitada pelos seres humanos. Através deste estudo tornou-se possível investigar quem são, como se relacionam com os pais e o que pensam sobre a sexualidade os adolescentes do Complexo Educacional de Ensino Fundamental e Médio Amaral Raposo, em Imperatriz - MA; propiciou também investigar quem são, que conhecimento e preparo detém os professores que dividem com eles o mesmo espaço e como inserir nos programas de Biologia, Língua Portuguesa e Filosofia conteúdos pertinentes e relevantes para ajudar o jovem a resgatar sua auto-estima a adotar uma conduta sexual responsável. Estudiosos desta temática como Dr.

Nelson Vitiello, Maria Helena Matarazzo, Ricardo Cavalcanti, Jorge Thums dentre outros, fundamentaram este estudo. Diante disso, o objetivo deste trabalho é o de contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual responsável nos adolescentes, dar-lhes a possibilidade de uma formação integral além de resgatar sua auto-estima e acima de tudo contribuir na formação de uma nova geração de adolescentes. Este estudo poderá favorecer também a diminuição do aborto como método contraceptivo, a diminuição da gravidez indesejada e do casamento precoce assim como diminuir o abandono escolar.

Palavras-chave: adolescência, educação sexual, escola pública, sexualidade

24) Pró-Posições – Faculdade de educação/UNICAMP

a) Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008, p. 17-23.

Resumo: Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Na contemporaneidade, essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; pedagogias culturais; norma; diferença.

b) (In)Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008, p. 59-79

Resumo: Neste artigo pretendemos mostrar como o gênero é um conceito determinante e imprescindível quando se trabalham as questões da sexualidade juvenil, particularmente quando se aborda a sexualidade das jovens adolescentes. A literatura feminista tem alertado para a continuidade dos discursos de vitimização, de medo e de moralidade que continuam a servir, em muitos casos e em muitos países, para justificar conteúdos de programa de educação sexual nas escolas e de campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, essencialmente sobre o HIV. Contudo, depois de analisar esses discursos, nota-se claramente a ausência de um discurso emancipador sobre a sexualidade feminina adolescente. Apesar da epidemia do HIV e de o número

crescente de mulheres heterossexuais (de todas as faixas etárias, das mais jovens às mais idosas) a serem infectadas implicar a necessidade de uma atenção redobrada, esse problema não pode justificar discursos reguladores e tradicionais da sexualidade feminina. São necessários novos discursos emancipadores e de empowerment das jovens adolescentes, de responsabilização de jovens do sexo masculino pelas questões da reprodução e da construção de um projecto igualitário e, ao mesmo tempo, de programas e de campanhas informadas pelo conhecimento existente relativamente às questões do género e à assimetria entre os sexos na vivência da sexualidade.

Palavras-chave: género; sexualidade juvenil; comportamento sexual de risco; HIV; educação sexual; programas de prevenção.

c) Tabus sexuais entre professores e alunos. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008, p.135-150.

Resumo: O poder da sexualidade nas relações entre professores e alunos é tão intenso quanto o esforço feito pelos agentes educacionais em negá-lo. O termo tabu representa a exata designação do que tal terminologia suscita: algo misterioso e, principalmente, proibido. De fato, a questão sexual entre professores e alunos concerne a uma esfera tão proibitiva que sequer é mencionada, haja vista a escassez de pesquisas que versam a esse respeito. Daí o objetivo deste artigo, ou seja, analisar a ambivalência dos sentimentos de amor e de ódio que se objetivam na sexualidade existente entre professores e alunos.

Palavras-chaves: indústria cultural; tabus sexuais; teoria crítica; Sócrates; Theodor Adorno.

d) Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 119-134, set./dez. 2010.

Resumo: Este artigo pretende discutir concepções sobre gênero e sexualidade na formação em ciências biológicas. Para tanto, foram aplicados questionários com questões sobre esses temas aos/às graduandos/as do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Os resultados apontaram para a rejeição de posições preconceituosas a respeito das minorias sexuais e de gênero. Por outro lado, as respostas também indicaram alguns problemas: a noção da homossexualidade como algo *contagioso* permanece, e a indiferença e o desinteresse criam obstáculos para uma melhor aceitação da diversidade sexual. Por fim, discute-se a influência das disciplinas

de licenciatura nos resultados e as possibilidades de mudanças curriculares na capacitação de docentes em ciências biológicas para lecionar sobre gênero e diversidade sexual.

Palavras-chaves: formação docente; diversidade sexual; gênero.

25) Revista Brasileira de Educação Especial – Associação brasileira de pesquisadores em educação especial/Marília/SP.

a) Educação sexual de pessoas com deficiência mental. N. 30, 2007.

Resumo: Constata-se que falar em sexualidade de pessoas com deficiência mental é um tabu. Manifestações de ansiedade referentes ao assunto são presenciadas no cotidiano. Considera-se importante favorecer a compreensão de que a sexualidade é parte integrante da vida, o que não justifica a inquietação para abordar essa temática, pois é um atributo humano. Percebe-se que a abordagem do referido tema prioriza aspectos anatômicos e se mostra fragmentada, imbricada à culpa e ao medo. É importante conscientizar a sociedade, principalmente as famílias de pessoas com deficiência mental e profissionais que atuam com esse grupo, que pessoas com deficiência mental não são assexuadas, tampouco têm sua sexualidade incontrolável. Também é imprescindível instrumentalizar os profissionais e familiares para tomar atitudes coerentes ao se depararem com manifestações de sexualidade do aluno/filho com deficiência mental.

Palavras-chave: Sexualidade. Deficiência Mental. Direitos Humanos. Educação. Orientação.

b) Análise do conhecimento sobre DSTs e planejamento familiar entre deficientes auditivos e ouvintes de uma escola pública de Fortaleza. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.1, p.137-150, Jan.-Abr., 2010.

Resumo: segundo a OMS, havia cerca de 278 milhões de deficientes auditivos no mundo, em 2005. A maioria deles não tem acesso a serviços de educação em saúde sexual, o que os tornam bastante vulneráveis a ocorrência de gravidez precoce e infecção por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)/AIDS. Objetivou-se analisar comparativamente o conhecimento de estudantes, com ou sem alguma deficiência auditiva, de uma escola pública, sobre planejamento familiar e DSTs. Trata-se de um estudo transversal e comparativo em que 149 estudantes de uma escola pública foram divididos em 2 grupos: 98 ouvintes e 51 não-ouvintes. Foi então aplicado um questionário com indagações sobre planejamento familiar e DSTs. Os dados foram

analisados pelo programa EPI INFO, considerando p válido quando $< 0,05$. Resultados: 50,00% dos não-ouvintes referiram existir cura para AIDS contra 25,30% dos ouvintes; 92,90% dos ouvintes relataram que uso de preservativo protege contra AIDS/DST's, contra 43,10% dos não ouvintes. A maioria dos ouvintes, 97,90%, afirmou que procuraria um serviço de saúde caso alguma lesão típica de DSTs se manifestasse, contra 47,10% dos não-ouvintes. Os dados apresentados inferem que há uma carência de informação acerca destes temas entre a população jovem com deficiência auditiva.

Palavras-Chave: educação especial; deficiente da audição; doenças sexualmente transmissíveis; planejamento familiar.

c) Orientação sexual para jovens adultos com deficiência auditiva. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Jan.-Abr. 2006, v.12, n.1, p.29-48

Resumo: o estudo investigou o tema da sexualidade junto a 14 jovens adultos com deficiência auditiva de 18 a 35 anos de idade, no Centro de Distúrbios da Audição Linguagem e Visão (CEDALVI) que faz parte do HRAC-USP/Bauru. Os objetivos foram: identificar quais as necessidades de informação no que diz respeito à sexualidade; intervir, através de um programa de orientação sexual, informando e discutindo sobre temas referentes à sexualidade e verificar a aquisição de informação obtida com o programa de orientação sexual. Para tal, foi realizado um programa de orientação sexual, com três encontros abordando os seguintes temas: *Órgãos sexuais e relações de gênero, Relacionamento afetivo e Gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e autoestima*. Utilizou-se para a coleta dos dados um questionário inicial, questionários com questões fechadas, falso e verdadeiro, tipo pré e pós-teste no início e ao final de cada encontro e uma entrevista de avaliação processual, ao final do programa. Observou-se que o termo sexualidade continua sendo reduzido ao ato sexual ou as formas de prevenção de doenças ou métodos contraceptivos por grande parte dos jovens e a fonte de informação mais citada foi a mídia. O tema de maior número de acertos no pós-teste foi *Órgãos sexuais e relações de gênero* e todos, em geral, avaliaram positivamente a participação no programa. Concluiu-se que é necessário que a sexualidade seja cada vez mais incluída em programas de reabilitação, garantindo o acesso a informação e a discussão do tema, tão importante na vida desses jovens.

Palavras-chave: deficiência auditiva; sexualidade; orientação sexual.

d) Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago., 2010.

Resumo: este texto aborda a presença de idéias preconceituosas sobre a sexualidade de pessoas com deficiência discorrendo, de modo crítico e reflexivo, sobre diversos mitos, tais como: (1) pessoas com deficiência são assexuadas: não têm sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais; (2) pessoas com deficiência são hiperssexuadas: seus desejos são incontroláveis e exacerbados; (3) pessoas com deficiência são pouco atraentes, indesejáveis e incapazes para manter um relacionamento amoroso e sexual; (4) pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo *normal* e têm disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo; (5) a reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática porque são pessoas estéreis, geram filhos com deficiência ou não têm condições de cuidar deles. A crença nesses mitos revela um modo preconceituoso de compreender a sexualidade de pessoas com deficiência como sendo desviante a partir de padrões definidores de normalidade e isso se torna um obstáculo para a vida afetiva e sexual plena daqueles que são estigmatizados pela deficiência. Esclarecer esses mitos é um modo de superar a discriminação social e sexual que prejudica os ideais de uma sociedade inclusiva.

Palavras-chave: educação especial; sexualidade; deficiências; preconceito; mitos.

e) Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Mai.-Ago. 2007, v.13, n.2, p.219-238

Resumo: dificuldades de pais e profissionais para lidar com comportamentos de natureza sexual de pessoas com deficiência mental são provavelmente advindas de concepções parciais ou equivocadas desses pais e profissionais sobre as potencialidades de desenvolvimento da dimensão sexual dessas pessoas. Uma das implicações desse tipo de concepção é promover poucas oportunidades para ouvir o jovem com deficiência mental sobre suas expectativas e desejos sobre relacionamento amoroso. O objetivo do trabalho foi descobrir quais as percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. Para isso, duas mulheres e três homens com Síndrome de Down, com idade entre 18 e 28 anos, foram entrevistados individualmente. As verbalizações desses jovens sobre o que é apaixonar-se e o que sentem um pelo outro se referiram a comportamentos que expressavam cuidados com (a) namorado (a), e a sentimentos como ânimo e paixão. Em relação ao que verbalizam sobre o que é uma

pessoa atraente, houve ênfase em aspectos físicos e comportamentais. Uma jovem afirmou ter relações sexuais com o namorado e descreveu com minúcia a experiência e cuidados tomados para isso. Outros dois jovens consideraram a possibilidade de ter relações sexuais mais tarde, embora já namorassem há algum tempo. Uma adolescente indicou como necessário para ter relação sexual a interdependência do casal e a prevenção da gravidez. Os resultados possibilitam concluir que as percepções que jovens com Síndrome de Down têm sobre relacionamentos amorosos não diferem daquelas de jovens sem síndrome e, muito provavelmente, são desenvolvidas pelas oportunidades de se comportarem efetivamente sob contingências que favoreçam comportamentos amorosos.

Palavras-chave: comportamento amoroso; sexualidade; Síndrome de Down; educação especial.

26) Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – INEP/Brasília/DF

a) Representações sociais de jovens sobre a sexualidade – um estudo com alunos de educação básica em Recife-PE. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 89, n. 221, p. 162-181, jan./abr. 2008.

Resumo: O objetivo do presente estudo foi analisar as representações sociais da sexualidade de alunos da educação básica e compreender como estas servem de referência para a produção de subjetividades. Para a apreensão das representações sociais, levantamos os discursos de alunos na faixa etária de 13 a 17 anos, de ambos os sexos, da escola pública

estadual e da rede privada do Recife, acerca da sexualidade. Aplicamos a técnica de entrevista semi-estruturada e definimos a análise de conteúdo para tratar as informações e discursos produzidos pelos alunos. As representações sociais da sexualidade identificadas nos discursos dos adolescentes foram: o ficar; a virgindade; a gravidez na adolescência; e a homossexualidade.

Palavras-chaves: sexualidade, representação social, organização escolar.

b) Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da auto-estima. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 90, n. 225, p. 367-384, maio/ago. 2009.

Resumo: A partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a escola foi convocada a desenvolver projetos de intervenção na socialização afetivo/sexual dos adolescentes. O artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre as respostas

oferecidas pelo Sistema Municipal de Educação do Rio de Janeiro a esta nova demanda social. A análise dos dados permite afirmar que os professores que coordenam projetos de orientação sexual no Sistema Municipal de Educação do Rio de Janeiro desenvolveram uma teoria para explicar a orientação sexual na escola. Eles acreditam que a simples distribuição de informações é ineficaz porque os adolescentes precisam aprender “no emocional” para que mudem seus comportamentos sexuais. O artigo analisa as premissas desta “teoria nativa” sobre a orientação sexual na escola.

Palavras-chaves: adolescência; juventude; sexualidade; escola; orientação sexual.

c) Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação para professores. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 91, n. 228, p. 408-423, maio/ago. 2010.

Resumo: Professores da educação especial costumam enfrentar dificuldades em sala de aula com a questão da sexualidade. O objetivo deste estudo foi planejar, aplicar e avaliar um programa de intervenção (curso) para 21 professores de jovens com deficiência intelectual de uma escola especial em uma cidade do interior de São Paulo. O curso durou dois meses e teve caráter teórico e prático, com discussões, dinâmicas de grupo, atividades de role-playing e de resolução de problemas, filmes e também uma atividade prática em sala de aula. Por meio de uma avaliação sobre o curso e de entrevistas, perceberam-se algumas mudanças na forma de os professores interagirem com os alunos quando o tema era a sexualidade, além de reflexões sobre a questão e revisão de sua postura como educadores sexuais.

Palavras-chaves: educação especial; deficiência intelectual; sexualidade; capacitação de professores.

27) Revista Querubim – Revista eletrônica de trabalhos científicos, Letras, ciências humanas e ciências sociais.

a) A construção da masculinidade hegemônica no discurso escolar. Ano 1, v. 1, n. 1, 2005. p. 252-269.

Resumo: Neste trabalho, apresentamos uma pesquisa cuja intenção é perceber como o discurso da sala de aula constrói masculinidades hegemônicas ou subalternas. Examinando a construção das identidades de gênero e sexualidade na sala de aula de LM, percebemos ser a masculinidade hegemônica um ponto central para compreender as identidades de gênero e sexualidade no contexto onde estamos inseridos. O trabalho interacional desenvolvido na sala de aula é orientado pelos esforços dos meninos e

meninas em definir aqueles como masculinos. Igualmente, a sexualidade e o gênero feminino devem ser construídos relacionados à masculinidade hegemônica. Na coleta de dados, seguimos o modo etnográfico de investigação. Adotamos a visão socioconstrucionista do discurso, por ela contemplar a característica múltipla das identidades sociais. Os dados mostram a efetivação de traços atribuídos aos gêneros masculino e feminino, como a defesa das práticas *heterossexuais*. Esses traços são detectados nas masculinidades que estão sendo construídas nas interações observadas.

Palavras-chaves: Gênero, Sexualidade, Masculinidades

b) A pratica docente e a perpetuação de estereótipos entre meninos e meninas: uma leitura a partir das teorias de gênero. Revista eletrônica de trabalhos científicos, Letras, ciências humanas e ciências sociais. Ano 4, n. 7, 2008. p. 112-124.

Resumo: Com o presente estudo, buscou-se compreender como a escola se constitui num espaço de transformação ou perpetuação de relações de identidade e alteridade. Mediante observações e pesquisa, diagnosticamos que a turma a qual desenvolvemos nossos trabalhos na escola campo, possuía tendências preconceituosas e discriminatórias por parte dos alunos/as e professoras e que não havia nenhuma discussão e reflexão referente a temática em estudo. Simultaneamente, percebemos também, que a maioria dos/as professores/as tem dificuldades em diferenciar conceitos de sexo, gênero e sexualidade, e que, a educação familiar repressora por eles/elas vivenciadas, assim como, as lacunas de sua formação, pode dificultar o processo de abordagem de temas que envolvem a sexualidade e questões de gênero. De acordo com os diálogos, consulta ao Projeto Político Pedagógico da escola e da vivencia que tivemos, tínhamos a hipótese de que a falta de reflexão ocorre devido a ausência de proposta de trabalho sobre a temática por nos identificada no currículo da escola, que enfatiza apenas as questões relacionadas a reprodução humana, mas não aborda as discussões sobre os papéis sociais construídos/definidos para homens e mulheres, sendo este fato, o arcabouço das nossas reflexões.

Palavras chaves: gênero, estereótipos, pratica docente.

28) REVISTA EDUCAÇÃO EM QUESTÃO – DEPARTAMENTO E PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/UFRN

a) Foucault e a pesquisa educacional em arte. Revista Educação em Questão, Natal, v. 33, n. 19, p. 150-166, set./dez. 2008, p. 150-166.

Resumo: Este texto objetiva compreender como a obra de Foucault pode contribuir para a pesquisa educacional reconhecendo essas contribuições para o conhecimento na área da educação. *Medéia* e *Hamlet*, respectivamente dos tragediógrafos Eurípides e Shakespeare são possibilidades de exploração da loucura, da sexualidade e da linguagem que podemos encontrar nas obras de Foucault. Pensamos esta abordagem como lições que norteiam o pensamento de Foucault acerca da pesquisa educacional em Arte, embora o filósofo não tenha escrito sobre educação, mas exemplifica em suas obras, artistas e obras de arte que nos ajudam a compreender a loucura, a linguagem e a sexualidade e discuti-las nas aulas de Arte, em especial, nas aulas de teatro.

Palavras-chave: Arte. Educação. Lições foucaultianas.

b) Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. Revista Educação em Questão, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr. 2009, p. 33-62.

Resumo: Este artigo discute as contribuições do campo conhecido como Estudos Culturais para a educação. Chama atenção para o fato de a escola, historicamente, ter organizado seu currículo e suas práticas pedagógicas com base em valores e padrões das culturas hegemônicas e defende o desenvolvimento de teorias e práticas educacionais mais sensíveis às culturas, atentas à relação entre poderes/saberes/identidades, à contingência e à pluralidade do contexto social. Propõe que a escola reconheça e valorize as diferenças e o hibridismo, que incorpore as diversas tradições culturais dos grupos que fazem parte da sociedade, inclusive daqueles que, historicamente, vivem em condição de subordinação – mulheres, negros e negras, homossexuais, pessoas com necessidades especiais, trabalhadores rurais, entre outros.

Palavras-chaves: Estudos culturais. Educação. Diferença.

29) Saúde e Educação para Cidadania – Centro de Ciências da Saúde/UFRJ

a) Identidade de Gênero na Sociedade e na Escola. n. 2, marco, 2006, p.23-28

Não tem resumo, nem palavras-chave.

b) Diversidade sexual e escola. n. 2, marco, 2006, p.50-54. Não tem resumo, nem palavras-chave.

30) REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS - FLORIANÓPOLIS

a) Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas 2/2001, p. 575-585.

Resumo: A sexualidade é atualmente vista como um problema de saúde pública, sendo a escola local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes. Assim, ela foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em tema transversal, a fim de disseminar-se por todo campo pedagógico e irradiar seus efeitos em domínios os mais heterogêneos, dentre outros, na Educação Física. Esta pesquisa analisou o dispositivo da sexualidade nos PCNs, buscando identificar a concepção de sexualidade ali presente, a singularidade histórica desta proposta e seus possíveis efeitos na escola e, mais especificamente, na Educação Física.

Palavras-chaves: sexualidade, orientação sexual, educação, gênero, educação física.

b) Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. Estudos Feministas, v.17, n.1, janeiro-abril/2009, p. 11-30

Resumo: Este artigo analisa as classificações de gênero utilizadas por professores que desenvolvem projetos de orientação sexual na cidade do Rio de Janeiro para explicar as perspectivas e os dilemas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. O material empírico que sustenta as argumentações é composto de 16 entrevistas em profundidade, realizadas com docentes responsáveis pelos espaços escolares onde se desenvolvem projetos de orientação sexual no ensino fundamental do Rio de Janeiro: os Núcleos de Adolescentes Multiplicadores (NAMs). Também foram realizadas “observações participantes” em um curso de formação para professores que desejam trabalhar com orientação sexual na escola. As representações de gênero apresentadas oscilam entre classificações modernas e tradicionais sobre a feminilidade e a masculinidade. Os projetos eram coordenados majoritariamente por professoras, e a participação discente também era basicamente feminina. As professoras buscavam coerência entre sua atuação nos espaços escolar e familiar. Porém, ao mesmo tempo que orientavam seus alunos para combater as desigualdades de gênero, apresentavam dúvidas e incertezas quanto à possibilidade de educar seus filhos a partir de ideais igualitários de gênero, principalmente os filhos homens. Situações domésticas

contrastavam com performances em sala de aula, apresentando tensões entre negação e afirmação das masculinidades e feminilidades tradicionais.

Palavras-chaves: orientação sexual na escola; masculinidade; feminilidade; gênero; educação.

c) Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. Estudos Feministas, v.15, n.2, maio-agosto/2007, p. 333-356.

Resumo: Este artigo está baseado em uma pesquisa etnográfica desenvolvida em uma escola municipal do Rio de Janeiro, entre agosto de 2002 e julho de 2003. Ele analisa como as meninas idealizam sua primeira relação sexual e como a escola se refere a esse aspecto da vida dos/as jovens e intervém sobre isso. Essa passagem está envolta por uma série de preocupações e planejamentos, principalmente para as meninas, que demonstram valorizar menos a virgindade em si e mais a primeira relação sexual. No plano das intenções expressas, elas reproduzem os ensinamentos escolares, que prescrevem não só o uso de um preservativo, mas também certo tipo ideal de relação entre garotos e garotas. Diante disso, percebem-se alguns limites na intervenção escolar.

Palavras-chave: sexualidade; gênero; escola; Educação Sexual; adolescência.

31) REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO – ANPED

a) Linguagem, gênero, sexualidade. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. 166 p. Rev. Bras. Educ. vol.15 no.45 Rio de Janeiro set./dez. 2010, p. 584-586. (RESENHA).

b) Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004, 172p. Maio /Jun /Jul /Ago 2005 p. 182-184 (RESENHA).

4.1 Da análise quantitativa dos artigos: o conteúdo

Apresentamos a seguir um gráfico com as publicações dos artigos em sexualidade e educação da área 46, no período de 2000-2010.

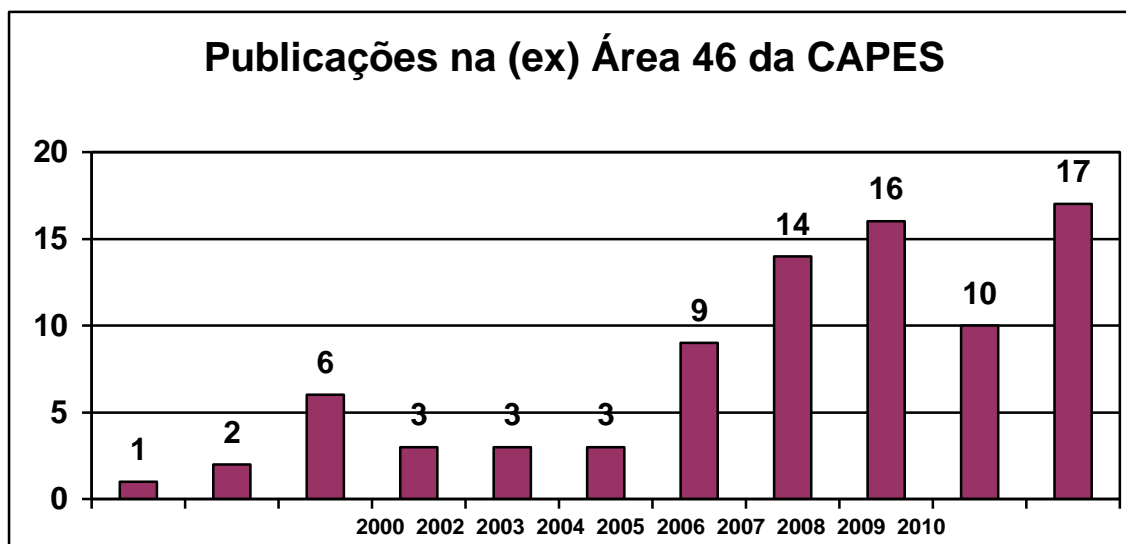


Gráfico 2: Publicações em sexualidade e educação da área 46 no período de 2000-2010.

Notou-se nos últimos 5 anos um aumento no número de publicações em sexualidade e educação nesta área. A revista Linhas apresentou um número especial em 2006 com 4 artigos “Temática sexualidade” e em 2010 com 6 artigos “Formação de educadores e educação sexual”, este fato pode ter aumentado o número de publicações, porém, sem estas publicações, continuamos a ter o aumento do número de publicações na área, o que indica que as pesquisas em sexualidade no Brasil estão crescendo. Apesar deste considerável aumento de publicações, o total de publicações ainda é baixo, pois, se comparado com o gráfico do crescimento do número de programas de pós-graduação em Educação para a ciência, temos mais programas do que artigos publicados.

Após a caracterização em números de publicação, passamos a análise do conteúdo das publicações. Seguindo a metodologia prevista, selecionamos 83 artigos, das 31 revistas, dos quais 4, são resenhas, e estas não participaram da análise, como especificado abaixo:

- 1) Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Cadernos de Pesquisa, nº 109, março/2000;
- 2) Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, set./dez. 2004;
- 3) Sociologia da sexualidade. Michel Bozon. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004, 172 p. Ciência & Saúde Coletiva, v.9 n. 4 p.1079-1085, 2004;
- 4) Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004, 172p. Maio /Jun /Jul /Ago. 2005 p. 182-184. Revista Brasileira de Educação – ANPED.

Os outros 79 artigos⁴ foram analisados de acordo com o conteúdo das palavras que compõem o título e as palavras-chave dos artigos. Foram selecionadas 140 palavras ou jogo de palavras relacionadas à sexualidade e educação. Estas foram agrupadas conforme a semelhança em 4 categorias e apresentados em forma de tabela para melhor entendimento das palavras que circulam nas publicações em educação e sexualidade, como apresentamos a seguir.

Categoria	Palavras ou jogo de palavras	Artigos relacionados*
Categoria 1 - Prevenção	educação em saúde; DST; AIDS; prevenção; gravidez na adolescência; drogas; risco; planejamento familiar; reprodução; serviços de saúde para estudantes; saúde; corpo humano.	1a; 3d; 4c; 4d; 4e; 5a; 8a; 9a; 11a; 12c; 13b; 13e; 14a; 18b; 21 ^a ; 22h; 22i; 24b; 25b.
Categoria 2 - Sexualidade	Sexualidade; sexualidade humana; sexualidade infantil; sexo; primeira relação sexual; história de vida; tabu sexual; mitos; preconceito; orientação; cultura; direitos humanos; raça/etnia; violência; vulnerabilidade; iniciação sexual; adolescência; juventude; jovens; fantasia; corpo; poder; corpo humano.	2a; 3a; 3c; 4a; 4c; 5a; 5b; 5d; 6a; 6b; 7 ^a ; 8 ^a ; 11a; 12a; 13a; 13b; 13d; 13e; 14a; 16a; 16b; 16c; 17a; 18a; 18c; 19a; 22a; 22b; 22c; 22d; 22e; 22f; 22h; 22j; 22l; 22m; 22n; 22o; 23a; 24a; 24b; 24c; 25a; 25c; 25d; 25e; 26a; 26b; 26c; 27a; 30a; 30c.
Categoria 3 - Educação sexual <i>versus</i> Orientação sexual	Educação sexual; reeducação sexual; educação sexual emancipatória; orientação sexual.	3d; 4a; 4b; 4d; 4e; 6b; 7a; 9a; 12a; 13e; 16a; 16c; 17a; 18a; 20a; 21a; 22b; 22c; 22d; 22e; 22g; 22j; 22k; 22l; 22m; 22n; 22o; 22p; 23a; 24b; 25a; 25c;

⁴ Os artigos passarão a ser representados pelo número e letra correspondente aos que estão apresentados no capítulo 3, página 33.

		26b; 30a; 30b.30c.
Categoria 4 - Gênero	Gênero; diversidade sexual; diferença; masculinidades; feminilidades; homem; mulher; diferença entre sexos; duplo padrão sexual; padrão sexual singular; homofobia; homossexualidade; poder.	3a; 3c; 5b; 5d; 6c; 7a; 8a; 10a; 12a; 12b; 13a; 13b; 13c; 16a; 16b; 16c; 20a; 22h; 22i; 24a; 24b; 24d; 27a; 27b; 28b; 29a; 29b; 30a; 30b.

Tabela 1: Agrupamento das categorias com seus respectivos artigos

Entre os 79 artigos selecionados, 4 são publicações de pesquisas estrangeiras, sendo um da Argentina: Educacion para la salud sexual en la formacion de profesores en argentina. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 2, p. 181-195, 2008 e três de Portugal: 1) Um modelo de educação sexual pelos pares em escolas portuguesas. *Contrapontos - volume 8 - n.3 - p. 337-351 - Itajaí, set/dez 2008*; 2) Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a Educação sexual. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 110, p. 135-156, jan.-mar. 2010; 3) Educação sexual e formação de professores com o uso das TIC no Brasil e em Portugal: algumas interfaces. *Revista Linhas*, v. 11, n. 1, 2010.

4.2 Da análise qualitativa dos artigos: a argumentação

Categoria 1 - Prevenção	educação em saúde; DST; AIDS; prevenção; gravidez na adolescência; drogas; risco; planejamento familiar; reprodução; serviços de saúde para estudantes; saúde; corpo humano.	1a; 3d; 4c; 4d; 4e; 5a; 8a; 9a; 11a; 12c; 13b; 13e; 14a; 18b; 21a; 22h; 22i; 24b; 25b.
----------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 2: Categoria 1 - Prevenção

Nesta categoria apresentamos os artigos nos quais os objetivos estão centrados na educação/orientação sexual como forma de prevenção a doenças sexualmente

transmissíveis e gravidez na adolescência, temas considerados “problemas sociais”, como nota-se nos trechos dos artigos citados abaixo;

Já a gravidez na adolescência era foco de apurada atenção também nessa escola, a ponto de um garoto concluir que ali aprendera que, além de gravidez, existe “gravidez precoce”. [...] Apesar do destaque dado à gravidez em relação à Aids, o preservativo permanece sendo o método anticoncepcional e de proteção mais recomendado, enquanto a pílula anticoncepcional é desaconselhada [...] Apesar de receberem informações detalhadas sobre como os métodos anticoncepcionais e de prevenção devem ser utilizados, os jovens nem sempre assimilam essas informações, e dúvidas permanecem após essas aulas. Decorre disso a necessidade de que esses ensinamentos sejam retomados noutros momentos das suas trajetórias escolares. Parece também importante ampliar o leque de informações, incluindo, no livro didático e nas aulas, mais informações sobre pílulas anticoncepcionais injetáveis, cápsulas, anéis vaginais e a própria “pílula do dia seguinte”, além de informações sobre locais em que podem ser adquiridos (Artigo 3d).

tradicionalmente, se centrado na prevenção de processos de adoecimento, como as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), em especial a Aids, ou na gravidez adolescente, a partir da prescrição de hábitos e condutas saudáveis. Nessa concepção, a informação disponível ao jovem brasileiro tem como objetivo conscientizar para uma prática sexual protegida. [...] onde são apresentados hipertextos com orientações específicas da saúde sexual e reprodutiva, como a fisiologia dos aparelhos reprodutores, métodos contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis e uso de preservativo, e orientação ginecológica e urológica sobre diversas questões. Ainda nesse ambiente, uma revista aborda um enfoque fundamental do trabalho – a questão da relação – com base em matérias sobre: comunicação nos relacionamentos, relação com o próprio corpo, incluindo a masturbação, abuso e relações de poder e violência sexual (Artigo 4c).

O uso dos livros pelos(as) docentes entrevistados recaiu em três títulos, todos de autoria de Júlio Emílio Braz: *Aprendendo a viver* narra a história de uma família que se une para enfrentar vários dilemas: a descoberta da soro positividade da mãe, contaminada pelo marido; a gravidez inesperada e prematura de uma das filhas e a rejeição e o preconceito da sociedade em geral. *Um sonho dentro de mim* descreve a trajetória de uma jovem de dezessete anos que descobre, através do suicídio do namorado, sua contaminação pelo vírus da AIDS; a gravidez inesperada, neste enredo, conduz a uma sucessão de problemas enfrentados pela protagonista até o desfecho feliz com o nascimento de seu filho. *Anjos no aquário* traz a história de Tina, grávida aos dezesseis anos, em que a rejeição de todos à sua volta faz com que o aborto surja como uma possibilidade veiculada na trama (Artigo 11a).

[...] a educação em saúde como processo político-pedagógico e quer o desenvolvimento de um pensar crítico e reflexivo, permitindo desvelar a realidade e propor ações transformadoras, enquanto sujeito histórico e social capaz de propor e opinar nas decisões de saúde para o cuidar de si, de sua família e da coletividade.

Estes são exemplos de que artigos apresentam a preocupação com a prevenção. Encontramos também nestes artigos uma abordagem histórico e social da gravidez, especialmente na adolescência e as questões demográficas, todavia a ênfase na reprodução, na saúde sexual, caracteriza ênfase, na biologia humana também.

Categoria Sexualidade	2	-	Sexualidade; sexualidade humana; sexualidade infantil; sexo; primeira relação sexual; historia de vida; tabu sexual; mitos; preconceito; orientação; cultura; direitos humanos; raça/etnia; violência; vulnerabilidade; iniciação sexual; adolescência; juventude; jovens; fantasia; corpo; poder; corpo humano.	2a; 3a; 3c; 4a; 4c; 5a; 5b; 5d; 6a; 6b; 7ª; 8ª; 11a; 12a; 13a; 13b; 13d; 13e; 14a; 16a; 16b; 16c; 17a; 18a; 18c; 19a; 22a; 22b; 22c; 22d; 22e; 22f; 22h; 22j 22l; 22m; 22n; 22o; 23a; 24a; 24b; 24c; 25a; 25c; 25d; 25e; 26a; 26b; 26c; 27a; 30a; 30c.
--------------------------	---	---	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 3: Categoria 2 – Sexualidade

Os argumentos utilizados pelos autores, geralmente, fundamentam-se na chamada perspectiva histórico cultural para tratar do campo da sexualidade. A noção de sexualidade é entendida como histórica, social e psicológica, Os artigos debatem o conceito de sexualidade apresentando a dimensão humana e social vinculando à biologia, porém os trabalhos ainda são voltados para os professores e alunos da biologia; enfatizam apenas os professores de ciências deixando de lado outras disciplinas como geografia, sociologia, filosofia, entre outras. Pode-se atribuir isso, ao fato das pesquisas são feitas por estudiosos da área de ensino de ciências.

Aprofundar a reflexão sobre a sexualidade como construto histórico é o aspecto nuclear da proposta de educação sexual que discutiremos (Artigo 21a).

Todo estudante tem o direito de ser orientado sobre sua sexualidade, e o professor de Biologia, ao abordar o tema corpo, deve considerar os aspectos biológicos e também abordar as emoções e sentimentos, para que, a partir desse contexto, o estudante possa administrar sua sexualidade com cuidado e com segurança (Artigo 6b).

Entender a sexualidade em uma perspectiva histórico-cultural, e não mais em uma perspectiva estritamente biológica, tem sido o principal fundamento

dessas críticas. E aqui não podemos deixar de ressaltar a contribuição dos estudos de Michel Foucault. Foucault (1988) critica a hipótese repressiva sobre a sexualidade que agiria principalmente pela negação da sexualidade e de seu silenciamento. Ela não explica, por exemplo, a proliferação de discursos sobre a sexualidade que vivemos hoje com a constante exposição do tema na mídia e as confissões da vida sexual produzidas pelos ícones midiáticos (atores/atrizes e modelos) que estão expostas na internet, nos programas de TV e nas revistas voltadas ao público adolescente (artigo 16a).

A sexualidade humana é uma dimensão que abarca muitos aspectos do sujeito social, não é apenas o sexo genital e compreende também aspectos psicológicos, religiosos, políticos, éticos e principalmente culturais. A sexualidade humana reveste-se de alta subjetividade e as representações sobre a mesma é que vão balizar a abordagem, ou não, do tema dentro da escola (Artigo 6a).

Inicialmente, é preciso que tenhamos clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, necessidade essa que todo ser humano, seja normal ou com necessidades educacionais especiais, traz consigo desde que nasce. Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. Apesar da abrangência maior da sexualidade, merecem ser devidamente considerados o papel e o valor do sexo; (Artigo 22g).

Destacam-se alguns artigos que apresentam mais consistência teórica que tratam da sexualidade explicitando a diferença entre sexo e sexualidade (confusão que existe entre pesquisadores da área de biologia que tomam sexo como sexualidade), defendem a educação sexual e não orientação sexual na formação de professores explicando qual a divergência entre os termos, como especificaremos nas categorias 3 e 4.

<p>Categoria 3 - Educação sexual <i>versus</i> Orientação sexual</p>	<p>Educação sexual; reeducação sexual; educação sexual emancipatória; orientação sexual.</p>	<p>3d; 4a; 4b; 4d; 4e; 6b; 7a; 9a; 12a; 13e; 16a; 16c; 17a; 18a; 20a; 21a; 22b; 22c; 22d; 22e; 22g; 22j; 22k; 22l; 22m; 22n; 22o; 22p; 23a; 24b; 25a; 25c; 26b; 30a; 30b.30c.</p>
----------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 4: Categoria 3 - Educação sexual *versus* Orientação sexual

Na maioria das vezes, o que ocorre é que a escola delega ao professor de Ciências e de Biologia o papel de orientador sexual, papel que deveria ser de toda a escola. Como os conteúdos a serem trabalhados são muitos, e as escolas, em sua maioria, não têm um projeto multidisciplinar para trabalhar essa temática, a sexualidade acaba sendo abordada pelos professores de

biologia e de ciências, que trabalham apenas os aspectos biológicos, os aparelhos reprodutores, os órgãos sexuais, as DSTs e os métodos contraceptivos, sem trabalhar as emoções e os sentimentos que envolvem a sexualidade (Artigo 6b).

A intenção de introduzir esse assunto no âmbito escolar torna-se evidente pela inserção da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na forma de tema transversal. [...]Nos últimos anos o termo “educação sexual” tem sido substituído por “orientação sexual” e freqüentemente utilizado no campo da educação, inclusive nos PCN's e pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. É curioso notar que, no campo de estudos de sexualidade e nos movimentos sociais, “orientação sexual” é o termo sob o qual se designa a opção sexual, evitando-se, assim, falar em identidade. Outrossim, no campo da educação, essa escolha parece estar ligada ao termo “orientação educacional” (Artigo 7a).

Um último esclarecimento diz respeito à utilização aqui do termo “educação sexual” ao invés de “orientação sexual”. Enquanto em países de língua inglesa e francesa o primeiro termo é mais comum, no Brasil, na Educação, ele tem sido substituído nos últimos anos por “orientação sexual”, o qual é utilizado pelos PCN e pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. No campo da educação, essa escolha parece estar ligada ao termo “orientação educacional”, uma vez que, historicamente, os orientadores educacionais dividiram com os professores de Ciências a responsabilidade por trabalhar esse tema na escola (Bonato, 1996). No entanto, sua utilização acarreta problemas de interpretação, pois no campo de estudos de gênero e sexualidade e nos movimentos sociais, assim como, de um modo geral, na bibliografia internacional, “orientação sexual” é o termo sob o qual se designa a opção sexual, evitando-se, assim, falar em identidade. Até mesmo na escola pesquisada, durante a realização de entrevistas, ocorreram confusões com a utilização dessa expressão (Artigo 13 e).

Em genética humana existem diversos temas sensacionalistas e controversos que provocam muitas e intensas discussões, dentre os quais vale citar as origens da orientação sexual humana. As origens da homossexualidade ou heterossexualidade humana constituem um tema polêmico pois muitas vezes são atribuídas como devidas exclusivamente a causas biológicas ou, por outro lado, de modo extremo, referidas a causas ambientais (El-Hani et al., 1997). Nesse contexto, especialmente após 1993, o debate acirrou-se quando Dean Hamer anunciou que havia identificado um gene no cromossomo X (Xq28), com uma poderosa influência sobre a orientação sexual e denominado pela mídia de “gene gay” (RIDLEY, 2001). O estudo de Hamer sugeria que a homossexualidade era “biológica”, sem qualquer relação com a pressão cultural, com a escolha consciente dos indivíduos ou com a consequência de uma interação não aditiva dos fatores envolvidos (Artigo 20a).

O emprego de educação sexual e não orientação foi encontrado em alguns artigos, explicitando que na perspectiva histórico cultural a sexualidade é pensada para além da biologia e dos discursos normativos em alguns artigos, opondo-se ao uso do termo orientação sexual porque este se refere “ao direcionamento do afeto no exercício da sexualidade em relação ao outro sujeito.

Nessa categoria, porém, a maioria usa os termos de maneira aleatória pesquisa, ora usa um termo, ora usa outro, sem demonstrar domínio de conhecimento sobre tais divergências. Há também os que apresentam conhecimento dessas divergências porem optam pelo uso do termo orientação sexual, todos fundamentados no conceito argumentado pelos PCNs, nessa categoria encontramos o uso dos PCNs como orientador dos debates da educação sexual, como um argumento de autoridade.

Uma pesquisa interessante que faz uso do termo orientação sexual, é o artigo 20a, que trabalham com genética, tratam do tema na ótica cultural e não biológica, em nossa opinião trás o termo orientação sexual empregado na pesquisa de acordo com a sua real definição, além de apresentar uma nova face para pesquisas de intervenção escolar que não aquelas pautadas na concepção de alunos, os quais começam sempre com a clássica pergunta “quais as fontes de informação sobre sexualidade?” sendo a principal resposta, amigos.

<p>Categoria 4 - Gênero</p>	<p>Gênero; diversidade sexual; diferença; masculinidades; feminilidades; homem; mulher; diferença entre sexos; duplo padrão sexual; padrão sexual singular; homofobia; homossexualidade; poder.</p>	<p>3a; 3c; 5b; 5d; 6c; 7a; 8a; 10a; 12a; 12b; 13a; 13b; 13c; 16a; 16b; 16c; 20a; 22h; 22i; 24a; 24b; 24d; 27a; 27b; 28b; 29a; 29b; 30a; 30b.</p>
---------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 5: Categoria 4 – Gênero

Em primeiro lugar destacamos que há somente um artigo que trata de gênero e currículo e um de gênero e raça, demonstrando que o currículo e as políticas educacionais que se relacionam com o gênero na educação precisa de maior debate. A seleção de artigos mostra que houve evolução na publicação na área de gênero e sexualidade. A presença de publicações a partir de 2007, indica que há maior debate e importância da área na Educação para a ciência, nos últimos anos.

Nessa categoria temos também artigos sobre gênero e políticas educacionais contemporâneas, mostrando que a política educacional não é neutra e deve almejar a aquisição de padrões democráticos. Em uma perspectiva feminista enfatiza que é

necessário o tratamento igualitário de meninos e meninas em sala de aula, bem como o conteúdo curricular que despolarize o conhecimento das identidades de gênero que afetam o cotidiano das pessoas, como educação sexual, violência doméstica e cidadania.

A intersecção das relações de gênero e educação ganhou maior visibilidade nas pesquisas educacionais somente em meados dos anos de 1990, com grandes avanços na sistematização de reivindicações que visam à superação, no âmbito do

Estado e das políticas públicas, de uma série de medidas contra a discriminação da mulher. Tais medidas se revelam, porém, plenas de contradições entre a defesa da ampliação dos direitos e a ótica da restrição do papel do Estado nas políticas públicas sociais, entre elas a educação (Artigo 3a).

[...] são problematizadas as concepções de que a homossexualidade é inata, ou que a raça é geneticamente determinada, ou que o cérebro das mulheres funciona de modo diferente ao do cérebro dos homens. Aborda-se finalmente de que forma concepções etnocêntricas e estereótipos se articulam ao preconceito e a atitudes discriminatórias (Artigo 3c).

Conforme estatísticas oficiais de Educação, o número de matrículas escolares de mulheres na América Latina é mais elevado do que o de homens [...] entretanto, a concentração dos homens nos campos da Engenharia e da Tecnologia e das mulheres, nas Ciências Sociais e na Educação, o que reflete as diferentes representações das mulheres e dos homens na sociedade e de seus papéis sociais (Artigo 10a).

[...] mostrar como o gênero é um conceito determinante e imprescindível quando se trabalham as questões da sexualidade juvenil, particularmente quando se aborda a sexualidade das jovens adolescentes. A literatura feminista tem alertado para a continuidade dos discursos de vitimização, de medo e de moralidade que continuam a servir, em muitos casos e em muitos países, para justificar conteúdos de programa de educação sexual nas escolas e de campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, essencialmente sobre o HIV. Contudo, depois de analisar esses discursos, nota-se claramente a ausência de um discurso emancipador sobre a sexualidade feminina adolescente (Artigo 24b).

Estes pesquisadores trazem a argumentação de que a sexualidade esteve por muitas décadas, restrita à dimensão biológica, que gênero é uma dimensão cultural, que os discursos institucionais constroem a noção do que é normal e não normal e que, portanto, sexualidade é uma dimensão política e não neutra como vemos em muitas produções na área que ainda estão presas às concepções biológicas e/ou médicas.

Destacamos aqui o artigo 24b, este apresenta campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e do HIV/Aids em particular, demonstrando que precisam ser pensadas e elaboradas em relação ao gênero. Normalmente as campanhas são feitas para os jovens rapazes e não para as mulheres. Precisa-se ter em conta a não

homogeneização dos grupos, os valores culturais, as tradições e o meio social em que estão inseridas as redes sociais de apoio.

Nessa categoria temos cinco artigos sobre diversidade sexual na escola que destacam o respeito á diversidade e identidades sexuais em uma perspectiva da educação sexual. No artigo 24d, os pesquisadores mostram que a noção de homossexualidade entre graduandos em Biologia da Universidade Federal do Paraná está permeada de posições preconceituosas e rejeição às minorias sexuais. A noção de homossexualidade aparece nos discursos dos alunos de Biologia como algo contagioso. Os pesquisadores apontam para as mudanças curriculares na capacitação docente em ciências biológicas para lecionar sobre gênero e diversidade sexual.

4.3. A guisa de divulgação científica: alguns apontamentos sobre questões técnicas

Em primeiro, é preciso esclarecer que a intenção desta pesquisa não foi caracterizar a qualidade dos periódicos e nem a qualidade dos artigos, mas sim analisar a produção do conhecimento da área 46, no que se refere a sexualidade e educação.

È imprescindível fazer referência a evolução da ciência nos últimos tempos e a relação que se estabelece entre conhecimento científico, educação científica e divulgação científica.

A ciência é considerada por Chassot (2003, p. 91) “como uma linguagem construída pelos homens e pelas mulheres para explicar o nosso mundo natural. Compreendermos essa linguagem (da ciência) como entendemos algo escrito numa língua que conhecemos (por exemplo, quando se entende um texto escrito em português) é podermos compreender a linguagem na qual está (sendo) escrita a natureza”.

A ciência e seu conhecimento não é de domínio de todos, a alfabetização científica se apresenta como possibilidade para que a grande maioria da população possa dispor de conhecimentos científicos e assim ajudar a resolver problemas de saúde e compreender o mundo em vivemos, entre outras necessidades humanas. Tornar a ciência acessível e compreensível por todos depende de diferentes formas de divulgação do conhecimento científico.

As principais formas de divulgação científica são: livros didáticos; professor (a) em sala de aula, artigos em periódicos científicos; livros, jornais; revistas. Ao

desenvolvermos esta pesquisa que teve como fonte de resultados as publicações científicas de periódicos online encontramos algumas dificuldades, que em nossa opinião comprometem a divulgação científica.

A primeira dificuldade foi a falta do resumo no artigo, muitas revistas publicam sem resumo, isso dificultou a pesquisa, pois passa-se determinado tempo e para saber o conteúdo da pesquisa é necessário a releitura do texto completo, deste modo, revistas devem apresentar o resumo junto com o artigo.

Encontramos revistas que disponibilizam os artigos em HTML, o que se torna outro empecilho a divulgação científica, neste caso, não é possível salvar o artigo em si, é preciso salvar o link da revista em que está publicado o artigo, e pode acontecer de o link não abrir novamente, ou acusar página não existente, como nos aconteceu nesta pesquisa, para evitar que se perca o artigo juntamente com o conhecimento nele divulgado, seria importante que os periódicos lancem os artigos sempre em PDF.

Uma situação interessante com a qual nos deparamos foi que, ao analisar os artigos, encontramos em alguns casos, no título e nas palavras-chaves, as mesmas palavras, isso em nossa opinião limitou a divulgação da pesquisa, para melhor divulgação das pesquisas é interessante que as palavras-chave sempre que possível usem termos diferentes do título, compreendendo uma gama maior de acessos.

Para referenciar as citações diretas, a ABNT recomenda que seja citada a página na qual se coletou o texto, além da página inicial e final do artigo nas referências, porém encontramos revistas com artigos não paginados, outra situação que dificulta a divulgação e a citação de tal pesquisa por outros autores e pesquisadores, neste mesmo sentido, os artigos que trazem em nota de rodapé o nome da revista, volume, número e ano de publicação, facilitam a divulgação, já que, em muitos casos, salva-se o artigo em arquivo, para posterior leitura, em casos de artigos que não trazem estes dados, se o autor quiser citá-lo deverá realizar todo procedimento de busca novamente.

As edições especiais ou dossiês relacionados a determinado conhecimento são favoráveis a divulgação, permite a apresentação de vários pesquisadores da área e suas diferentes visões sobre o mesmo conhecimento, pois sabemos que a ciência não é estática e nem fechada à apenas um foco.

As bibliotecas eletrônicas, como exemplo, a base Scielo, apresentam-se como potenciais disseminadores do conhecimento científico, pois apresentam formulários de busca para periódicos específicos e também para conhecimentos específicos, de acordo com o interesse de apreciação do pesquisador.

A classificação pelo Qualis, estabelecido pela CAPES, também é um fator que influencia, pois como comentado no subcapítulo 1.4, o *ethos*, o caráter de quem argumenta, inspira confiança no auditório, e deve preencher alguns quesitos mínimos de credibilidade, assim ao ler um artigo que este foi bem avaliado por um órgão superior como a CAPES, este passa a despertar no auditório maior predisposição para ser persuadido pelo pensamento do autor, pois relaciona-se que está num nível superior as demais publicações de revistas com menos estratificação ou que não estejam qualificadas.

Porém esta pesquisa nos fez repensar tais considerações sobre o Qualis, pois encontramos revistas bem qualificadas, com estratificação A1 ou A2, com artigos que apresentam conteúdo contraditório, onde a conclusão apresentou-se incoerente com os resultados, sabemos também de importantes periódicos, com excelentes pesquisas em educação e sexualidade não estiveram qualificados na área 46, neste sentido, buscamos encontrar um documento que especificasse os critérios de qualificação de periódicos, porém o Webqualis, documento sugerido pela CAPES, com os critérios de classificação, não esteve disponível para acesso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigarmos as revistas que compuseram a extinta área 46 da CAPES, indexadas a educação e educação para a ciência, observamos nos últimos 10 anos na maioria das revistas investigadas a falta de publicação sobre sexualidade e educação escolar nestas áreas. Das 113 revistas nacionais levantadas no relatório de avaliação trienal da CAPES (2008), encontramos publicações envolvendo educação e sexualidade em apenas 31 revistas.

Este resultado nos remete a idéia de que pouco se tem publicado sobre educação/orientação sexual no campo da educação e educação para a ciência. Apesar dos inúmeros incentivos governamentais e do crescimento que se notou neste campo ainda é preciso se fazer muito mais, consideramos isto porque no momento da “pré-analise” encontramos muitos artigos que apresentam pesquisas sobre sexualidade, porém num enfoque mais teórico, o qual não envolveu a educação escolar, e esteve restrito basicamente a revistas das ciências humanas e sociais, em especial na filosofia.

Podemos afirmar que os pesquisadores estão trabalhando no campo de gênero e sexualidade, tais pesquisas contribuem muito com o debate e a mudança de paradigma na área na país. Além das questões sobre gênero e sexualidade discutem sobre a homossexualidade e outros temas vitais para a educação sexual. Porém as pesquisas no campo da sexualidade numa abordagem humana e social precisa ser implementada para além da visão biológica, pois percebemos que a maioria das pesquisas analisadas são voltadas para professores de biologia ou estudantes em formação inicial. É preciso romper esta idéia e desenvolver pesquisas também com professores e estudantes das áreas da sociologia, antropologia, geografia, português, entre outras.

Positivamente, notou-se o crescimento de pesquisas na área de gênero nas publicações nos últimos 5 anos, inclusive a presença de um artigo sobre homossexualidade em uma revista que aborda ensino de genética, além de artigos que tratam da inclusão da temática sexualidade no currículo escolar, demonstrando que o tema esta começando a assumir seu caráter transversal nas escolas.

Evidenciou-se a disposição de algumas revistas em publicarem mais artigos referentes a sexualidade em relação a outras, isso caracteriza a disposição de algumas revistas a aceitarem publicações sobre o tema ou caracteriza a disposição dos pesquisadores da área a publicarem em determinadas revistas especificas, o que ao nosso ver limita a divulgação das pesquisas, pois abrange um publico específico.

Os artigos encontrados apresentam tendência maior ao uso do termo educação sexual, alguns pesquisadores relatam o motivo da opção, porém a maioria não o fez, e mesmo os que o fazem citam os dois termos como sinônimos, transmitindo a idéia de muitos pesquisadores na área desconhecem o debate que presume a orientação sexual com a expressão da sexualidade do indivíduo (heterossexual, homossexual, bissexual, etc.).

É incontestável a influência dos PCNs na tomada de decisão dos autores com relação aos termos, pois todos que fizeram de orientação sexual em suas publicações, apresentaram o PCNs como justificativa. Para nós, ambos os termos se apresentam incoerente com a sexualidade humana, pois, educar sexualmente indica de alguma forma ensinar, polir o indivíduo com determinado assunto, em nossa opinião não é possível ensinar sexualidade, mas sim contribuir para a construção do debate acerca da pluralidade sexual (social, cultural, histórica e biológica) que envolvem o sujeito, possibilitando reduzir os preconceitos e valorizar as diversidades.

Os trabalhos apreciados que apresenta a dimensão histórica, cultural e/ou social são de excelente qualidade e merecem ser divulgados especialmente entre os professores da educação básica, para que estes se espelhem e desenvolvam trabalhos em torno dos mesmos objetivos em suas respectivas escolas. Nesta conjuntura, está a divulgação científica, é preciso aperfeiçoar a divulgação de pesquisas científicas em especial de periódicos para que estas possam atingir a grande massa. Com esta pesquisa confirmamos a importância da divulgação científica das pesquisas e a necessidade de melhor circulação das mesmas, especialmente na educação básica, pois é a área da educação que menos implementa as considerações teóricas apresentadas pelos periódicos científicos. Como proposta subsequente a esta pesquisa, deixamos a intenção de implementar uma oficina para professores da educação básica, com a seleção dos artigos com melhor embasamento teórico e verificar a aceitação destas pesquisas e também poder observar maneiras de otimizar as divulgações de periódicos.

6. REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Rev. Estudos Feministas**. vol. 9, no. 2, p. 575 – 585. Florianópolis, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70. Lisboa/Portugal, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George.; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: Evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7 ed. Petrólis, RJ, Vozes, 2008. p. 17 – 36.

BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In: ARIES, Philippe; BÉJIN, André (ORGS.) **Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 210-235.

BRASIL, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório de Avaliação 2007-2009 Trienal 2010**. Brasília, 2010. Disponível em: < <<<<http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2010/09/ENSINO-DE-CI%C3%80NCIAS-E-MATEM%C3%81TICA%20Ab-rel-11set10.pdf>>>>. Acesso em: 07/08/2011.

BRASIL, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 83, de 06 de Junho de 2011**. Disponível em; <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/legislacao/2340-portarias>. Acesso em 07/08/2011

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais**. Brasília, 1998.

BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. UDESC: Bauru/SP, 2003.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. 1ª Edição, Rio de Janeiro, FGV, 2004.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação – ANPED**. n. 22, Jan/Fev/Mar/Abr. 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. 3ª edição, Brasiliense, São Paulo, 1984.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no Brasil: estado da arte de 1980-1993**. São Paulo. 1995. 272p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, USP.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, edições Graal, 20ª reimpressão, 2010.

GAGNON, John H. **Uma Interpretação do Desejo**. Ensaio sobre o Estudo da Sexualidade. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 228p.

GOLDBERG, M. A. **Educação Sexual: uma proposta, um desafio.** 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico metodológicas. *Anais ... 29ª Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, MG. 15 a 18 de Outubro de 2006.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional.** São Paulo: Cortez, 3ª ed. 1994. (Biblioteca da educação, série 1, v. 11) p. 47-58.

NUNES, César Aparecido. Dialética da Sexualidade e Educação Sexual no Brasil. **Revista Linhas**, v.7, n.1, 2006.

NUNES, C.A. **Filosofia, sexualidade e educação:** as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996, 330 p.

NUNES, C.A.; SILVA, E. **As manifestações da sexualidade da criança.** Campinas, SP, Século XXI, 1997.

MAIA, A.C.B. **Sexualidade e deficiências no contexto escolar.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília. 2003. 667p.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação:** a nova retórica. Martins Fontes: São Paulo. 2005.

REBOUL, O. **Introdução a Retórica.** Martins Fontes: São Paulo, 2004.

RICOEUR, P. **A metáfora viva.** Edições Loyola: São Paulo, Brasil.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (ORG.) **Sexualidade e Educação:** Aproximações necessárias. Arte e Ciência, São Paulo, 2004, p. 15-26.

ROSENBERG, Fúlvia. Educação sexual na escola. **Cadernos de pesquisa** n. 53, p. 11-19, maio de 1985.

SAYÃO, Y. Orientação Sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J.G. (Org.) **Sexualidade na Escola.** São Paulo, Summus Editorial, 1997.

SILVA, R.C.P.; NETO, J.M. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: O que mostram as pesquisas. **Revista Ciência e Educação.** Bauru, SP. v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SOUZA, A. **A persuasão**. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2001.

SUPLICY, M. **Sexo se aprende na escola**. Olho d'agua. São Paulo, 1995.

VASCONCELOS, N. **Os Dogmatismos Sexuais**. Paz e Terra, 1979.

WEREBE, M.J.G. **Sexualidade, Política e Educação**. Autores Associados, Campinas, SP, 1998.

WESTON, A. **A arte de argumentar**. Gradativa: Lisboa. Portugal. 1996.

ANEXOS

Anexo 1: Relatório de Avaliação de Revistas da Área 46 as CAPES – 2008

ISSN	Área	Titulo	Estrato	Ano Base
1983-6422	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	A Física na Escola (Impresso)	B4	2008
1807-9792	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Abstracta : linguagem, mente e ação (Niterói)	B5	2008
1981-867X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acervo On-line de Mídia Regional (UNITAU)	C	2008
0097-6156	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	ACS Symposium Series	C	2008
0101-5354	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Biologica Leopoldensia (Cessou em 2006. Cont. ISSN 1809-9939 Neotropical Biology and Conservation)	C	2008
0001-5342	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Biotheoretica	C	2008
0104-7795	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Fisiatrica (USP)	C	2008
0567-7572	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Horticulturae	C	2008
0102-6712	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Limnológica Brasiliensia	C	2008
0103-2100	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Paulista de Enfermagem (UNIFESP. Impresso)	C	2008
0065-1583	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Protozoologica (Druk)	C	2008
1517-4492	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Scientiae (ULBRA)	B3	2008
1679-9283	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Scientiarum. Biological Sciences (Impresso)	C	2008
1679-7361	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Scientiarum. Human and Social Sciences (Impresso) (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1983-4675 Acta Scientiarum. Language and Culture (Impresso))	B5	2008
0001-706X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Acta Tropica	C	2008
1043-4046	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Advances in Physiology Education	A2	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
0997	MATEMATICA	Agrária (Recife. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
1133-	CIÊNCIAS E			
9837	MATEMATICA	Alambique (Barcelona)	B1	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
8728	MATEMATICA	Alceu (PUCRJ)	C	2008
	ENSINO DE			
1517-	CIÊNCIAS E			
106X	MATEMATICA	Alea: Estudos Neolatinos (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1413-	CIÊNCIAS E			
0394	MATEMATICA	Aletheia (ULBRA)	B5	2008
	ENSINO DE			
1982-	CIÊNCIAS E			
5153	MATEMATICA	Alexandria (UFSC)	B2	2008
	ENSINO DE			
0065-	CIÊNCIAS E			
6755	MATEMATICA	Amazoniana (Kiel)	C	2008
	ENSINO DE			
0002-	CIÊNCIAS E			
9505	MATEMATICA	American Journal of Physics	B1	2008
	ENSINO DE			
0277-	CIÊNCIAS E			
7126	MATEMATICA	American Journal of Semiotics	B3	2008
	ENSINO DE			
0939-	CIÊNCIAS E			
4451	MATEMATICA	Amino Acids (Wien. Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0001-	CIÊNCIAS E	Anais da Academia Brasileira de Ciências		
3765	MATEMATICA	(Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
4714	MATEMATICA	Anais do Museu Paulista (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
9924	MATEMATICA	Análise Econômica (UFRGS)	C	2008
	ENSINO DE			
0870-	CIÊNCIAS E			
8231	MATEMATICA	Análise Psicológica	B4	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
3003	MATEMATICA	Analytica (UFRJ)	B4	2008
	ENSINO DE			
0987-	CIÊNCIAS E			
7576	MATEMATICA	Annales de Didactique et de Sciences Cognitives	A2	2008
0306-	ENSINO DE	Annals of Nuclear Energy	C	2008

4549	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
1572-	CIÊNCIAS E			
9338	MATEMATICA	Annals of Operations Research (Dordrecht. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
0003-	CIÊNCIAS E			
4967	MATEMATICA	Annals of the Rheumatic Diseases	C	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E	Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ.		
9759	MATEMATICA	Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0003-	CIÊNCIAS E			
6870	MATEMATICA	Applied Ergonomics	C	2008
	ENSINO DE			
0096-	CIÊNCIAS E			
3003	MATEMATICA	Applied Mathematics and Computation	B5	2008
	ENSINO DE			
0175-	CIÊNCIAS E			
7598	MATEMATICA	Applied Microbiology and Biotechnology	C	2008
	ENSINO DE			
0003-	CIÊNCIAS E			
6951	MATEMATICA	Applied Physics Letters	C	2008
	ENSINO DE			
1353-	CIÊNCIAS E			
5773	MATEMATICA	Aquaculture Nutrition (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0003-	CIÊNCIAS E			
9861	MATEMATICA	Archives of Biochemistry and Biophysics (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0188-	CIÊNCIAS E			
4409	MATEMATICA	Archives of Medical Research	C	2008
	ENSINO DE			
0302-	CIÊNCIAS E			
8933	MATEMATICA	Archives of Microbiology	C	2008
	ENSINO DE			
1068-	CIÊNCIAS E	Archivos Analíticos de Políticas Educativas /		
2341	MATEMATICA	Education Policy Analysis Archives	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
0854	MATEMATICA	Argumento (Jundiaí)	C	2008
	ENSINO DE			
1424-	CIÊNCIAS E			
6376	MATEMATICA	ARKIVOC	C	2008
	ENSINO DE			
0066-	CIÊNCIAS E			
782X	MATEMATICA	Arquivos Brasileiros de Cardiologia (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E	Arquivos da APADEC (Cessou em 2005. Cont.		
7149	MATEMATICA	ISSN 1980-959X Arquivos do Mudi)	C	2008

0004- 282X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Arquivos de Neuro-Psiquiatria (Impresso)	C	2008
1808- 0901	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Arquivos em Movimento (UFRJ. Impresso) (Cessou em 2005. Cont. ISSN 1809-9556 Arquivos em Movimento (Online))	C	2008
0101- 6067	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (Impresso)	C	2008
0210- 4466	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Asclepio (Madrid)	B3	2008
0004- 6361	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Astronomy & Astrophysics (Berlin. Print)	B5	2008
1414- 4077	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Avaliação (UNICAMP)	B5	2008
0103- 8117	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Bahia Analise & Dados	C	2008
0955- 8810	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Behavioural Pharmacology	C	2008
1470- 8175	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Biochemistry and Molecular Biology Education	A2	2008
0925- 4439	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Biochimica et Biophysica Acta. Molecular Basis of Disease	C	2008
1389- 5729	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Biogerontology (Dordrecht)	C	2008
0918- 6158	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Biological & Pharmaceutical Bulletin	C	2008
0966- 0844	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	BioMetals (Oxford)	C	2008
0968- 0896	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Bioorganic & Medicinal Chemistry (Print)	C	2008
0303- 2647	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Biosystems (Amsterdam. Print)	C	2008
1518- 1812	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso)	B5	2008
1464- 4096	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	BJU International (Print)	C	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1471-	CIÊNCIAS E			
2407	MATEMATICA	BMC Cancer (Online)	C	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E	Bolema. Boletim de Educação Matemática		
636X	MATEMATICA	(UNESP. Rio Claro. Impresso)	A1	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E	Boletim - Centro de Letras e Ciências Humanas		
6968	MATEMATICA	(UEL)	C	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
3440	MATEMATICA	Boletim - Sociedade Astrônômica Brasileira	C	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
5198	MATEMATICA	Boletim de Geografia (UEM)	B5	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E	Boletim do Laboratório de Hidrobiologia		
4337	MATEMATICA	(UFAMA. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE	Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série		
1807-	CIÊNCIAS E	Ciências Naturais (Cessou em 2005. Cont. ISSN		
5401	MATEMATICA	1981-8114 Boletim do Museu Paraense Emílio		
	ENSINO DE	Goeldi. Ciências Naturais)	C	2008
0104-	CIÊNCIAS E			
9739	MATEMATICA	Boletim GEPEM	B1	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
0838	MATEMATICA	Boletim SBEM Bahia	B5	2008
	ENSINO DE			
1315-	CIÊNCIAS E			
4125	MATEMATICA	Boletín de la Asociacion Matematica Venezolana	B4	2008
	ENSINO DE			
1134-	CIÊNCIAS E			
6094	MATEMATICA	Boletín de la SEA	C	2008
	ENSINO DE			
0006-	CIÊNCIAS E			
8993	MATEMATICA	Brain Research	C	2008
	ENSINO DE			
0361-	CIÊNCIAS E			
9230	MATEMATICA	Brain Research Bulletin	C	2008
	ENSINO DE			
1516-	CIÊNCIAS E	Brazilian Archives of Biology and Technology		
8913	MATEMATICA	(Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E	Brazilian Journal of Medical and Biological		
879X	MATEMATICA	Research (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1679-	CIÊNCIAS E			
8759	MATEMATICA	Brazilian Journal of Oceanography (Impresso)	C	2008

0103-9733	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Brazilian Journal of Physics (Impresso)	C	2008
1413-9596	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science (Impresso)	C	2008
1806-8324	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Brazilian Oral Research (Impresso)	C	2008
0092-8240	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Bulletin of Mathematical Biology (Print)	C	2008
1677-2334	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Caderno Brasileiro de Ensino de Física Caderno Catarinense de Ensino de Física (Cessou	B1	2008
0102-3594	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	em 2001. Cont. ISSN 1677-2334 Caderno Brasileiro de Ensino de Física)	B1	2008
0103-4979	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Caderno CRH (UFBA. Impresso)	C	2008
1809-1466	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Caderno de Física da UEFS	C	2008
1677-5600	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Caderno de Pesquisa. Série Biologia (UNISC)	C	2008
1516-6600	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Caderno Pedagógico (Lajeado. Impresso)	B5	2008
1518-0395	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos Camilliani	C	2008
0101-3262	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos CEDES (Impresso)	A2	2008
1415-9112	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos da Biodiversidade (Maringá)	C	2008
1517-7890	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos da Pós-Graduação (UEMG)	C	2008
0104-1371	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos de Educação (UFPel)	B5	2008
1677-0277	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos de Educação Escolar Indígena	B4	2008
0103-6300	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cadernos de História (UFU. Impresso)	B5	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
7634	MATEMATICA	Cadernos de História da Ciência	B5	2008
	ENSINO DE			
1807-	CIÊNCIAS E	Cadernos de História da Educação (UFU.		
3859	MATEMATICA	Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E	Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas.		
1574	MATEMATICA	Impresso)	B1	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
311X	MATEMATICA	Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso)	B2	2008
	ENSINO DE			
1983-	CIÊNCIAS E			
1781	MATEMATICA	Cadernos do Centro de Educação	B5	2008
	ENSINO DE	Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da		
1516-	CIÊNCIAS E	PUCRS (Cessou em 2006. Cont. ISSN 1982-8853		
9510	MATEMATICA	Cadernos de Pesquisas em Literatura)	C	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
4261	MATEMATICA	Cadernos FAPA	B4	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
8333	MATEMATICA	Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso)	B3	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
462X	MATEMATICA	Cadernos Saúde Coletiva (UFRJ)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
4694	MATEMATICA	Cadernos Temáticos (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
9475	MATEMATICA	Cadernos UniFOA (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
0769-	CIÊNCIAS E	Cahier - Centre de Recherches sur l'Image le		
1548	MATEMATICA	Symbole et le Mythe	B4	2008
	ENSINO DE			
1292-	CIÊNCIAS E			
2765	MATEMATICA	Cahiers Gaston Bachelard	B5	2008
	ENSINO DE			
1983-	CIÊNCIAS E			
7399	MATEMATICA	Caminhos da Educação Matemática em Revista	B5	2008
	ENSINO DE			
1538-	CIÊNCIAS E			
4047	MATEMATICA	Cancer Biology & Therapy	C	2008
	ENSINO DE			
0008-	CIÊNCIAS E			
6223	MATEMATICA	Carbon (New York)	C	2008
0263-	ENSINO DE	Cell Biochemistry and Function	C	2008

6484	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE			
1536-	CIÊNCIAS E			
7509	MATEMÁTICA	Cell Biology Education	A2	2008
	ENSINO DE			
1065-	CIÊNCIAS E			
6995	MATEMÁTICA	Cell Biology International (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1420-	CIÊNCIAS E			
682X	MATEMÁTICA	Cellular and Molecular Life Sciences (Printed ed.)	C	2008
	ENSINO DE			
0272-	CIÊNCIAS E			
4340	MATEMÁTICA	Cellular and Molecular Neurobiology	C	2008
	ENSINO DE			
0898-	CIÊNCIAS E			
6568	MATEMÁTICA	Cellular Signalling	C	2008
	ENSINO DE			
1644-	CIÊNCIAS E			
3616	MATEMÁTICA	Central European Journal of Mathematics	C	2008
	ENSINO DE			
0009-	CIÊNCIAS E			
2614	MATEMÁTICA	Chemical Physics Letters (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0009-	CIÊNCIAS E			
2797	MATEMÁTICA	Chemico-Biological Interactions (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0045-	CIÊNCIAS E			
6535	MATEMÁTICA	Chemosphere (Oxford)	C	2008
	ENSINO DE			
0742-	CIÊNCIAS E			
0528	MATEMÁTICA	Chronobiology International	C	2008
	ENSINO DE			
1676-	CIÊNCIAS E			
4188	MATEMÁTICA	Ciência & Ambiente	B4	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
8631	MATEMÁTICA	Ciência & Ensino (Online)	B2	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
5111	MATEMÁTICA	Ciência & Ensino (UNICAMP. Impresso)	B2	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
4561	MATEMÁTICA	Ciência & Saúde Coletiva (Online)	B3	2008
	ENSINO DE			
0718-	CIÊNCIAS E			
2449	MATEMÁTICA	Ciencia & Trabajo (En línea)	B5	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E			
1965	MATEMÁTICA	Ciência da Informação (Impresso)	B4	2008

0009- 6725	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência e Cultura	B4	2008
1516- 7313	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência e Educação (UNESP. Impresso)	A1	2008
1413- 8123	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência e Saúde Coletiva (Impresso)	B3	2008
1984- 154X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência em Tela	B3	2008
1413- 7461	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência Geográfica	B4	2008
0101- 8515	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência Hoje	B5	2008
0103- 2054	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciencia Hoje das Crianças	B5	2008
0103- 8478	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência Rural (UFSM. Impresso)	C	2008
1677- 3861	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciência, Cuidado & Saúde	B5	2008
1806- 5821	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciências & Cognição (UFRJ)	B3	2008
0102- 4868	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciências & Letras (FAPA. Impresso)	B5	2008
1519- 7050	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciências Sociais Unisinos	C	2008
1518- 4463	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ciencias Sociales y Religión (Impresso)	B5	2008
1980- 7651	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Circumscribere (PUCSP)	B4	2008
0264- 9381	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Classical and Quantum Gravity (Print)	C	2008
0009- 8981	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Clinica Chimica Acta (Print)	C	2008
1556- 6811	ENSINO DE CIÊNCIAS E	Clinical and Vaccine Immunology	C	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
0009-	CIÊNCIAS E			
9120	MATEMATICA	Clinical Biochemistry	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
9479	MATEMATICA	Cógito (Salvador. Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
7187	MATEMATICA	Cognitio (PUCSP)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
8428	MATEMATICA	Cognitio-Estudos (PUC-SP. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
1517-	CIÊNCIAS E			
3720	MATEMATICA	Coleção Ensaio (Rio de Janeiro)	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
7654	MATEMATICA	ComCiência (UNICAMP)	B4	2008
		Comparative Biochemistry and Physiology. B, Biochemistry & Molecular Biology (Cessou em 1999. Cont. Comparative Biochemistry and Physiology. Biochemistry & Molecular Biology (2000))		
1096-	CIÊNCIAS E			
4959	MATEMATICA		C	2008
	ENSINO DE			
1532-	CIÊNCIAS E	Comparative Biochemistry and Physiology. C.		
0456	MATEMATICA	Toxicology & Pharmacology	C	2008
	ENSINO DE			
1095-	CIÊNCIAS E	Comparative Biochemistry and Physiology. Part A, Molecular & Integrative Physiology		
6433	MATEMATICA		C	2008
	ENSINO DE			
0332-	CIÊNCIAS E			
1649	MATEMATICA	Compel (Bradford)	C	2008
	ENSINO DE			
0360-	CIÊNCIAS E			
1315	MATEMATICA	Computers and Education	A2	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
6829	MATEMATICA	Comunicacao e Educacao (USP)	B4	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
8481	MATEMATICA	Comunicações (UNIMEP)	B5	2008
	ENSINO DE			
1532-	CIÊNCIAS E			
0626	MATEMATICA	Concurrency and Computation	C	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
1028	MATEMATICA	ConScientiae Saúde (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
8758	MATEMATICA	Contexto & Educação	B4	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1519-8227	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Contrapontos (UNIVALI) (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-7114 Contrapontos (Online))	B5	2008
	ENSINO DE			
1405-1435	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Convergência (Toluca)	B5	2008
	ENSINO DE			
1333-1108	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Croatian Journal of Philosophy	B4	2008
	ENSINO DE			
1518-0689	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cronos (Natal. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1807-9172	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cultura Garança	C	2008
	ENSINO DE			
1871-1502	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cultural Studies of Science Education (Print)	A1	2008
	ENSINO DE			
0343-8651	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Current Microbiology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0907-0877	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cybernetics & Human Knowing	B1	2008
	ENSINO DE			
1359-6101	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Cytokine & Growth Factor Reviews	C	2008
	ENSINO DE			
1982-5234	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Democratizar (Faetec)	C	2008
	ENSINO DE			
0165-3806	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Developmental Brain Research (Cessou em 2005)	C	2008
	ENSINO DE			
1519-3640	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Diálogo (Canoas)	C	2008
	ENSINO DE			
1982-2898	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Direcional Educador (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1516-6104	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Direito, Estado e Sociedade (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE	Disciplinarum Scientia. Série Ciências Exatas		
1519-0625	CIÊNCIAS E MATEMATICA	(Cessou em 2001. Cont. 1981-2841 Disciplinarum Scientia. Série Ciências Naturais e Tecnológicas)	C	2008
	ENSINO DE			
1531-3492	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Discrete and Continuous Dynamical Systems. Series B	C	2008
0166-	ENSINO DE	Discrete Applied Mathematics	B5	2008

218X	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0872-	CIÊNCIAS E			
0738	MATEMATICA	Discursos (Coimbra) (Cessou em 1998)	C	2008
	ENSINO DE			
1808-	CIÊNCIAS E			
5652	MATEMATICA	Discursos Fotográficos	C	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E	Divulgacoes do Museu de Ciencias e Tecnologia-		
6969	MATEMATICA	UBEA/PUCRS	C	2008
	ENSINO DE			
0148-	CIÊNCIAS E	Drug and Chemical Toxicology (New York, N.Y.		
0545	MATEMATICA	1978)	C	2008
	ENSINO DE			
0363-	CIÊNCIAS E			
9045	MATEMATICA	Drug Development and Industrial Pharmacy (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1984-	CIÊNCIAS E			
3151	MATEMATICA	E-xacta (Belo Horizonte)	C	2008
	ENSINO DE			
0736-	CIÊNCIAS E			
623X	MATEMATICA	Earth Sciences History	B4	2008
	ENSINO DE			
1574-	CIÊNCIAS E			
9541	MATEMATICA	Ecological Informatics (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0147-	CIÊNCIAS E			
6513	MATEMATICA	Ecotoxicology and Environmental Safety	C	2008
	ENSINO DE			
1415-	CIÊNCIAS E			
9902	MATEMATICA	Educação & Linguagem	B4	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
7330	MATEMATICA	Educação & Sociedade (Impresso)	B2	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
5057	MATEMATICA	Educação & Tecnologia	B4	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
465X	MATEMATICA	Educação (PUCRS. Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
9031	MATEMATICA	Educação (UFSM)	B5	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
0701	MATEMATICA	Educação Ambiental em Ação	B5	2008
	ENSINO DE			
1807-	CIÊNCIAS E			
2194	MATEMATICA	Educação e Cultura Contemporânea	B4	2008

	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação e Matemática	C	2008
1517- 9702	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação e Pesquisa (USP. Impresso)	B2	2008
0100- 3143	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação e Realidade	B2	2008
1519- 3322	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação em Foco (Belo Horizonte. 1996)	B4	2008
0104- 3293	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação em Foco (Juiz de Fora)	B4	2008
1806- 7123	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação em Revista (Porto Alegre)	B3	2008
0102- 4698	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação em Revista (UFMG. Impresso)	B3	2008
1519- 9460	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Marista	C	2008
1981- 6979	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Matemática em Foco (UFPB)	B5	2008
1517- 3941	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Matemática em Revista (São Paulo)	B2	2008
1518- 8221	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Matemática em Revista-RS	B4	2008
1516- 5388	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Matemática Pesquisa (Impresso)	B2	2008
1519- 8650	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação nas Ciências (UNIJUÍ)	C	2008
1980- 5594	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Profissional (Brasília. Impresso)	C	2008
1519- 387X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educação Unisinos	B5	2008
0120- 8446	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Educacion Hoy	B4	2008
0864- 2141	ENSINO DE CIÊNCIAS E	Educación Médica Superior (Impresa)	B4	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
0187-	CIÊNCIAS E			
893X	MATEMATICA	Educación Química	B1	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
4060	MATEMATICA	Educar em Revista (Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0013-	CIÊNCIAS E			
1954	MATEMATICA	Educational Studies in Mathematics	A1	2008
	ENSINO DE			
1316-	CIÊNCIAS E			
4910	MATEMATICA	EDUCERE (Mérida)	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
0099	MATEMATICA	Educere (Umuarama. Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1072-	CIÊNCIAS E			
6691	MATEMATICA	Electronic Journal of Differential Equations	C	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
6369	MATEMATICA	Em Extensão (UFU. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
9352	MATEMATICA	Em Formação (UFRJ. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
335X	MATEMATICA	Emergência Clínica	C	2008
	ENSINO DE			
1080-	CIÊNCIAS E			
6040	MATEMATICA	Emerging Infectious Diseases (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0301-	CIÊNCIAS E			
4215	MATEMATICA	Energy Policy	B5	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
4036	MATEMATICA	Ensaio (Fundação Cesgranrio. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1415-	CIÊNCIAS E	Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências		
2150	MATEMATICA	(Impresso)	A2	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
1723	MATEMATICA	Ensaio FEE (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0212-	CIÊNCIAS E			
4521	MATEMATICA	Enseñanza de las Ciencias	A1	2008
	ENSINO DE			
1132-	CIÊNCIAS E			
9157	MATEMATICA	Enseñanza de las Ciencias de la Tierra	A2	2008
1983-	ENSINO DE	Ensino, Saúde e Ambiente	B5	2008

7011	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0328-	CIÊNCIAS E			
0381	MATEMATICA	Entomología y Vectores	C	2008
	ENSINO DE			
0013-	CIÊNCIAS E			
872X	MATEMATICA	Entomological News	C	2008
	ENSINO DE			
0893-	CIÊNCIAS E			
6692	MATEMATICA	Environmental and Molecular Mutagenesis (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0013-	CIÊNCIAS E			
9351	MATEMATICA	Environmental Research (New York, N.Y. Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1382-	CIÊNCIAS E			
6689	MATEMATICA	Environmental Toxicology and Pharmacology	C	2008
	ENSINO DE			
0013-	CIÊNCIAS E			
9580	MATEMATICA	Epilepsia (Copenhagen)	C	2008
	ENSINO DE			
1413-	CIÊNCIAS E			
5736	MATEMATICA	Episteme (Porto Alegre)	B4	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
2487	MATEMATICA	Eptic (UFS)	C	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
8145	MATEMATICA	Escola Anna Nery	C	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
9843	MATEMATICA	Escritos sobre Educação (Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
7668	MATEMATICA	Espaço (Rio de Janeiro. 1990)	B4	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
7469	MATEMATICA	Espaço Pedagógico	B4	2008
	ENSINO DE			
1517-	CIÊNCIAS E			
5081	MATEMATICA	Especiaria (UESC)	C	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
1317	MATEMATICA	Estaç@o (Londrina)	C	2008
	ENSINO DE			
1415-	CIÊNCIAS E			
7128	MATEMATICA	Estilos da Clínica (USP. Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
4014	MATEMATICA	Estudos Avançados (USP. Impresso)	B5	2008

1414-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Estudos de Sociologia (São Paulo)	B5	2008
1808-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)	B5	2008
6831-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Estudos em Avaliação Educacional (Impresso)	B5	2008
1676-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	ETD : Educação Temática Digital	B3	2008
0400-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ethos & Episteme (UFAM)	C	2008
0223-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	European Journal of Medicinal Chemistry	C	2008
2999-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	European Journal of Pharmacology	C	2008
0143-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	European Journal of Physics (Print)	B4	2008
6001-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	European Physical Journal. A, Hadrons and Nuclei (Print)	C	2008
0295-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Europhysics Letters (Print)	C	2008
1741-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine (Print)	C	2008
6560-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Evolutionary Computation	C	2008
742X-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Exatec (UCS)	C	2008
2413-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Experiências em Ensino de Ciências (UFRGS)	B2	2008
1535-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Experimental Biology and Medicine (Maywood, N.J.: Print)	C	2008
4894-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Experimental Parasitology	C	2008
8222-	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Expert Opinion on Therapeutic Targets	C	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
7069	MATEMATICA	Expressão (Guaxupé)	C	2008
	ENSINO DE			
0972-	CIÊNCIAS E			
0960	MATEMATICA	Far East Journal of Applied Mathematics	B5	2008
	ENSINO DE			
0014-	CIÊNCIAS E			
8962	MATEMATICA	Feddes Repertorium	C	2008
	ENSINO DE			
1807-	CIÊNCIAS E			
6971	MATEMATICA	Fênix (UFU. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
0015-	CIÊNCIAS E			
0193	MATEMATICA	Ferroelectrics (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1983-	CIÊNCIAS E			
053X	MATEMATICA	Filosofia e História da Biologia	B5	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
5023	MATEMATICA	Filosofia Unisinos (Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
9740	MATEMATICA	Fisioterapia Brasil	C	2008
	ENSINO DE			
0228-	CIÊNCIAS E			
0671	MATEMATICA	For the Learning of Mathematics	A1	2008
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
0199	MATEMATICA	ForGrad em Revista	C	2008
	ENSINO DE			
0015-	CIÊNCIAS E			
9018	MATEMATICA	Foundations of Physics	B5	2008
	ENSINO DE			
1466-	CIÊNCIAS E			
4879	MATEMATICA	Genes and Immunity	C	2008
	ENSINO DE			
0016-	CIÊNCIAS E			
6707	MATEMATICA	Genetica ('s-Gravenhage)	C	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
3540	MATEMATICA	Genética na Escola	B5	2008
	ENSINO DE			
1415-	CIÊNCIAS E			
4757	MATEMATICA	Genetics and Molecular Biology (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
7667	MATEMATICA	Geodados (Maringá)	C	2008
0100-	ENSINO DE	Geografia (Rio Claro. Impresso)	B4	2008

7912	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0104- 4486	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Geonomos	B3	2008
1983- 8220	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia	B5	2008
1516- 8891	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Gestão em Ação (Impresso)	C	2008
0103- 250X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Guairaca (UNICENTRO)	C	2008
1677- 8979	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Hermes (São Paulo)	C	2008
0103- 1155	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Hífen (PUCRS. Impresso)	C	2008
1414- 3518	CIÊNCIAS E MATEMATICA	História da Educação (UFPeI)	B4	2008
0104- 5970	CIÊNCIAS E MATEMATICA	História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso)	B1	2008
0890- 9997	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Historical Studies in the Physical and Biological Sciences (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1939-1811 Historical Studies in the Natural Sciences)	B1	2008
1807- 1600	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Holos (Natal. Online)	B5	2008
0103- 7706	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Horizontes (EDUSF)	B5	2008
1807- 538X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Humanitates (UCB/DF)	B5	2008
1011- 4289	CIÊNCIAS E MATEMATICA	IAEA-Tecdoc	C	2008
1415- 4668	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Ideação (UEFS)	B5	2008
0018- 9464	CIÊNCIAS E MATEMATICA	IEEE Transactions on Magnetics	C	2008
1982- 5498	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Igapó (CEFET-AM)	C	2008

9999- 9900	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	IJCEELL-International Journal of Continuing Engineering Education and Life Long Learning	B4	2008
0171- 2985	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Immunobiology (Jena. 1979)	C	2008
1808- 8899	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Inclusão (Brasília)	C	2008
1579- 3141	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Indivisa, Boletín de Estudios e Investigación	C	2008
0104- 0219	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Infarma (Brasília)	C	2008
0019- 9567	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Infection and Immunity (Print)	C	2008
1516- 1854	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Interação (Curitiba) (Cessou em 2001. Cont. ISSN 1981-8068 Interação em Psicologia (Impresso))	C	2008
0873- 0725	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Interacções (Coimbra)	C	2008
1646- 2335	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Interacções (Portugal)	B4	2008
1519- 8847	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Interagir (UERJ)	B4	2008
1676- 6369	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Interciência (Catanduva)	C	2008
1414- 3283	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Interface (Botucatu. Impresso)	B3	2008
1932- 8818	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal for the History of Mathematics Education	B3	2008
1382- 3892	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Computers for Mathematical Learning	A2	2008
0736- 5748	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Developmental Neuroscience	C	2008
1539- 3100	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Distance Education Technologies	B2	2008
1740- 0570	ENSINO DE CIÊNCIAS E	International Journal of High Performance Computing and Networking (Online)	B5	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
0020-739X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Mathematical Education in Science and Technology	B1	2008
	ENSINO DE			
1438-4221	CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Medical Microbiology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1461-1457	CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Neuropsychopharmacology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0020-7608	CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Quantum Chemistry	C	2008
	ENSINO DE			
0950-0693	CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Science Education	A1	2008
	ENSINO DE			
1364-5579	CIÊNCIAS E MATEMATICA	International Journal of Social Research Methodology (Print)	B1	2008
	ENSINO DE			
1888-0762	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Investigación en Educación Matemática	B2	2008
	ENSINO DE			
1518-8795	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Investigações em Ensino de Ciências (Online)	A2	2008
	ENSINO DE			
1518-9384	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Investigações em Ensino de Ciências (UFRGS. Impresso)	A2	2008
	ENSINO DE			
1516-697X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	IP (Belo Horizonte)	C	2008
	ENSINO DE			
1547-5867	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Issues in Informing Science & Information Technology Education (Online)	B3	2008
	ENSINO DE			
1824-2049	CIÊNCIAS E MATEMATICA	JCOM, Journal of Science Communication	A2	2008
	ENSINO DE			
0047-2077	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Jornal Brasileiro de Medicina	C	2008
	ENSINO DE			
1806-3713	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Jornal Brasileiro de Pneumologia (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1517-5693	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Jornal Brasileiro de Reprodução Assistida (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0021-7557	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Jornal de Pediatria (Impresso)	C	2008
0021-	ENSINO DE	Journal of Applied Physics	C	2008

8979	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0021-	CIÊNCIAS E			
9193	MATEMATICA	Journal of Bacteriology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0021-	CIÊNCIAS E			
9266	MATEMATICA	Journal of Biological Education	A2	2008
	ENSINO DE			
1549-	CIÊNCIAS E			
9596	MATEMATICA	Journal of Chemical Information and Modeling	C	2008
	ENSINO DE			
0095-	CIÊNCIAS E			
1137	MATEMATICA	Journal of Clinical Microbiology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0021-	CIÊNCIAS E			
9991	MATEMATICA	Journal of Computational Physics (Print)	C	2008
	ENSINO DE	Journal of Enzyme Inhibition (Print) (Cessou em		
8755-	CIÊNCIAS E	2002. Cont. ISSN 1475-6366		
5093	MATEMATICA	Journal of Enzyme Inhibition and Medicinal Chemistry (Print))	C	2008
	ENSINO DE			
0143-	CIÊNCIAS E	Journal of Epidemiology and Community Health		
005X	MATEMATICA	(1979)	B4	2008
	ENSINO DE			
0022-	CIÊNCIAS E			
2291	MATEMATICA	Journal of Low Temperature Physics	C	2008
	ENSINO DE			
0022-	CIÊNCIAS E			
2585	MATEMATICA	Journal of Medical Entomology	C	2008
	ENSINO DE			
0360-	CIÊNCIAS E			
4012	MATEMATICA	Journal of Neuroscience Research	C	2008
	ENSINO DE			
0022-	CIÊNCIAS E			
3263	MATEMATICA	Journal of Organic Chemistry	C	2008
	ENSINO DE			
0022-	CIÊNCIAS E			
3417	MATEMATICA	Journal of Pathology	C	2008
	ENSINO DE			
0146-	CIÊNCIAS E			
8693	MATEMATICA	Journal of Pediatric Psychology	C	2008
	ENSINO DE			
0894-	CIÊNCIAS E			
3230	MATEMATICA	Journal of Physical Organic Chemistry (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0022-	CIÊNCIAS E			
3697	MATEMATICA	Journal of Physics and Chemistry of Solids	C	2008
	ENSINO DE			
0953-	CIÊNCIAS E	Journal of Physics. B, Atomic Molecular and		
4075	MATEMATICA	Optical Physics (Print)	C	2008

0953-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
8984	MATEMATICA	Journal of Physics. Condensed Matter (Print)	C	2008
0022-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
3727	MATEMATICA	Journal of Physics. D, Applied Physics (Print)	C	2008
0269-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
8811	MATEMATICA	Journal of Psychopharmacology (Oxford)	C	2008
8756-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
971X	MATEMATICA	Journal of the American Mosquito Control Association	C	2008
1302-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
1672	MATEMATICA	Journal of the Balkan Geophysical Society	C	2008
0103-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
5053	MATEMATICA	Journal of the Brazilian Chemical Society (Impresso)	C	2008
1809-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
8401	MATEMATICA	Journal of the Brazilian Society of Ecotoxicology	C	2008
0022-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
5096	MATEMATICA	Journal of the Mechanics and Physics of Solids	C	2008
0022-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
510X	MATEMATICA	Journal of the Neurological Sciences	C	2008
1388-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
6150	MATEMATICA	Journal of Thermal Analysis and Calorimetry	C	2008
1081-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
1710	MATEMATICA	Journal of Vector Ecology	B5	2008
0166-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
0934	MATEMATICA	Journal of Virological Methods	C	2008
0100-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
512X	MATEMATICA	Kriterion (UFMG. Impresso)	B1	2008
1120-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
9968	MATEMATICA	La Matematica e la sua Didattica	B1	2008
1413-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
7321	MATEMATICA	La Salle (Canoas)	C	2008
1676-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
966X	MATEMATICA	Labrys (Edição Française. Online)	C	2008
1870-	ENSINO DE CIÊNCIAS E			
9095	MATEMATICA	Latin American Journal of Physics Education	B2	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1514-3465	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires)	C	2008
	ENSINO DE			
0302-9743	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Lecture Notes in Computer Science	B4	2008
	ENSINO DE			
0103-6858	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Leitura (UFAL)	B5	2008
	ENSINO DE			
0102-387X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Leitura. Teoria & Prática	B5	2008
	ENSINO DE			
1678-1716	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Leituras Contemporâneas	C	2008
	ENSINO DE			
0024-3795	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Linear Algebra and its Applications	B5	2008
	ENSINO DE			
1981-6847	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Língua Escrita (UFMG)	B4	2008
	ENSINO DE			
1415-1928	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Linguagem & Ensino (UCPel. Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
1518-0743	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Linguagem, Educação e Sociedade (UFPI)	B5	2008
	ENSINO DE			
1518-367X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Linhas (UDESC) (Cessou em 2005. Cont. ISSN 1984-7238 Linhas (Florianópolis. Online))	C	2008
	ENSINO DE			
1516-4896	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Linhas Críticas (UnB)	C	2008
	ENSINO DE			
0210-8615	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Llull (Madrid)	B5	2008
	ENSINO DE			
1367-0751	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Logic Journal of the IGPL (Print)	B4	2008
	ENSINO DE			
1063-777X	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Low Temperature Physics (Woodbury, N.Y., Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1415-8604	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Lugar Comum (UFRJ)	B5	2008
	ENSINO DE			
0104-9313	CIÊNCIAS E MATEMATICA	Mana (UFRJ. Impresso)	B4	2008
1982-	ENSINO DE	Maquinações (UEL)	C	2008

2987	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0141-	CIÊNCIAS E			
1136	MATEMATICA	Marine Environmental Research	C	2008
	ENSINO DE			
0025-	CIÊNCIAS E			
3227	MATEMATICA	Marine Geology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0377-	CIÊNCIAS E			
8398	MATEMATICA	Marine Micropaleontology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
6085	MATEMATICA	Maringá Ensina	C	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
8545	MATEMATICA	Matemática Universitária	C	2008
	ENSINO DE			
0254-	CIÊNCIAS E			
0584	MATEMATICA	Materials Chemistry and Physics	C	2008
	ENSINO DE			
0025-	CIÊNCIAS E			
553X	MATEMATICA	Mathematicae Notae	C	2008
	ENSINO DE			
0030-	CIÊNCIAS E			
1566	MATEMATICA	Mathematical Journal of Okayama University	C	2008
	ENSINO DE			
1072-	CIÊNCIAS E			
0839	MATEMATICA	Mathematics Teaching in the Middle School	B4	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
7165	MATEMATICA	Matraga (Rio de Janeiro)	C	2008
	ENSINO DE			
1450-	CIÊNCIAS E	Mediterranean Journal for Research in		
1104	MATEMATICA	Mathematics Education	B1	2008
	ENSINO DE			
1660-	CIÊNCIAS E			
5446	MATEMATICA	Mediterranean Journal of Mathematics (Print)	B5	2008
	ENSINO DE			
0074-	CIÊNCIAS E			
0276	MATEMATICA	Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
8060	MATEMATICA	Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (Online)	B4	2008
	ENSINO DE			
0885-	CIÊNCIAS E			
7490	MATEMATICA	Metabolic Brain Disease	C	2008
	ENSINO DE			
1086-	CIÊNCIAS E			
9379	MATEMATICA	Meteoritics & Planetary Science	C	2008

0026-2692	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Microelectronics (Luton) (Cessou em 1978. Cont. ISSN 0959-8324 Microelectronics Journal)	C	2008
0968-4328	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Micron (Oxford. 1993)	C	2008
1593-7879	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Mind & Society	B3	2008
0300-8177	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Molecular and Cellular Biochemistry	C	2008
1058-725X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Molecular Crystals and Liquid Crystals Science and Technology. Section A, Molecular Crystals and Liquid Crystals (Print)	C	2008
1096-7192	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Molecular Genetics and Metabolism (Print)	C	2008
1055-7903	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Molecular Phylogenetics and Evolution (Print)	C	2008
0425-0818	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Monographies de L'Enseignement Mathématique	B2	2008
0035-8711	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Monthly Notices of the Royal Astronomical Society (Print)	C	2008
0104-754X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Movimento (UFRGS. Impresso)	C	2008
1540-3459	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Multiscale Modeling & Simulation (Print)	C	2008
1677-1451	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Mundo Jovem (PUCRS)	C	2008
1807-6149	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Musas (IPHAN)	C	2008
0267-8357	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Mutagenesis	C	2008
1383-5718	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Mutation Research. Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis	C	2008
0165-1161	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Mutation Research. Section on Environmental Mutagenesis and Related Subjects (Cessou em 1996. Fundiu-se com ISSN 0165-1218 e 1383-5718)	C	2008
1530-	ENSINO DE	Nano Letters (Print)	C	2008

6984	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE			
0957-	CIÊNCIAS E			
4484	MATEMÁTICA	Nanotechnology (Bristol. Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1873-	CIÊNCIAS E			
0604	MATEMÁTICA	Near Surface Geophysics (Online)	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
566X	MATEMÁTICA	Neotropical Entomology (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1074-	CIÊNCIAS E			
7427	MATEMÁTICA	Neurobiology of Learning and Memory (Print)	B4	2008
	ENSINO DE			
0364-	CIÊNCIAS E			
3190	MATEMÁTICA	Neurochemical Research	C	2008
	ENSINO DE			
0197-	CIÊNCIAS E			
0186	MATEMÁTICA	Neurochemistry International	C	2008
	ENSINO DE			
1807-	CIÊNCIAS E			
1058	MATEMÁTICA	Neurociências (Rio de Janeiro)	C	2008
	ENSINO DE			
0304-	CIÊNCIAS E			
3940	MATEMÁTICA	Neuroscience Letters (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0168-	CIÊNCIAS E			
0102	MATEMÁTICA	Neuroscience Research	C	2008
	ENSINO DE			
1021-	CIÊNCIAS E	NoDEA. Nonlinear Differential Equations and		
9722	MATEMÁTICA	Applications (Printed ed.)	C	2008
	ENSINO DE			
0122-	CIÊNCIAS E			
4328	MATEMÁTICA	Nodos y Nudos	B5	2008
	ENSINO DE			
0362-	CIÊNCIAS E			
546X	MATEMÁTICA	Nonlinear Analysis	C	2008
	ENSINO DE			
1676-	CIÊNCIAS E			
5141	MATEMÁTICA	Nós da Escola	C	2008
	ENSINO DE			
1679-	CIÊNCIAS E			
7221	MATEMÁTICA	Nossa História (São Paulo)	C	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
0116	MATEMÁTICA	Nova Escola	C	2008
	ENSINO DE			
0328-	CIÊNCIAS E			
3534	MATEMÁTICA	Novedades Educativas	C	2008

1413-	ENSINO DE			
9855	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Nuances (UNESP Presidente Prudente)	B4	2008
1678-	ENSINO DE			
6602	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Nucleus (Ituverava. Impresso)	B5	2008
0104-	ENSINO DE			
6675	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	O Que nos Faz Pensar (PUCRJ)	C	2008
0041-	ENSINO DE			
3070	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	O Tripeiro (Porto)	C	2008
1519-	ENSINO DE			
8693	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Olam: Ciência & Tecnologia (Rio Claro. CD-Rom)	C	2008
1517-	ENSINO DE			
0845	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Olhar (UFSCar)	C	2008
1518-	ENSINO DE			
5648	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Olhar de Professor (UEPG. Impresso)	B4	2008
1041-	ENSINO DE			
3650	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Ometeca (Corrales, N.M.)	C	2008
1676-	ENSINO DE			
4285	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Online Brazilian Journal of Nursing	C	2008
1981-	ENSINO DE			
4275	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Oralidades (USP)	C	2008
1413-	ENSINO DE			
585X	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Organizações & Sociedade (Impresso)	C	2008
1011-	ENSINO DE			
2251	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Paradigma (Maracay)	B4	2008
0932-	ENSINO DE			
0113	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Parasitology Research (1987. Print)	C	2008
1353-	ENSINO DE			
8020	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Parkinsonism & Related Disorders	C	2008
1677-	ENSINO DE			
1893	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Participação (UnB)	C	2008
1518-	ENSINO DE			
305X	CIÊNCIAS E			
	MATEMATICA	Pátio (Porto Alegre. 1997)	C	2008
1677-	ENSINO DE			
616X	CIÊNCIAS E	Pedagogia (UNOESTE)	B4	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
0031-	CIÊNCIAS E			
3920	MATEMATICA	Pediatria Moderna	C	2008
	ENSINO DE			
0031-	CIÊNCIAS E			
3998	MATEMATICA	Pediatric Research	C	2008
	ENSINO DE			
1415-	CIÊNCIAS E			
5109	MATEMATICA	Pensamento & Realidade	B5	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
2908	MATEMATICA	Perspectiva (Erexim)	C	2008
	ENSINO DE			
0210-	CIÊNCIAS E			
2331	MATEMATICA	Perspectiva Escolar	B5	2008
	ENSINO DE			
1984-	CIÊNCIAS E			
5693	MATEMATICA	Perspectivas da Ciência e Tecnologia	B4	2008
	ENSINO DE			
1982-	CIÊNCIAS E			
7652	MATEMATICA	Perspectivas da Educação Matemática	B4	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
1165	MATEMATICA	Pesquisa em Educação Ambiental (UFSCar)	B2	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
5762	MATEMATICA	Pesquisa em Foco (UFMA)	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
8774	MATEMATICA	Pesquisa FAPESP (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
7438	MATEMATICA	Pesquisa Operacional (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
6936	MATEMATICA	PesquisAção (FAEL) (Cessou em 2007)	C	2008
	ENSINO DE			
1982-	CIÊNCIAS E			
0062	MATEMATICA	Pesquisas e Práticas em Educação Matemática	B5	2008
	ENSINO DE			
0901-	CIÊNCIAS E			
9928	MATEMATICA	Pharmacology & Toxicology	C	2008
	ENSINO DE			
0091-	CIÊNCIAS E			
3057	MATEMATICA	Pharmacology, Biochemistry and Behavior	C	2008
	ENSINO DE			
0031-	CIÊNCIAS E			
8027	MATEMATICA	Philosophia Naturalis	B5	2008
1414-	ENSINO DE	Philósophos (UFG) (Cessou em 2000. Cont. ISSN	B5	2008

2236	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	1982-2928 Revista Philósofos)		
0031-8248	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Philosophy of Science (East Lansing)	A2	2008
1415-6261	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Phronesis (PUCCAMP)	C	2008
0370-1972	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physica Status Solidi. B, Basic Research	C	2008
0921-4526	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physica. B, Condensed Matter (Print)	C	2008
0167-2789	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physica. D, Nonlinear phenomena (Print)	C	2008
1386-9477	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physica. E, Low-Dimensional Systems and Nanostructures (Print)	C	2008
1050-2947	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physical Review. A	C	2008
1098-0121	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physical Review. B, Condensed Matter and Materials Physics	C	2008
0556-2805	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physical Review. B. Solid State. (Cessou em 1978. Cont. 1098-0121 Physical Review. B, Condensed Matter and Materials Physics)	C	2008
1089-4918	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physical Review. D, Particles and Fields (Online) (Cessou em 2003. Cont. ISSN 1550-2368 Physical Review. D. Particles, Fields, Gravitation, and Cosmology (Online))	C	2008
0031-9120	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physics Education (Bristol. Print)	A1	2008
1422-6944	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physics in Perspective (Printed ed.)	C	2008
0103-7331	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Physis (UERJ. Impresso)	B5	2008
1553-734X	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	PLoS Computational Biology	C	2008
1518-126X	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Plures. Humanidades (Ribeirão Preto)	C	2008
1982-3207	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Políticas Educativas	B5	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
0447	MATEMATICA	Prática Hospitalar (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
0249	MATEMATICA	Práxis Educacional	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
4031	MATEMATICA	Práxis Educativa (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1647-	CIÊNCIAS E			
1210	MATEMATICA	Prima Facie (Faro)	B5	2008
	ENSINO DE			
1136-	CIÊNCIAS E			
7733	MATEMATICA	Primeras Noticias. Comunicación y Pedagogía	B5	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
4247	MATEMATICA	Principia (UFSC)	B5	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
8694	MATEMATICA	Princípios (UFRN. Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
7307	MATEMATICA	Pró-Posições (UNICAMP. Impresso)	B2	2008
	ENSINO DE			
0278-	CIÊNCIAS E	Progress in Neuro-Psychopharmacology &		
5846	MATEMATICA	Biological Psychiatry	C	2008
	ENSINO DE			
0929-	CIÊNCIAS E			
8665	MATEMATICA	Protein and Peptide Letters	C	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
6975	MATEMATICA	Psicologia da Educação (Impresso)	B3	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
7182	MATEMATICA	Psicologia e Sociedade (Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
1413-	CIÊNCIAS E			
7372	MATEMATICA	Psicologia em Estudo (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1413-	CIÊNCIAS E			
8557	MATEMATICA	Psicologia Escolar e Educacional (Impresso)	B3	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
9893	MATEMATICA	Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
7972	MATEMATICA	Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0103-	ENSINO DE	Psicopedagogia (São Paulo)	B5	2008

8486	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0165-	CIÊNCIAS E			
1781	MATEMATICA	Psychiatry Research (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0033-	CIÊNCIAS E			
3158	MATEMATICA	Psychopharmacologia (Heidelberg)	C	2008
	ENSINO DE			
0963-	CIÊNCIAS E			
6625	MATEMATICA	Public Understanding of Science (Print)	A2	2008
	ENSINO DE			
1676-	CIÊNCIAS E	Publicatio UEPG. Ciências Exatas e da Terra,		
8477	MATEMATICA	Ciências Agrárias e Engenharias (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0872-	CIÊNCIAS E			
3915	MATEMATICA	Quadrante (Lisboa)	B3	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
5748	MATEMATICA	Química no Brasil	C	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E			
4042	MATEMATICA	Química Nova (Impresso)	B3	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
7064	MATEMATICA	Química Nova (Online)	B3	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
8899	MATEMATICA	Química Nova na Escola (Impresso)	B1	2008
	ENSINO DE			
1130-	CIÊNCIAS E			
5371	MATEMATICA	Qurrriculum (La Laguna)	B5	2008
	ENSINO DE			
1605-	CIÊNCIAS E			
4806	MATEMATICA	Razón y Palabra	B4	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E			
3984	MATEMATICA	RB. Radiologia Brasileira (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
8405	MATEMATICA	RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação	B4	2008
	ENSINO DE			
1516-	CIÊNCIAS E			
1684	MATEMATICA	RDE. Revista de Desenvolvimento Econômico	C	2008
	ENSINO DE			
0922-	CIÊNCIAS E			
4777	MATEMATICA	Reading & Writing	B4	2008
	ENSINO DE	RECIIS. Revista Eletrônica de Comunicação,		
1981-	CIÊNCIAS E	Informação & Inovação em Saúde (Edição em		
6278	MATEMATICA	Português. Online)	B4	2008

0328-3186	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Redes (Bernal)	C	2008
1579-1513	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	REEC. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias	A2	2008
1677-7743	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Reflexões em Ciências Humanas	B5	2008
1809-6220	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	REI. Revista de Educação do IDEAU	B5	2008
0100-8587	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Religião & Sociedade (Impresso)	B5	2008
1980-3141	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	REMATEC. Revista de Matemática, Ensino e Cultura (UFRN)	B5	2008
1679-1916	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	RENTE. Revista Novas Tecnologias na Educação	B5	2008
0890-6238	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Repères IREM	B2	2008
0263-5143	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Reproductive Toxicology (Elmsford, N.Y.)	C	2008
1677-3071	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Research in science & technological education	A1	2008
1981-1322	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	RESI : Revista Eletrônica de Sistemas de Informação	B5	2008
1982-8632	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revemat : Revista Eletrônica de Educação Matemática	B4	2008
1807-3506	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista @mbienteeducação	B5	2008
1518-5532	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista ADUSP	C	2008
0100-0233	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista ANGRAD	C	2008
0100-0691	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Baiana de Saúde Publica	B5	2008
		Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Impresso)	C	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
4849	MATEMATICA	Revista Brasileira de Biociências (Online)	B5	2008
	ENSINO DE			
0034-	CIÊNCIAS E			
7116	MATEMATICA	Revista Brasileira de Cancerologia	C	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
6909	MATEMATICA	Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1413-	CIÊNCIAS E			
2478	MATEMATICA	Revista Brasileira de Educação (Impresso)	B2	2008
	ENSINO DE			
1413-	CIÊNCIAS E			
6538	MATEMATICA	Revista Brasileira de Educação Especial	B5	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E			
5502	MATEMATICA	Revista Brasileira de Educação Médica (Impresso)	B3	2008
	ENSINO DE			
0034-	CIÊNCIAS E			
7167	MATEMATICA	Revista Brasileira de Enfermagem (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e		
2318	MATEMATICA	Biologia Molecular	B5	2008
	ENSINO DE			
1982-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Ensino de Ciência e		
873X	MATEMATICA	Tecnologia	B4	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
1117	MATEMATICA	Revista Brasileira de Ensino de Física (Impresso)	B1	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
9126	MATEMATICA	Revista Brasileira de Ensino de Física (Online)	B1	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
6158	MATEMATICA	Revista Brasileira de Ensino de Química	B5	2008
	ENSINO DE			
0034-	CIÊNCIAS E			
7183	MATEMATICA	Revista Brasileira de Estudos Pedagogicos	B3	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
2695	MATEMATICA	Revista Brasileira de Extensão Universitária	B5	2008
	ENSINO DE			
0375-	CIÊNCIAS E			
7536	MATEMATICA	Revista Brasileira de Geociências	B5	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento		
239X	MATEMATICA	Regional	C	2008
	ENSINO DE	Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia	C	2008

8484	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	(Impresso)		
	ENSINO DE			
1983-	CIÊNCIAS E			
4713	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de História da Ciência	B5	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
5902	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de História da Educação	B5	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
955X	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de História da Matemática	B1	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
5685	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de Informação na Educação	B2	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
2504	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de Inovação	C	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E			
2430	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de Medicina Veterinária	C	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
0365	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria	C	2008
	ENSINO DE			
0034-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Otorrinolaringologia		
7299	MATEMÁTICA	(Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em		
5104	MATEMÁTICA	Ciências	A2	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Política e Administração da		
166X	MATEMÁTICA	Educação	C	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
2355	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de Saúde da Família (Brasília)	B5	2008
	ENSINO DE			
1517-	CIÊNCIAS E	Revista Brasileira de Terapia Comportamental e		
5545	MATEMÁTICA	Cognitiva (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
507X	MATEMÁTICA	Revista Brasileira de Terapia Intensiva (Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1516-	CIÊNCIAS E			
2664	MATEMÁTICA	Revista CESUMAR	C	2008
	ENSINO DE			
0717-	CIÊNCIAS E			
9618	MATEMÁTICA	Revista Chilena de Educación Científica	B2	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
9649	MATEMÁTICA	Revista Ciência e Tecnologia	B4	2008

1679-4605	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Ciência em Extensão	C	2008
1518-0352	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Ciência em Foco	B5	2008
1516-4071	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Ciências Exatas e Naturais (Impresso)	C	2008
1981-8823	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Científica do Centro Universitário de Barra Mansa	C	2008
8536-1038	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Científica FAIS	C	2008
0034-7426	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	REvista CIPA	C	2008
0301-8814	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Colombiana de Matematicas	C	2008
1678-9822	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Compacta	C	2008
0258-5995	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Comunicação Midiática	C	2008
0864-3466	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Cubana de Química	C	2008
1679-5954	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Cubana de Salud Pública (Impresa)	B5	2008
1519-0455	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista da ABENO	C	2008
0004-5276	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista da ADPPUCRS Revista da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas (Cessou em 1980. Cont. ISSN 0101-8140)	C	2008
1516-9162	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Regional de Araçatuba - Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas)	C	2008
0104-0758	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre	C	2008
0103-	ENSINO DE	Revista da SOCERJ	C	2008
		Revista da Sociedade Brasileira de História da	B1	2008

7188	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Ciência (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1983-4713 Revista Brasileira de História da Ciência)		
0037-8682	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (Impresso)	B5	2008
1516-7704	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de APS (Impresso)	B5	2008
1519-5228	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Biologia e Ciências da Terra	B5	2008
0103-8575	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Ciência & Tecnologia	B5	2008
1519-8022	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Ciência & Tecnologia (UNIG)	B5	2008
1676-9732	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Ciências Agroveterinárias (UDESC)	C	2008
1518-4684	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Ciências Humanas (Frederico Westphalen. Impresso)	C	2008
0871-3928	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Educação	B4	2008
0104-0537	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Educação AEC (Cessou em 2007. Cont. ISSN 1983-5280 Revista de Educação ANEC)	B4	2008
1413-6880	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Educação CEAP (Cessou em 2004. Cont. ISSN 1808-0669 Presente! (Salvador))	C	2008
1676-8868	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Educação Matemática	B4	2008
1519-3993	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Educação PUC-Campinas	B4	2008
0329-5192	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Educación en Biología	B3	2008
1981-8963	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Enfermagem UFPE On Line	B5	2008
0326-7091	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA ENSINO DE	Revista de Enseñanza de la Física	B1	2008
0101-5001	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Ensino de Engenharia	B2	2008

0102-4744	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Ensino de Física (Cessou em 1991. Cont.ISSN 1806-1117 Revista Brasileira de Ensino de Física (Impresso)	B1	2008
0798-1171	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Filosofia (Maracaibo)	C	2008
0102-6895	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Física Aplicada e Instrumentação	C	2008
1809-5585	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Informática Aplicada	B4	2008
1806-857X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Informática Mater Dei	C	2008
1806-8642	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Iniciação Científica da ULBRA Revista de Investigación Educacional (Cessou em 1989. Cont. ISSN 0798-0329 Revista de	C	2008
1010-2914	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Investigación (Caracas))	B4	2008
0717-7925	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de la Construcción (Santiago)	C	2008
0121-3814	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnologia	B2	2008
0104-3579	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Neurociências (EPM. Impresso)	C	2008
1415-5273	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Nutrição (Impresso)	B5	2008
0301-0406	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Patologia Tropical (Impresso)	C	2008
1516-0211	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Psicologia Hospitalar	C	2008
0101-6083	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Psiquiatria Clínica (USP. Impresso)	C	2008
0101-8108	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (Impresso)	C	2008
0370-694X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	Revista de Química Industrial	C	2008
1677-7522	ENSINO DE CIÊNCIAS E	Revista de Saúde Coletiva da UEFS	B5	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
8787	MATEMATICA	Revista de Saúde Pública (Online)	B4	2008
	ENSINO DE			
0034-	CIÊNCIAS E			
8910	MATEMATICA	Revista de Saúde Pública (USP. Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
1518-	CIÊNCIAS E			
3483	MATEMATICA	Revista Diálogo Educacional (PUCPR. Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
4906	MATEMATICA	Revista do GEL (Araraquara)	C	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
0428	MATEMATICA	Revista do Instituto de Ciências Humanas	C	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E	Revista do Instituto Histórico e Geographico		
4366	MATEMATICA	Brazileiro	B5	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
4981	MATEMATICA	Revista do Professor de Matemática	B5	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
9096	MATEMATICA	Revista do Programa Alfabetização Solidária	B5	2008
	ENSINO DE			
0100-	CIÊNCIAS E	Revista do Setor de Ciências Agrárias -		
607X	MATEMATICA	Universidade Federal do Paraná	C	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
0013	MATEMATICA	Revista Dor	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
3876	MATEMATICA	Revista e-Curriculum (PUCSP)	B5	2008
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
2582	MATEMATICA	Revista Educação (PUCRS. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
1519-	CIÊNCIAS E			
6194	MATEMATICA	Revista Educação e Cidadania	B4	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
7735	MATEMATICA	Revista Educação em Questão (UFRN. Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
1870-	CIÊNCIAS E			
8404	MATEMATICA	Revista Educación Química	B1	2008
	ENSINO DE			
1607-	CIÊNCIAS E			
4041	MATEMATICA	Revista Electrónica de Investigación Educativa	B4	2008
1850-	ENSINO DE	Revista Electrónica de Investigación en Educación	A2	2008

6666	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	ENSINO DE	en Ciências (En línea)		
1695-	CIÊNCIAS E				
7504	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Electrónica de Veterinaria	C	2008
1696-	CIÊNCIAS E				
4713	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Electrónica Iberoamericana Sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación	C	2008
1517-	CIÊNCIAS E				
1256	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental	B3	2008
1984-	CIÊNCIAS E				
0993	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Eletrônica Teccen	C	2008
0104-	CIÊNCIAS E				
3552	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Enfermagem UERJ	C	2008
1519-	CIÊNCIAS E				
6186	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Espaço Acadêmico (UEM)	C	2008
0104-	CIÊNCIAS E				
026X	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso)	C	2008
1697-	CIÊNCIAS E				
011X	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias	B1	2008
0104-	CIÊNCIAS E				
7043	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista FAEEBA	B5	2008
1982-	CIÊNCIAS E				
5854	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista FAFIRE (Impresso)	C	2008
1808-	CIÊNCIAS E				
0448	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Gestão Industrial	C	2008
1678-	CIÊNCIAS E				
1783	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Humanidades. Série Letras (FEOB)	C	2008
1022-	CIÊNCIAS E				
6508	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Iberoamericana de Educación (Impresa)	B4	2008
1681-	CIÊNCIAS E				
5653	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Iberoamericana de Educación (Online)	B4	2008
1806-	CIÊNCIAS E				
7573	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia	B3	2008
0104-	CIÊNCIAS E				
1169	MATEMÁTICA	ENSINO DE	Revista Latino-Americana de Enfermagem (USP. Ribeirão Preto. Impresso)	B5	2008

1665-2436	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista latinoamericana	C	2008
1518-8043	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Liberato (Novo Hamburgo)	C	2008
0103-880X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista médica de Minas Gerais (Belo Horizonte)	C	2008
1405-6666	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Mexicana de Investigación Educativa	B5	2008
1808-4478	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Outros Sertões	C	2008
1020-4989	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Panamericana de Salud Pública (Impresa) / Pan American Journal of Public Health (Impresa)	B5	2008
0103-0582	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Paulista de Pediatria (Impresso)	C	2008
1809-1865	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Pavimentação	C	2008
1809-0257	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Pesquisa Qualitativa	B4	2008
0870-5283	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Portuguesa de Filosofia	B4	2008
1676-1901	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Produção Online	C	2008
1809-3264	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Querubim	C	2008
1676-0468	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Solta a Voz	C	2008
1809-0044	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Tecnologia e Sociedade	B4	2008
1807-6963	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista Unibero de Turismo e Hotelaria	C	2008
1414-1892	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Revista UNICSUL	C	2008
1677-8308	ENSINO DE CIÊNCIAS E	Revista UNIFAMMA	C	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
9989	MATEMATICA	Revista USP	C	2008
	ENSINO DE			
2011-	CIÊNCIAS E			
5474	MATEMATICA	RLE (Pasto)	C	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
4311	MATEMATICA	Roteiro (UNOESC)	C	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
7056	MATEMATICA	Saneamento Ambiental	C	2008
	ENSINO DE			
1806-	CIÊNCIAS E			
4779	MATEMATICA	Saneas (São Paulo)	C	2008
	ENSINO DE			
1807-	CIÊNCIAS E			
6092	MATEMATICA	Saúde e Educação para a Cidadania	B5	2008
	ENSINO DE			
0920-	CIÊNCIAS E			
9964	MATEMATICA	Schizophrenia Research (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0926-	CIÊNCIAS E			
7220	MATEMATICA	Science & Education (Dordrecht)	A1	2008
	ENSINO DE			
1022-	CIÊNCIAS E			
6117	MATEMATICA	Science Education International	C	2008
	ENSINO DE			
0269-	CIÊNCIAS E			
8897	MATEMATICA	Science in Context	A2	2008
	ENSINO DE			
0971-	CIÊNCIAS E			
7218	MATEMATICA	Science, Technology and Society	B1	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
3166	MATEMATICA	Scientiae Studia (USP)	B1	2008
	ENSINO DE			
1492-	CIÊNCIAS E	SEED Journal. Semiotics, Evolution, Energy, and		
3157	MATEMATICA	Development	B1	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
3742	MATEMATICA	Semina (Londrina)	C	2008
	ENSINO DE			
0037-	CIÊNCIAS E			
1998	MATEMATICA	Semiotica (Berlin)	B3	2008
	ENSINO DE			
1578-	CIÊNCIAS E			
3065	MATEMATICA	Ser Médico	C	2008
1414-	ENSINO DE	Série-Estudos (UCDB)	C	2008

5138	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
1983-	CIÊNCIAS E			
3253	MATEMATICA	Simbio-Logias (Botucatu)	B5	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
4332	MATEMATICA	Sintese (Belo Horizonte. 1974)	B4	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
8841	MATEMATICA	Sitentibus (UEFS)	B5	2008
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
4194	MATEMATICA	Sképsis (Salvador. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
1389-	CIÊNCIAS E			
9457	MATEMATICA	Sleep Medicine (Amsterdam. Print)	C	2008
	ENSINO DE			
0103-	CIÊNCIAS E			
1570	MATEMATICA	Sociedade & Natureza (UFU. Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1517-	CIÊNCIAS E			
4522	MATEMATICA	Sociologias (UFRGS. Impresso)	C	2008
	ENSINO DE			
0038-	CIÊNCIAS E			
0806	MATEMATICA	Soil and Foundation	C	2008
	ENSINO DE			
0038-	CIÊNCIAS E			
1098	MATEMATICA	Solid State Communications	C	2008
	ENSINO DE			
1293-	CIÊNCIAS E			
2558	MATEMATICA	Solid State Sciences	C	2008
	ENSINO DE			
1355-	CIÊNCIAS E	Studies In History and Philosophy of Modern		
2198	MATEMATICA	Physics	A2	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
2053	MATEMATICA	Sumário Mineral	C	2008
	ENSINO DE			
0039-	CIÊNCIAS E			
7911	MATEMATICA	Synthetic Communications	C	2008
	ENSINO DE			
1980-	CIÊNCIAS E			
6086	MATEMATICA	Tecitura (Faculdade Juvêncio Terra)	C	2008
	ENSINO DE			
1414-	CIÊNCIAS E			
8498	MATEMATICA	Tecnologia & Cultura (CEFET/RJ)	B5	2008
	ENSINO DE			
0102-	CIÊNCIAS E			
5503	MATEMATICA	Tecnologia Educacional	B4	2008

1518- 5370	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Teias (Rio de Janeiro. Impresso)	C	2008
1415- 837X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Teoria e Prática da Educação	B5	2008
1982- 095X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Terr@ Plural (UEPG. Online)	B5	2008
1679- 2300	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Terrae Didatica (Impresso)	B3	2008
0002- 9637	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene	C	2008
0190- 3322	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Appalachian Voice	C	2008
1434- 6028	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The European Physical Journal. B, Condensed Matter Physics (Print)	C	2008
0021- 9258	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Journal of Biological Chemistry (Print)	C	2008
1550- 7408	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Journal of Eukaryotic Microbiology (Online)	C	2008
1029- 8479	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Journal of High Energy Physics (Online)	C	2008
0022- 3166	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Journal of Nutrition (Print)	C	2008
0343- 6993	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Mathematical Intelligencer	B5	2008
1551- 3440	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Montana Math Enthusiast	B5	2008
0031- 921X	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	The Physics Teacher	B3	2008
0040- 6090	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Thin Solid Films	C	2008
1096- 6080	ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMATICA	Toxicological Sciences (Print)	C	2008
0300- 483X	ENSINO DE CIÊNCIAS E	Toxicology (Amsterdam)	C	2008

	MATEMATICA			
	ENSINO DE			
0887-	CIÊNCIAS E			
2333	MATEMATICA	Toxicology in Vitro	C	2008
	ENSINO DE			
0041-	CIÊNCIAS E			
0101	MATEMATICA	Toxicon (Oxford)	C	2008
	ENSINO DE			
1516-	CIÊNCIAS E			
9537	MATEMATICA	Trabalho & Educação (UFMG)	B5	2008
	ENSINO DE			
1808-	CIÊNCIAS E			
799X	MATEMATICA	Trabalho Necessário	C	2008
	ENSINO DE			
1678-	CIÊNCIAS E			
1007	MATEMATICA	Trabalho, Educação e Saúde (Impresso)	B5	2008
	ENSINO DE			
1981-	CIÊNCIAS E			
7746	MATEMATICA	Trabalho, Educação e Saúde (Online)	B5	2008
	ENSINO DE			
1516-	CIÊNCIAS E			
0025	MATEMATICA	Traços (UNAMA)	B5	2008
	ENSINO DE			
0101-	CIÊNCIAS E			
3173	MATEMATICA	Trans/Form/Ação (UNESP. Marília. Impresso)	B4	2008
	ENSINO DE			
0035-	CIÊNCIAS E	Transactions of the Royal Society of Tropical		
9203	MATEMATICA	Medicine and Hygiene	C	2008
	ENSINO DE			
1517-	CIÊNCIAS E			
039X	MATEMATICA	Travessia (Olinda)	C	2008
	ENSINO DE			
1300-	CIÊNCIAS E			
0098	MATEMATICA	Turkish journal of Mathematics	C	2008
	ENSINO DE			
1815-	CIÊNCIAS E			
0640	MATEMATICA	Unión (San Cristobal de La Laguna)	B1	2008
	ENSINO DE			
1676-	CIÊNCIAS E			
0301	MATEMATICA	UNIPLI (Niterói)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
4651	MATEMATICA	UNIrevista (UNISINOS)	C	2008
	ENSINO DE			
0090-	CIÊNCIAS E			
4295	MATEMATICA	Urology (Ridgewood, N.J.)	C	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
8775	MATEMATICA	Varia História (UFMG. Impresso)	B5	2008
1676-	ENSINO DE	Veritati (UCSAL)	B5	2008

3459	CIÊNCIAS E MATEMATICA ENSINO DE			
0304-	CIÊNCIAS E			
4017	MATEMATICA	Veterinary Parasitology (Print)	C	2008
	ENSINO DE			
1516-	CIÊNCIAS E			
5450	MATEMATICA	Videtur (USP)	C	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
270X	MATEMATICA	Vidya (Santa Maria)	B5	2008
	ENSINO DE			
1982-	CIÊNCIAS E			
5951	MATEMATICA	Vita et Sanitas (FUG. Online)	C	2008
	ENSINO DE			
1809-	CIÊNCIAS E			
1636	MATEMATICA	Vivências (URI. Erechim)	B5	2008
	ENSINO DE			
1677-	CIÊNCIAS E			
8839	MATEMATICA	Vox Scientiae	C	2008
	ENSINO DE			
1109-	CIÊNCIAS E			
2777	MATEMATICA	WSEAS Transactions on Systems	C	2008
	ENSINO DE			
1668-	CIÊNCIAS E			
7035	MATEMATICA	Yupana (Santa Fe)	B5	2008
	ENSINO DE			
1863-	CIÊNCIAS E			
9690	MATEMATICA	ZDM (Berlin. Print)	A1	2008
	ENSINO DE	ZDM. Zentralblatt für Didaktik der Mathematik		
0044-	CIÊNCIAS E	(Cessou em 2005. Cont. ISSN 1863-7892		
4103	MATEMATICA	MATHDI, MATHEDUC)	A1	2008
	ENSINO DE			
0939-	CIÊNCIAS E	Zeitschrift für Naturforschung. C, A Journal of		
5075	MATEMATICA	Biosciences	C	2008
	ENSINO DE			
0104-	CIÊNCIAS E			
4877	MATEMATICA	Zetetike (UNICAMP)	B1	2008
	ENSINO DE			
1175-	CIÊNCIAS E			
5334	MATEMATICA	Zootaxa (Online)	C	2008